

Perseguindo um gene ...
Que caminhos?

António Rodrigues Morais

Perseguindo um gene ...
Que caminhos?



Núcleo de Estudos de População e Sociedade

Título:

Perseguindo um gene...

Que caminhos?

Autor:

António Rodrigues Morais

Colecção:

Monografias 16

Edição:

Núcleo de Estudos de População e Sociedade

Instituto de Ciências Sociais

Universidade do Minho

Guimarães/2004

Depósito legal:

211032/04

ISBN:

972-95433-4-8

Composição:

JDF/NEPS

Ilustração da capa:

Joaquim Manuel Figueiredo

Impressão e acabamento:

Gráfica Vilaverdense, Artes Gráficas, LDA.

Apartado 37, 4734-909 Vila Verde

Direitos reservados:

Autor

e

NEPS

Núcleo de Estudos de População e Sociedade

Universidade do Minho

Campus de Azurém

4800-058 GUIMARÃES

Edição integrada no projecto:

Espaços Rurais e Urbanos: Micro-análise de comportamentos demográficos, de mobilidades geográfica e social e dinâmicas culturais - Sécs. XVI – XX

Aos meus Pais

À Conceição, pelo apoio permanente.

À Maria Mavíldia, Cecília Paula, Diana, Mavi, Hugo e Maria Luís.

Nuno Ricardo

“Quim Manel”.

Agradecimentos

Aproveito a oportunidade para agradecer em primeiro lugar às minhas orientadoras, Professora Doutora Norberta Amorim, Professora Catedrática, Directora do Núcleo de Estudos de População e Sociedade – Instituto de Ciências Sociais – Universidade do Minho, e Professora Doutora Alda de Sousa, Professora Associada do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto, pela permanente disponibilidade e pelo seu saber em oportunas observações e intervenções na construção desta tese. Agradeço sinceramente as suas palavras de encorajamento e apoio em momentos cruciais.

A outras pessoas e entidades amigas, que passo a nomear, por terem contribuído de uma ou de outra forma para a realização deste trabalho:

Associação Portuguesa de Paramiloidose, na pessoa do Presidente da Direcção, Enf^o. Carlos Figueiras, Vila do Conde.

Doutora Teresa Coelho, do Centro de Estudos de Paramiloidose, Porto.

Câmara Municipal da Covilhã.

Enf^a. Margarida Pereira Santos, Tortosendo.

Junta de Freguesia de Unhais da Serra.

Dr. Amadeu Monteiro, Director do Arquivo Distrital de Castelo Branco.

Monsenhor M. Amorim, Póvoa de Varzim.

Dr. Guilherme Dias Ferreira Braga da Cruz, Porto.

Dr. Luís Carlos Coelho Martins, Braga.

Câmara Municipal de Penacova.

D. Paula Cação, Biblioteca Municipal de Penacova.

Agradeço também aos funcionários do Núcleo de Estudos de População e Sociedade, muito especialmente à Sra. D. Isabel Salgado sempre disponível e simpática para ajudar, ao Daniel Freitas pelo apoio informático e ao Rui Faria, meu companheiro na recolha de dados no Arquivo Distrital de Castelo Branco.

Apresentação

António Rodrigues Morais, ao frequentar o Mestrado em História das Populações, tinha à partida um objectivo muito definido: explorar as potencialidades da metodologia de reconstituição de paróquias na despistagem, em longa duração, de uma doença geneticamente transmissível – a polineuropatia amiloidótica familiar (PAF).

As dificuldades e as dúvidas eram muitas, para António Morais e para mim própria, como Directora do Mestrado. Sabíamos que os registos paroquiais nos podiam fazer recuar quatro ou mais séculos, mas sabíamos também que a informação disponível nem sempre é sistemática, e, mesmo sistemática, nem sempre é satisfatória para a identificação pretendida. Com registos paroquiais de qualidade, aplicando a metodologia de reconstituição de paróquias, sabíamos que seria possível montar uma base de dados com o percurso de vida de cada indivíduo residente, em cadeia genealógica, e sabíamos que essa base seria muito importante para os objectivos em vista.

António Morais há três décadas que se aproximava de médicos e investigadores de uma doença que afectava a sua família. Conhecera o Doutor Corino de Andrade e conhecia a Doutora Alda de Sousa, que convidou para orientar o seu trabalho na especialidade. Abria-se, através dele, uma via de cruzamento entre duas especialidades, a Demografia Histórica e a Genética. As sessões de trabalho que se seguiram foram sempre enriquecedoras e estimulantes.

O trabalho foi-se definindo. Reconstituída a comunidade de Unhais da Serra, uma comunidade do centro interior, de onde eram naturais onze doentes registados no Centro de Estudos de Paramiloidose, no Porto, pacientemente, António Morais foi identificando e aprofundando o percurso de vida de cerca de seis centenas de antepassados desses doentes, ao longo de dois séculos. As análises comparativas a que procedeu entre a comunidade e essas famílias de risco constituem em si um enriquecimento tanto para a Demografia História como para o estudo da doença.

Talvez tenha chegado o momento de investigadores e responsáveis institucionais olharem para o significado do trabalho de António Morais, de aprenderem com a sua força e determinação, para uma procura interdisciplinar de problemáticas fundamentais que identifica neste trabalho, como o local e data em que terá surgido a mutação, sua unicidade e forma de dispersão do gene pelo espaço nacional.

Maria Norberta Amorim

Professora Catedrática da Universidade do Minho

Prefácio

António Morais, que conheço desde há pelo menos 25 anos, é pessoa de muitos interesses e diversificadas actividades. Uma motivação pessoal conduziu-o à dedicação generosa a uma doença e a toda uma comunidade de doentes e famílias afectadas com a paramiloidose (PAF).

O seu percurso, por demais interessante, foi sempre o de pessoa inconformada na procura do saber: começa com o seminário (que deixa em 1956), faz o curso liceal – primeiro conclui a “alínea” de Economia (1959), depois faz a de Letras (1966) – já após ter ingressado na vida profissional, na CGD e Banco Portugal. Licencia-se depois em Português e História.

Ao mesmo tempo que trabalha e estuda, frequenta o Institut Français, participa na vida civil e política, e funda, com outros, a Associação Portuguesa de Paramiloidose (1979), de que é presidente ou membro da direcção até 1997, e hoje sócio honorário. Prossegue a sua valorização profissional e pessoal com assuntos tão diversos quanto um curso de gestão de empresas e um de naturopatia. Publica poesia, diversos artigos na imprensa regional e um livro sobre paramiloidose.

Inicia então um Mestrado, que conclui em 2004, no campo da demografia histórica, uma área relativamente recente, na interface de áreas tão variadas como a história, a epidemiologia, a geografia, a demografia e a genética. É esta capacidade de fazer pontes entre áreas diversas e abrir novas fronteiras que se pode e deve esperar de uma pessoa curiosa e multifacetada. E é isso que, como neste caso, tantas vezes faz a diferença.

Tarefa difícilíssima aquela a que se propôs: encontrar a origem da doença em sete das famílias de Unhais-da-Serra – os unhais (as *raízes*) da PAF em Unhais. Apesar de não o ter conseguido plenamente (alguém o conseguiria?), ficámos sem dúvida muito mais perto do que estávamos antes: Morais identifica quatro antepassados comuns a todas as famílias, vivendo já no século XVII em Unhais: três ali nascidos, o quarto vindo

de Alvoco da Serra, o que as pode vir a aproximar de outras famílias vizinhas, do outro lado da Serra, como as de Valezim, S. Romão e Seia.

Mas é enorme a dificuldade em demonstrar uma hipótese, baseando-nos apenas em teorias de movimentos e tendências, de fluxos migratórios, de ligações comerciais, quando basta uma pessoa (quem sabe se contra todas as tendências e movimentos migratórios) para introduzir o gene de uma doença dominante numa dada comunidade. Porque haveria de ser a Póvoa ou Vila do Conde a origem da doença em Buarcos ou em Unhais? Porque não Barcelos ou Braga (ou Porto ou Matosinhos, ou outro local qualquer)? E porque não poderá o gene mutante ter ido de Seia (onde há doentes registados) para Buarcos (movimento que de resto demonstra ter existido), em vez do sentido inverso? Não pode ter sido Seia (ou a Covilhã) a origem da doença em Buarcos e em Unhais? Não era um dos antepassados de risco de Alvoco da Serra (Seia)? E os comerciantes de lã da Loriga em Vila do Conde, que aqui são mencionados? E as termas “que começam a ser utilizadas aquando do povoamento do lugar”, antes apenas um ponto de passagem e de apoio para a transumância dos de Paúl. E porque não pode ter havido uma introdução da mutação nas famílias 1 a 6 (a partir do António Pereira de V.N. Cerveira, falecido com 63 anos) e uma outra diferente para a família 7 (um casamento “de fora” ou com alguém de uma das suas famílias 1 a 6)?

Enfim, são intermináveis as possibilidades e difícilíssimas as respostas. Mas, mais do que as respostas, interessa sublinhar que este é, sem qualquer dúvida, um trabalho de grande qualidade, que usa metodologias apropriadas e conduz a resultados muito interessantes e inovadores.

António Morais abriu inexoravelmente um caminho (o da “*genética histórica*” da PAF) para se poder vir a alargar este mesmo trabalho às freguesias vizinhas do concelho de Seia ou à Covilhã, ou à paróquia de Paúl, à qual o “pequeno lugar” de Unhais pertencia nos séculos XV e XVI, e onde poderá estar (estará?) o segredo da origem do antepassado comum transmissor da PAF naquela zona do nosso país.

O seu outro objectivo principal (na âmbito da “*demografia histórica*”), esse é plenamente alcançado, conseguindo demonstrar, através de índices demográficos, comportamentos diferenciais entre os

descendentes dos referidos casais e a restante comunidade. Esta parece ser uma explicação cabal para a difusão da doença, com a prevalência hoje conhecida naquela região. Seria interessante comparar agora os valores desses índices com os das famílias das localidades vizinhas, assim como o de umas e outras com os das famílias afectadas da Póvoa, Barcelos ou Braga.

Espero que o seu trabalho frutifique e alguém lhe venha a seguir o exemplo, prosseguindo esse estudo, quem sabe integrando os poderosos métodos da genética molecular com os da demografia histórica. De António Morais ficamos agora à espera do seu doutoramento e de novas abordagens a estes ou outros temas, que serão, sem dúvida, igualmente surpreendentes.

Jorge Sequeiros

Professor de Genética Médica

Instituto de Biologia Molecular e Celular da Universidade do
Porto

INTRODUÇÃO

1. Motivações do trabalho

Um mês após o diagnóstico de “polineuropatia amiloidótica familiar” (PAF) à minha falecida mulher, um de sete casos de uma família de onze irmãos, oito raparigas e três rapazes, encontrei-me com o Doutor Corino de Andrade, no seu consultório, no Porto, com uma leve esperança de ouvir da boca do Professor que um remédio eficaz na cura da doença não estaria muito longe de ser descoberto.

Mas a verdade foi nua e crua. Mostrou-me um longo e árido caminho a ser percorrido para lá chegar.

O doente mais antigo desta família, conhecido por história, foi um bisavô, nascido em 1836, no lugar de Bouçós (proveniente da “Casa do Alferes”), na freguesia da Lage, Concelho de Vila Verde, que por sua vez transmitiu a doença à avó e esta à mãe que teve onze filhos, sete dos quais afectados, seis do sexo feminino e um do sexo masculino.

Estes onze jovens, todos altos e robustos, saudáveis e divertidos, eram sobrinhos da mulher de um médico da aldeia, com quem viviam, e que ainda utilizava o ouvido como estetoscópio, e prescrevia remédios fabricados na “botica”.

Como ia dizendo, uma vez no consultório do Doutor Corino, este fixou-me, e sem a menor referência ao caso da minha mulher, que era o motivo que me levava lá, perguntou-me, com frontalidade, se estava triste.

Muito, respondi. Então, aconselhou-me a distrair, tratando de roseiras, podando-as e enxertando-as, que era o que ele fazia.

Achei a ideia interessante falar com flores, em silêncio, e sentir nas suas cores e no seu perfume a vida daquele momento que deveria acariciar.

Mas não me deixou sair sem nada, ao encarregar-me de uma tarefa que era descobrir possíveis ligações familiares entre as “Farias” (nome pelo qual era conhecido no Centro de Estudos de Paramiloidose

(CEP) a família de minha mulher, mas a doença provinha do ramo dos “Ferreiras”) e gente proveniente da região da Póvoa de Varzim.

Confesso que me senti honrado com o pedido, mas muitos anos se passaram até que pudesse dar a resposta.

Por volta de 1974, procurei informar-me junto dos mais velhos sobre a história da família da “Casa do Alferes”, ouvindo testemunhas, lendo uma monografia dessa casa feita pelo pároco, ao tempo o Padre Machado Vilela, um livro de confrarias, registos paroquiais até meados do século XVII, mas nunca consegui encontrar ligações com a Póvoa.

Porém, a minha actividade profissional e o tipo da minha formação académica mantiveram-me afastado dessa área durante muito tempo.

Hoje sinto pesar por não ter podido voltar ao consultório do Doutor Corino de Andrade para lhe dizer que não tinha encontrado quaisquer elos com a Póvoa de Varzim. Não fui capaz de lhe confessar o que julgava ter sido um insucesso.

Em 1979 era criada a Associação Portuguesa de Paramiloidose, com sede provisória no Hospital Geral de Santo António, no Porto, e desde essa data, passei a pertencer aos seus corpos directivos até 1997. Assim, para me redimir da falta, pois sabia que o Doutor Corino lia religiosamente o Jornal da Associação Portuguesa de Paramiloidose, e aproveitando o apelo da Doutora Paula Coutinho inserido no dito jornal de Julho/88, com o título, “Comece a fazer a sua árvore familiar”, publiquei no nº16 do mesmo, de Julho de 1989, o resultado das investigações solicitadas pelo Professor, através de um texto intitulado “Seria de facto um Alves que trouxe a doença do Brasil?”. Isto porque existia a tradição na família que tinha sido um “Alves” que trouxera a doença do Brasil e a monografia da Casa do Alferes confirmava que a mesma tinha sido erigida por fortunas acumuladas de “brasileiros” desde meados do século XVIII, altura das grandes emigrações atraídas pela descoberta e exploração das minas de ouro e diamantes.

O trabalho incluía também uma árvore genealógica até meados do séc. XVII, não apenas de costados, mas parcialmente também alargada a colaterais e poucas fratrias. (Infelizmente apenas houve esta resposta ao pedido da Doutora Paula Coutinho, entre milhares de sócios da APP).

Pouco tempo depois, repensando o assunto, reparei existir na pesquisa uma brecha que a tornava vulnerável. Faltava proceder a uma operação que, no meu entender, reputo de essencial: quando, num caso concreto de uma doença hereditária como esta, não aparece na cadeia genealógica alguém proveniente dos locais tradicionalmente considerados com ligação à origem da mutação, é prudente verificar as naturalidades de todas as pessoas constantes dos registos da freguesia, pois poder-nos-ão mostrar alguém proveniente dos focos de maior prevalência, que nos daria um sinal importante a ter em atenção.

Fazendo uma pausa neste momento, aproveito para me interrogar, que rumo teria levado a investigação se tivesse encontrado alguém nos registos paroquiais, proveniente da Póvoa de Varzim/Vila de Conde? Teria valorizado este dado? A resposta é afirmativa.

Enquanto pensava na história desta família, nas suas ligações hipotéticas e desconhecidas, e reparava no mapa da disseminação da patologia pelo País, outras famílias com as suas histórias, comunidades e populações me vinham ao pensamento, divagando sobre as causas das suas movimentações, talvez multisseculares, e tentando reproduzir por imaginação o concreto do seu dia a dia.

A curiosidade despertada pelo facto de ter aparecido na Serra da Estrela, por volta dos meados do século XX, um número significativo de doentes, numa região montanhosa e aos nossos olhos isolada, e ter interiorizado que a PAF era uma doença predominantemente do litoral, levou-me a deitar mãos a este projecto de estudo.

2. Razões de uma escolha

Situando-se a freguesia de Unhais da Serra no sopé sudoeste da Serra da Estrela, cercada por cumeadas, aparentando uma «ilha», com difíceis comunicações, pensámos possuir as condições ideais para, com mais facilidade, isolar alguém que lá tivesse entrado proveniente de qualquer região de grande prevalência de PAF.

3. Objectivos

Neste trabalho será utilizada uma metodologia conhecida por “*Reconstituição de paróquias*”¹ que colmatará a brecha de que nos apercebemos aquando da pesquisa de algum/a eventual poveiro/a que terá entrado para a família das “Farias” da freguesia da Lage, concelho de Vila Verde, e mais, que recriará o cenário do quotidiano de uma comunidade serrana, agro-pastoril, no período de dois séculos, de 1699 a 1899, mas esta pertencente ao concelho da Covilhã, Distrito de Castelo Branco, e que um dia foi molestada, julgamos, pela entrada de alguém que afectou a saúde e a vida de algumas famílias, de forma continuada, nas centúrias que iremos analisar. Assim este estudo visa essencialmente atingir os seguintes objectivos:

- criar uma base de dados através de processos metodológicos próprios, constituída por dois ficheiros, um de famílias e outro de indivíduos, em encadeamento genealógico e geográfico, onde constará toda a população da paróquia que lá nasceu, casou e morreu;

- averiguar se alguém proveniente da área da Póvoa de Varzim e Vila do Conde ou da região litoral Centro, nomeadamente do concelho da Figueira da Foz, entra na freguesia e lá constitui família e se reproduz;

- extrair da citada base de dados as genealogias ascendentes de sete famílias de doentes afectados com “PAF”, nascidas no século XX;

- descobrir casais ancestrais comuns às sete famílias e as suas proveniências geográficas;

- observar, a partir das suas genealogias descendentes, os comportamentos demográficos de Nupcialidade, de Fecundidade, de Mortalidade e de Mobilidade dos casais que se sucedem na cadeia genealógica, acompanhando a forma como o gene letal permanece e se dissemina na povoação;

- analisar, no campo histórico e demográfico, os comportamentos demográficos de Nupcialidade, de Fecundidade, de

¹ Cf. Amorim, Maria Norberta, (1991) “Uma metodologia de reconstituição de paróquias sobre registos portugueses” in *Boletín de la Asociación de Demografía Historica*, X-1, pp. 7-25.

Mortalidade e de Mobilidade da comunidade de Unhais da Serra, com um regime fundiário peculiar e com características geográficas, ambientais, económicas e sócio-culturais específicas, e atentar à forma como as diversas gerações se foram reproduzindo;

- descobrir, por meio dos indicadores obtidos, comportamentos diferenciais entre os descendentes dos casais ancestrais comuns, designados por nós «grupos de risco», e os da comunidade, e apresentar as respectivas interpretações.

CAPÍTULO I

1. A Polineuropatia Amiloidótica Familiar

A “Polineuropatia Amiloidótica Familiar” (PAF-tipo I), também conhecida por “paramiloidose” e vulgarmente por “mal dos pèzinhos”, é uma doença genética, hereditária, autossómica de carácter dominante.

Trata-se de uma afecção do sistema nervoso periférico, altamente incapacitante, que se revela na idade adulta, em média por volta dos trinta anos, em Portugal, desenvolvendo-se durante cerca de dez a quinze anos com uma evolução letal.

Além de possuir uma grande variedade de sintomas, registamos entre eles a impotência sexual nos homens e a perda de sensibilidade ao quente e ao frio que começa pelas extremidades dos membros e termina na perda do equilíbrio e da locomoção.²

Referimos aqui a impotência sexual nos homens, pelo facto de tal limitação se repercutir na dimensão da família, isto é, no número de filhos.

Iremos ver no Capítulo IV, na descrição dos elos genealógicos das sete famílias de risco, as variáveis e indicadores que poderão indiciar nos portadores e transmissores do gene mutante sintomas próprios da enfermidade.

1.1. História da sua identificação

Ao examinar, em 1939, uma residente e natural da Póvoa de Varzim, que apresentava um cenário neurológico “peculiar” cuja classificação não se enquadrava em qualquer situação patológica conhecida, e pouco tempo depois de ter observado novos casos em familiares daquela paciente e noutros moradores da mesma zona, Corino de Andrade logo reconheceu ter identificado uma nova entidade clínica. Em 1952 descreve-a na conceituada revista britânica “*Brain*”³.

Desde a sua identificação, esta patologia jamais deixou de ser estudada nos seus aspectos clínicos, genéticos, bioquímicos e outros. As

² Andrade C. A peculiar form of peripheral neuropathy. *Brain* 1952; **75**: 408-427.

³ Andrade C. A peculiar form of peripheral neuropathy. *Brain* 1952; **75**: 408-427.

características genética, hereditária e dominante estão cientificamente provadas por PE Becker, desde 1964.⁴

1.2. Caracterização genética

1.2.1. A mutação e o erro bioquímico

Um gene localizado no cromossoma 18, sofreu um dia uma mutação, passando a transmitir uma informação errada, tendo como consequência o fabrico de uma proteína ligeiramente diferente da normal, com uma simples troca de um aminoácido por outro num ponto da sua molécula, ou seja de uma valina por uma metionina na posição 30. É a transtirretina (TTR) a substância TTR Met30 o indicador da presença do gene errado, também chamado mutante.

Ao longo de várias décadas, diversos aspectos da PAF foram aprofundados nas várias especialidades científicas, entre elas na Genética. São de destacar os avanços assinalados no campo da Bioquímica com o estudo da substância amiloide e, mais tarde, com a descoberta do seu precursor, a TTR Met 30, o marcador genético da Paramiloidose. Estas investigações efectuadas pelo Dr. Pinho Costa e pela Dra. Maria João Saraiva, tornaram possível o teste molecular pré-sintomático.

1.2.2. Como se transmite

A paramiloidose é uma patologia que se transmite de pais para filhos sem saltar gerações. Alguns aparentes saltos são explicados pelos pais terem sido portadores que não manifestaram durante a vida a afecção – são os chamados portadores assintomáticos. Quando num casal um dos progenitores é afectado, há 50% de probabilidades de este transmitir a doença aos seus descendentes. Os que nascem sem a doença jamais a poderão transmitir.

⁴ Becker PE, Antunes L, Ribeiro do Rosário M, Barros F. Paramyloidose der peripheren Nerven in Portugal. *Z menschl Vererb –u Konstit –Lehre* 1964; **37**:329-364.

1.3. Caracterização epidemiológica

1.3.1. A PAF em Portugal

Como poderemos ver pelo Quadro I, em 2003, os focos mais significativos continuam a localizar-se a norte, nos concelhos da Póvoa de Varzim, Vila do Conde, Barcelos, Esposende, Braga e Porto e no Centro, nos concelhos da Figueira da Foz, Covilhã e Seia. Estes dados foram extraídos da base do Centro de Estudos de Paramiloidose do Porto e amavelmente fornecidos pelo mesmo.

Na costa, está radicada também em Matosinhos, Vila Nova de Gaia e Ovar.

Para sul, além de Lisboa, tem vindo a aparecer a afecção em localidades onde se desconhecia a sua existência.

Mas é do interior da Serra da Estrela, dos concelhos da Covilhã e de Seia que, a partir de meados do século XX, começam a aparecer no Serviço de Neurologia do Hospital Geral de Santo António do Porto, os primeiros doentes dessa região. Não tardou muito que aí fosse reconhecida uma concentração destes pacientes em Unhais da Serra.

QUADRO 1
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS DOENTES COM PAF

Distrito	Concelho (origem)	Nº doentes	Nº famílias
Aveiro	Aveiro	1	1
	Castelo de Paiva	1	1
	Espinho	6	1
	Estarreja	3	2
	Feira	22	5
	Murtosa	1	1
	Oliveira do Bairro	1	1
	Ovar	34	7
	S. João da Madeira	7	
Beja	Ferreira do Alentejo	1	1
Braga	Amares	8	3
	Barcelos	281	64
	Braga	185	44
	Cabeceiras de Basto	1	1
	Esposende	112	28
	Guimarães	2	1
	Póvoa de Lanhoso	1	1
	Terras de Bouro	4	2
	Vieira do Minho	1	1
	V. N. Famalicão	31	9
	Vila Verde	29	5
Bragança	Bragança	2	1
	Freixo-de-Espada-à-Cinta	1	1
	Mirandela	1	1
	Torre de Moncorvo	2	2
Castelo Branco	Belmonte	1	1
	Covilhã	61	28
	Fundão	4	3

**DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS DOENTES COM PAF
(CONTINUAÇÃO)**

Distrito	Concelho (origem)	Nº doentes	Nº famílias
Coimbra	Arganil	1	1
	Cantanhede	3	2
	Coimbra	10	5
	Figueira da Foz	102	42
	Montemor-o-Velho	4	4
	Oliveira do Hospital	11	7
	Pampilhosa da Serra	21	10
	Soure	8	6
Guarda	Figueira de Castelo Rodrigo	1	1
	Meda	1	1
	Seia	50	18
	V. N. Foz Coa	3	2
Leiria	Alcobaça	2	1
	Ansião	2	1
	Leiria	2	1
	Pombal	6	2
Lisboa	Alenquer	3	3
	Lisboa	23	16
Porto	Baião	11	2
	Gondomar	2	2
	Maia	6	2
	Marco de Canavezes	2	1
	Matosinhos	31	13
	Porto	86	27
	Póvoa de Varzim	480	99
	Sto. Tirso	12	3
	Valongo	1	1
	Vila do Conde	156	46
V. N. Gaia	22	13	

**DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS DOENTES COM PAF
(CONTINUAÇÃO)**

Distrito	Concelho (origem)	Nº doentes	Nº famílias
Santarém	Alpiarça	3	1
	Cartaxo	2	2
	Salvaterra de Magos	4	3
Setúbal	Almada	1	1
	Barreiro	1	1
	Montijo	1	1
Viana do Castelo	Caminha	6	2
	Monção	1	1
	Paredes de Coura	9	1
	Viana do Castelo	11	4
Vila Real	Mesão Frio	1	1
	Sabrosa	1	1
Viseu	Carregal do Sal	2	2
	Cinfães	2	1
	Nelas	2	2
	Penalva do Castelo	1	1
	Sta. Comba Dão	5	1
	Tondela	8	4
	Viseu	15	8
	Vonzela	1	1
TOTAL		1943	588

1.3.2. A PAF noutros países

Sabemos que inúmeros casos associados à mesma mutação da TTR Met.30 foram descritos pelo Mundo, em focos mais ou menos significativos, na Suécia, no Japão, no Brasil, nos EUA, em Maiorca, e recentemente em países europeus tradicionalmente receptores de emigrantes portugueses, como a França e a Alemanha.

Com a descoberta de uma proteína anormal, marcador bioquímico (TTRMet.30) no sangue dos doentes, uns anos posteriores a 1978, foi possível chegar ao desenvolvimento de um teste numa fase assintomática que levou ao diagnóstico de doentes com a mesma mutação da TTR em diversas famílias italianas, gregas, cipriotas, numa turca, noutra finlandesa e em várias famílias americanas.⁵

2. Origem e difusão da mutação genética - Hipóteses e dificuldades

Permanecem por esclarecer, e deverá continuar por muito tempo um mistério, a data e o local da ocorrência da mutação.

Enquanto Klein avança com a hipótese de que o/a primeiro/a doente terá nascido há cerca 500 anos na região da Póvoa de Varzim/Vila do Conde, Becker pensa que o evento mutacional terá ocorrido há cento e cinquenta anos dentro da classe piscatória poveira. Em nossa opinião é a hipótese de Klein que terá mais consistência, uma vez que a de Becker não resiste a uma análise mais aprofundada. Conhecemos histórias familiares de doentes, sem ligações com a região da Póvoa de Varzim, desde 1836. Veremos também no Capítulo IV que, a não terem acontecido outras mutações no mesmo *locus* genético, como até agora é sugerido pelo estudo dos haplótipos na população portuguesa⁶, o mutante terá migrado para Unhais da Serra antes das últimas décadas do séc. XVII.

⁵ Sousa, Alda, “A Variabilidade Fenotípica da Polineuropatia Amiloidótica Familiar: Um Estudo de Genética Quantitativa em Portugal na Suécia”, p.22.

⁶ Almeida R, Oishi A, Sasaki Y, Holmgren G, Drugge U, Ferlini A, Salvi F, Munar-Quès M, Benson M, Costa PP, Saraiva MJM. Haplotype analysis of common transthyretin mutations. Human Genetics 96: 350-354, 1995.

Em relação à data da ocorrência da mutação em Portugal, julgamos poder pensar o seguinte: os doentes portugueses e parte dos japoneses com PAF, associam-se à mesma origem mutacional da TTR Met 30; os portugueses chegaram ao Japão em 1543 e em virtude de problemas religiosos, acabaram uns por ser massacrados e os restantes definitivamente expulsos desse País, em 1639, tendo estado os dois países de relações diplomáticas e comerciais cortadas até 1860.⁷ Quem os substituiu no intercâmbio comercial foram os holandeses. Partindo do princípio de que na Holanda não existia PAF, parece poder concluir-se que foram os portugueses que a levaram para as ilhas nipónicas nesse período de quase um século, e que, assim sendo, esta patologia era já uma realidade na primeira metade do século XVI, em Portugal.

Quanto aos caminhos que a PAF terá seguido, foi também o geneticista citado, o primeiro a sugerir a expansão pela costa a norte e a sul da Póvoa de Varzim e a posterior chegada à Figueira da Foz e o rumo pelo interior até Unhais da Serra.⁸

Se isso parece ser linear no espaço, é importante saber em que tempo histórico foi acontecendo a progressão. Não poderemos avançar sobre o conhecimento da forma como a PAF se dispersou pelo território nacional, sem o recurso à consulta de documentos apropriados, observando a mobilidade das pessoas, neste caso, dos registos paroquiais, especialmente dos de casamento.

É provável que a PAF se tenha disseminado, ao longo de séculos, pelas povoações, onde se terá fixado com a constituição de algumas famílias, e que depois se tenha perdido a memória da sua origem.

Uma vez introduzido o alelo letal, encontrou em algumas comunidades condições de sobrevivência, transformando-se depois em pólos irradiadores, como é o caso concreto de Unhais da Serra, onde em Lisboa foram diagnosticados doentes provenientes desta região, juntamente com outros de diversas origens, predominantemente da

⁷ Janeira, Armando Martins, “ o impacte português sobre a civilização japonesa”, p.282 – Publicações Dom Quixote

⁸ Sousa, Alda, in ob. cit. p.56.

Póvoa de Varzim, que se deslocaram, seguindo os destinos da emigração em busca de uma vida melhor.

Posto isto, transcrevemos as palavras da autora da tese de doutoramento sobre “ A Variabilidade Fenotípica da Polineuropatia Amiloidótica Familiar: Um Estudo de Genética Quantitativa em Portugal e na Suécia”, Alda Sousa, e reveladoras da necessidade de se fazerem estudos sobre esta matéria quando afirma que, para se tratarem destas questões, *têm feito falta não só outras abordagens do tipo genealógico/histórico, mas também na área da epidemiologia geográfica ou da epidemiologia genética*⁹.

Realmente, em nossa opinião, este é o caminho, e ao acabar de ler estas linhas, sentimo-nos encorajados a retomar este projecto há anos mantido em suspenso.

Para o Antigo Regime e mesmo para parte da Idade Contemporânea, existem de facto limitações sérias e difíceis de transpor ao lidar-se com este tipo de estudos genealógicos e históricos. São muitas as complexidades, como a transmissão dos apelidos de pais para filhos aparentemente sem regras, os homónimos que se repetem, a adopção do apelido da mãe ou do pai ou até dos padrinhos e a incorporação de alcunhas nos apelidos. Só com uma metodologia especial conseguiremos ultrapassar estas barreiras que abordaremos no Capítulo II.

O que consideramos ser, na verdade, uma dificuldade intransponível é o facto de a mutação ter ocorrido por volta de meados do século XV, como preconiza Klein, e anteriormente a essa data não existirem registos paroquiais. De facto, só a partir do Concílio de Trento (que durou 8 anos, entre 1545 e 1563) começa a ser obrigatório os padres fazerem os assentos de baptismo/nascimento e de casamento, embora alguns já anteriormente procedessem a esses registos.

Contudo podemos socorrer-nos de outros documentos, nomeadamente dos Forais e das Inquirições do séc. XIII, que nos dão uma ideia sobre a movimentação comercial e de pessoas na orla marítima norte, do Porto à foz do Rio Minho, e que vamos poder confirmar a sua continuidade através dos primeiros registos paroquiais

⁹ Idem, ibidem, p.57.

da Póvoa de Varzim, a partir de 1542, que nos fornecem a informação sobre a naturalidade de noivos que entram na povoação pelo casamento.

Por Alberto Sampaio ficamos a saber que nas centúrias seguintes ao ano 922, altura em que grassava a pirataria dos normandos pela costa¹⁰, e nas três gerações que se seguiram a D. Afonso Henriques, fundador da nacionalidade, o litoral de Entre Douro e Minho movimentava-se cheio de vida, com a pesca ora no mar ora nas barras dos rios Lima e Ave e talvez na do Minho e que a cabotagem era generalizada¹¹.

Seguindo o roteiro do geneticista citado, decidimos começar o nosso estudo pela consulta dos registos de casamento da Póvoa de Varzim (póvoa criada por D. Dinis, por carta foral de 9 de Março de 1308¹²) do séc. XVI, e através destes verificámos que a esta terra vieram casar nubentes provenientes das povoações próximas e limítrofes do litoral e do interior, como Vila do Conde, “Averomar”, Fão, Barcelos e de outras mais longínquas, da Galiza ao Algarve e de Trás-os-Montes ao Minho.¹³

Realmente as distâncias geográficas das localidades dos nubentes que entraram nesta terra pelo casamento, e aqui referimos apenas um diminuto número de casos, como Leça (em 1550), Viana (em 1555), Lisboa (em 1569), Óbidos, *Buarcos* e Arrifana do Porto (três casamentos celebrados em 1573), Aveiro (em 1576 e 1586), *Vila Nova de Cerveira* (em 1580), Setúbal (em 1591) e outros de comunidades do interior mais distante, como Santa “cruz” (Santa Cruz do Douro), “Baão”, do Concelho de Baião, não impediram alguns enlacs em datas relativamente remotas.

Não deixa de ser surpreendente a existência de PAF, em 1992, na maior parte das localidades donde eram originários os noivos.¹⁴

¹⁰ Sampaio, Alberto – Estudos Históricos e Económicos “As Póvoas Marítimas”, p.75.

¹¹ *Ibidem*, p.85

¹² Silva, Manuel - «Varazim de Jusão, nas formulas municipais d’Herculano», sep. Do nº. 14 da Revista de História, 1915, p. 10.

¹³ Amorim, M. – A Póvoa Antiga (Dois Estudos Sobre a Póvoa de Varzim, séc.X-XVI., p.88.

¹⁴ Sousa, Alda, in ob. cit. p.130.

Descrevemos dois casamentos de noivos provenientes de localidades citadas, com vista a seguirmos e a continuarmos o fio condutor do nosso raciocínio:

- em 15.04.1573, Gaspar Afonso, natural de *Buarcos*, casa com Maria Gomes, filha de Manuel Brás e Maria Gomes. São testemunhas Pedro Anes Redondo, João Álvares, Gonçalo Gonçalves e Martim Alvares; (Livro M-1, fl.107),

- em 15.10.1580, Domingos Fernandes natural de *Vila Nova de Cerveira*, casa com Francisca Fernandes, moradora na Póvoa de Varzim. São testemunhas Amador Alvares, João Pires Cousina e Alvaro Gonçalves, todos desta vila. (Livro M-1, fl. 112v).

Nos registos paroquiais da Póvoa de Varzim, desta altura, aparece-nos algumas vezes a alcunha *Mondego* e *Redondo*¹⁵, junto a apelidos de alguns residentes. Porém o nome «Redondo» surge-nos também como apelido numa testemunha de casamento de Gaspar Afonso, nubente de Buarcos, como podemos ver acima, sublinhado.

Já dando um salto para a freguesia de Buarcos, anexada à de Redondos (Figueira da Foz) até 1771, num registo de casamento que transcrevemos, por levantar algumas interrogações, também nos aparece um noivo que possuía não a alcunha, mas sim o apelido de *Mondego*:

- aos 8 de Dezembro de 1688, recebi Antonio Roiz Mondego, da Villa de Redondos, filho de Antonio Roiz e Isabel Frz defunta, naturais de Quiaios.

É de crer que estas alcunhas possam sugerir as origens geográficas desses residentes da Póvoa de Varzim, talvez de “Redondos” e do local da “Figueira da Foz do Mondego”, hoje Figueira da Foz.

Também da tese de Mestrado em História das Populações da Universidade do Minho, de Manuel Fernandes Soares Pinho, “Dois Séculos de Mortalidade na Póvoa de Varzim (1540 – 1800)”, conseguimos saber, através de registos de óbitos do séc. XVIII, a naturalidade de defuntos, uns que eram de fora e lá entraram por casamento e outros que tendo nascido na Póvoa de Varzim, foram ter a

¹⁵ Amorim, M. – *Ibidem*, p.148.

última morada em terras mais ou menos distantes. De entre os não naturais, encontramos muitos galegos, sobretudo de “La Guardia”, indivíduos de Vila do Conde, de Valença, de Braga, de Barcelos e de Esposende.

Segundo o autor, uma alcunha que aparece junto ao nome dos defuntos é *vareiro* (natural de *Ovar*), assim como esta localidade é referenciada “com relativa frequência”, supondo tratar-se de gente ligada à pesca.¹⁶

Igualmente recolhemos a informação na mesma obra da existência de “uma migração de Fão” para a Póvoa de Varzim, na 2ª. metade do séc. XVIII. (Tanto em Ovar como em Esposende, especialmente neste último concelho, existem focos de PAF).

Dos que faleceram fora, o maior número foi sepultado em Lisboa, no Porto, em Vila do Conde, no Alentejo e noutras terras. Longe de Portugal, foi o Brasil o último destino da maioria poveira que emigrou.¹⁷

Para acompanharmos o itinerário suposto por Klein, julgamos que se tornava necessário observar também os registos de casamento de algumas freguesias costeiras do concelho da Figueira da Foz, e decidimos escolher Buarcos por lá existir uma concentração de doentes com esta afecção e ainda pela sua maior visibilidade histórica em relação a outras povoações como Quiaios e Tavadede, onde também esta enfermidade se encontra implantada.

Procurámos em todos os registos de casamento de Buarcos, de 1622 a 1795 (173 anos) e dentro deste intervalo, não encontramos ninguém proveniente da Póvoa de Varzim ou Vila do Conde. Encontrámos, sim, referências a naturalidades como o Porto, com alguma frequência Aveiro, e apenas uma única vez a S. Martinho de Anta, comarca da Feira (hoje concelho de Espinho), a “Vila Nova de Famalicão de Barcelos”, às freguesias de Stº. Estêvão e Sta. Cristina de Longos, concelho de Guimarães, à freguesia de Navió, ao tempo pertencente ao termo de Barcelos, mas hoje fazendo parte do concelho de Ponte de Lima.

¹⁶ Pinho, Manuel Fernandes Soares, in *Ob. cit.*, p.72

¹⁷ Idem, idem, p. 78.

“Dos arrabaldes de Braga” é natural *Francisco Lopes Braga*, pai de *Mariana de Lemos* que, aos 4 de Maio de 1713, casou com *Manoel Simões Ferraz*, natural da Vila de Redondos.

De localidades mais próximas a norte, vêm da Vila de Vagos, da Mealhada, de Mira e de mais a sul, chegam com frequência noivos, já a partir de 1622, originários do couto e freguesia de Lavos.

Da maior parte dos aglomerados piscatórias da costa central, hoje povoações balneares conhecidas, não encontramos ninguém, pelo facto de a sua formação ainda não estar suficientemente consolidada ou ser posterior.¹⁸

Convém também esclarecer que a freguesia de Buarcos, cujos registos paroquiais observámos, não é a mesma povoação denominada *Praia de Buarcos* ou *Palheiros*. Segundo parece esta “surge já no século XIX, como resultado da fixação nos areais, então mais ou menos desertos, de uma colónia de pescadores oriundos de Ílhavo”, tendo-se dispersado a partir de 1815 pela Cova de Lavos, Quiaios e outros regressado à terra de origem.¹⁹

Do interior encontramos pessoas que nos chegam dos concelhos de Penacova, de Coimbra, da Vila do Botão, de Tábua, de Arganil, de Vila Nova de Poiares e de muitos outros mais distantes, mas nenhuma dos concelhos da Covilhã ou de Seia.

Porém não deixa de ser surpreendente a grande frequência com que nos aparece o apelido *Cea* nos registos paroquiais de Buarcos, logo nos inícios do século XVII, parecendo evidenciar uma referência toponímica.

Trata-se de um juízo que fazemos por analogia, pois que a partir da chegada de vários noivos naturais de Aveiro, reparámos que estes dois nomes começaram a fundir-se nos apelidos «*Ceya Aveyro*».

Sendo certo que as informações que os párocos davam nos primeiros registos eram escassas, não será de excluir que o apelido *Cea* se tivesse juntado ao nome de alguém que em tempos lá tivesse entrado

¹⁸ Oliveira, Ernesto V. de e Galhano, Fernando, in *Palheiros do Litoral Central Português*

¹⁹ Cascão, Rui – Figueira da Foz e Buarcos – 1861-1910 – Permanência e Mudança em duas comunidades do Litoral, p. 33 – Figueira da Foz – 1998.

proveniente de Seia. E isto seria apenas uma prova adicional às muitas que se conhecem de um intercâmbio comercial que se praticava entre essa região litoral e a Serra da Estrela, feita através do Rio Mondego.

A penetração para o interior através deste rio era feita por Penacova, que sempre foi encarada como passagem “obrigatória”. A navegação era efectuada pelas «barcas serranas», ou barcas do Mondego, e apoiava-se nos pequenos portos fluviais ao longo do rio.

Documentos oficiais de dois anos, de 1773 e 1774, que a autora de «A Região de Penacova e a navegação comercial do Mondego» apelida de “Livro de Penacova”,²⁰ registam «o carregamento de mercadorias no Porto de Foz d’Alva (Raiva) vindas de terras da zona costeira da Figueira Foz e de suas proximidades e o seu transporte efectuado por carreiros para o interior» e o movimento destes regressando ao ponto de partida, no sentido inverso, para a condução de produtos em direcção à costa.

Estes documentos foram encontrados por acaso e pressupõem com toda a certeza a existência de outros, que registavam o movimento de negócios e de transacções que se fazia através do Mondego desde tempos remotos, e que infelizmente se perderam. Eram “termos de fiança” e continham a data, o local de origem ou de carregamento, o nome do indivíduo que fazia o transporte, a naturalidade, a espécie de mercadoria, a quantidade, a terra a que se destinava e o preço.

O principal produto que chegava da região costeira, em grandes quantidades, tão necessário às populações do interior, era o sal.

Dos nomes das localidades e das regiões do interior (Beira) para onde se destinam as mercadorias, retemos S. Paio de Gramassos (termo da Vila de Seia), Arganil, Tondela, Selurico, Trancozo, Vizeu, Pinhansos (termo de Santa Maria). No Capítulo V veremos que alguns naturais de S. Paio de Gramaços e de Arganil emigram para Unhais da Serra, estando contidas estas freguesias no item «Várias» dos Quadros 7 e 8.

²⁰ Secco, Maria Adelina de Jesus Nogueira – A Região de Penacova e a Navegação comercial no Mondego – Subsídios para a História da Navegação – Coimbra – 1965.

Em sentido inverso, os destinos para onde se exportam os produtos são Aveiro e seu termo, Coimbra, Lavos, Ílhavo, o Campo até ao porto da Figueira, Porto e província do Minho. Para Lavos, próximo de Buarcos, é transportado milho e para Ílhavo segue farinha.

Se o sal, como vimos, é o produto mais importado, o vinho é o mais exportado, inclusivamente para o estrangeiro, através da Figueira, proveniente de terras distantes, como Penacova, Arganil, Tábua, Oliveira do Hospital, Carregal do Sal (importante centro de armazéns de sal), Santa Comba Dão e outras localidades.

A *Raiva* é até meados do século XIX dos maiores portos fluviais portugueses. Aqui chegam a cavalo ou em carros de bois, vindos de toda a Beira, para tomar as barcas, estudantes, fabricantes de tecidos, negociantes, recoveiros e almocreves cujo destino é Coimbra ou outros portos a juzante.

Regressando ao nosso objectivo de observar os comportamentos demográficos de Unhais da Serra, dando especial atenção ao movimento marital, estabelecemos como meta temporal para o início do nosso estudo, o último ano do século XVII, data em que se começaram a registar os actos vitais nessa comunidade.

Julgamos que o ano de 1699 corresponde à fundação da paróquia, que se desmembra da de Paúl, do mesmo concelho da Covilhã, e é por essa altura, como veremos adiante no ponto 1.2 Genealogias descendentes do Capítulo II, relativo à Metodologia e Fontes, que vamos encontrar três casais antepassados comuns às sete famílias afectadas com PAF, residentes nessa localidade.

Temos consciência de que este trabalho é insuficiente para seguirmos os caminhos da PAF, porém, se for continuado e alargado a outras comunidades, poderá concorrer para iluminar um pouco um campo tão obscuro como é este, ou seja, o das mobilidades em séculos recuados e que terá conduzido a uma situação destas, de saúde pública.

Das provas e indícios que temos vindo a juntar, é legítimo pensar que a PAF terá penetrado em Unhais da Serra em tempos anteriores a 1699, quando esta terra era ainda um pequeno lugarejo pertencente à paróquia de Paúl.

Temos para nós a certeza de que este estudo só será levado a bom termo com a utilização de uma metodologia própria que passamos a desenvolver no capítulo seguinte.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA E FONTES

Fontes e sua crítica

Os Livros de registos paroquiais de Unhais da Serra

Os registos paroquiais donde extraímos os elementos que fundamentam o nosso estudo, são de duas espécies: uma, fotocópias de microfilmes dos livros existentes no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, distribuídos por três séries: Série 01 – Registo de Baptismos de 1699 a 1852; Série 02 – Registo de Casamentos de 1699 a 1859 e Série 03 – Registo de Óbitos de 1699 a 1808.

A outra é um conjunto de 121 Livros, dividido igualmente em três séries, que se encontra depositado no Arquivo Distrital de Castelo Branco, com datas extremas de 1852 e 1899.

A série 01 – Registo de Baptismos – consta de 41 livros; a série 02 – Registo de Casamentos – é constituída por 40 livros e a série 03 – Registo de Óbitos - contém igualmente 40 livros.

Relativamente aos registos de óbitos verificámos uma lacuna de 51 anos, de 1809 a 1859, que não conseguimos localizar, não obstante as diligências feitas nesse sentido junto do referido Arquivo Distrital, do Registo Civil da Covilhã e do pároco da freguesia de Unhais da Serra.

O livro de registos de baptismo referente ao ano de 1897 – Lv39B - encontra-se em mau estado, ao contrário de todos os restantes.

Metodologia

A metodologia clássica de Fleury-Henry (1956), concebida para a análise da fecundidade marital francesa, não se mostrava adaptada ao tipo de registos paroquiais portugueses.

Foi assim que Norberta Amorim, desde 1969, se esforçou por desenvolver “uma via prática e segura de organizar a informação sobre actos vitais e, a partir dela, estudar os comportamentos demográficos do passado moderno e contemporâneo,” ensaiando e propondo mais tarde, com o auxílio da informática, uma nova metodologia, designada de *reconstituição de paróquias*. (*Uma Metodologia de Reconstituição de Paróquias*, Univ. Minho, Braga, 1991).

Esta metodologia tem a particularidade de permitir a recolha de informação numa base de dados, eliminando as redundâncias, de associar e cruzar informações provenientes de outras fontes, de fazer um ficheiro de indivíduos com vista a observar as suas trajectórias de vida, numa dinâmica de mobilidade territorial e social. Desenvolve-se em três fases: “A primeira fase respeita à reconstituição de famílias e supõe um trabalho aturado de crítica e de cruzamento de fontes.

A segunda é totalmente automática e consiste, a partir do cruzamento entre fichas de FAMÍLIA, em organizar em fichas individuais a informação sobre os actos vitais dos naturais e residentes na área em estudo, com os respectivos elos genealógicos.

O cruzamento de fontes e entre as fichas de família é um processo que é parte intrínseca da metodologia, que se auto-valida permanentemente.

A última fase é um trabalho sistemático sobre essas fichas individuais para inclusão de imigrantes, apuramentos finais e marcação manual de início e fim de observação nos casos pertinentes.”

Sobre as famílias da comunidade que estamos a observar, não possuímos a seu respeito igual informação.

O mesmo sucede sobre os casais antepassados que se encontram na cadeia genealógica e que consideramos os transmissores da PAF.

Consoante os dados conhecidos, as famílias distribuem-se por sete tipos para efeitos de estudo de fecundidade.

Para auxiliar a análise e a compreensão dos indicadores demográficos da árvore genealógica, e ainda dos actos vitais da paróquia descritos respectivamente nos capítulos IV e V, transcrevemos os quatro principais tipos de famílias objecto do nosso estudo:

“Tipo 1. Famílias das quais conhecemos registo de baptismo de todos os filhos, data de casamento, data de nascimento da mulher e data do óbito do primeiro cônjuge falecido.

Tipo 2. Famílias das quais conhecemos registo de baptismo de todos os filhos, data de casamento, data de óbito do primeiro cônjuge falecido e desconhecemos a data de nascimento da mulher.

Tipo 3. Famílias das quais conhecemos a data de casamento e a data de nascimento da mulher e desconhecemos data do óbito do primeiro cônjuge falecido (e conhecemos registo de baptismo dos filhos identificados).

Tipo 4. Famílias das quais conhecemos a data de casamento e desconhecemos a data de nascimento da mulher e a data do óbito do primeiro cônjuge falecido (e conhecemos registo de baptismo dos filhos identificados)”.

Quanto à metodologia que estamos a usar na reconstituição da paróquia de Unhais da Serra só nos resta acrescentar que é um poderoso aliado de quem se debruça sobre a histórica genética das doenças hereditárias, e sobre o estudo da sua expansão, como adiante teremos a oportunidade de avaliar.

1. Genealogias

Utilizando dados genealógicos, já foram efectuados trabalhos sobre várias doenças hereditárias espalhadas pelo Mundo, de carácter dominante ou recessivo, como por exemplo a PAF em Portugal e na Suécia com vista ao estudo da variabilidade fenotípica (por Alda de Sousa), a Doença de Machado –Joseph, nos Açores (por Maria Manuela

Medeiros Lima), a Fibrose quística em Sag.-Lac-St.Jean(Canadá), a Huntington (Finlândia) e a Distrofia miotónica (Saguenay – Canadá).

Na mira de alguns desses trabalhos está o esclarecimento da origem das mutações, a comprovação do efeito fundador, “definindo-se por oposição à introdução múltipla de alelos deletérios numa determinada população”. É que alguns dos genes mutantes estudados apresentam-se com frequências mais elevadas do que seriam de prever apenas a partir da ocorrência do efeito fundador. Contudo, outros factores têm sido apontados, como os movimentos migratórios e a fecundidade diferencial.

“Em alguns dos trabalhos referenciados, recorre-se já à integração, nos dados genealógicos, de dados moleculares (p. ex. Ikonen *et al.*, 1992). Neste contexto, os resultados que a análise dos haplótipos permite recolher, associados aos genes anormais, podem comprovar os dados obtidos pela investigação genealógica”.²¹

Uma das grandes vantagens deste estudo, à partida, reside precisamente em termos ao nosso alcance uma base de dados da população da comunidade, do período em observação, que nos permite, de forma automática, construir e conhecer as genealogias das pessoas propostas afectadas com PAF.

Apesar de nos situarmos numa fase temporal de avanço técnico e científico, em que a genética molecular nos possibilita encontrarmos respostas para questões relacionadas com a origem e a dispersão de genes letais, tal não implica que abandonemos o recurso às genealogias, que continua a revelar-se indispensável na investigação da genética humana.

1.1. Genealogias ascendentes

Reconstituída a paróquia no período em análise (1699-1899), numa base de dados em *Access*, esta é composta por dois ficheiros, um de famílias, e outro de indivíduos, nominativo, em encadeamento genealógico, tendo-lhes sido atribuídos os respectivos números ou

²¹ Lima, Maria Manuela de Medeiros – DOENÇA DE MACHADO-JOSEPH NOS AÇORES – Estudo Epidemiológico, Biodemográfico e Genético, pp.5 a 7.

códigos. Posteriormente acrescentámos à base de dados onze doentes escolhidos, nascidos já por volta de meados do século XX, bem como o pai ou a mãe, consoante a PAF tenha sido herdada pela via paterna ou materna. Articulados assim estes dados com os do século XIX, ou seja os dos seus avós, pudemos obter 592 antepassados existentes na base de dados referentes às sete famílias afectadas nucleares e distintas a que pertencem esses onze doentes, bem como as genealogias ascendentes de cada uma delas até à data da fundação da paróquia de Unhais da Serra.

Os dados referentes aos doentes, bem como a via através da qual herdaram o alelo letal, foram-nos confirmados pelo Centro de Estudos de Paramiloidose/Unidade Clínica de Paramiloidose, no Porto, mediante prévia autorização escrita de familiares directos para este tipo de estudo, após explanação dos devidos fins.

Distribuámos os onze doentes por sete famílias às quais atribuímos uma numeração de 1 a 7, uma vez que alguns deles são irmãos.

1.2. Genealogias descendentes

Dos 592 indivíduos antepassados já referidos, encontrámos três casais ancestrais comuns às sete famílias, dois falecidos em Unhais da Serra na segunda década do século XVIII e um nascido precisamente no início desta mesma centúria, nesta comunidade.

A partir destes casais até às famílias propostas para este estudo, construámos uma grande árvore genealógica, localizada no final do Capítulo IV, em que se visionam os elos transmissores do defeito genético, abrangendo os séculos XVIII e XIX, até meados de XX.

A reprodução em cadeia dos casais portadores e transmissores da referida anomalia, encontra-se descrita no referido Capítulo IV.

CAPÍTULO III

ENQUADRAMENTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO, ECONÓMICO E SOCIAL

1. Nota histórica

Dá-se como certo terem vivido populações pré-históricas no espaço «hoje inscrito nos limites da freguesia de Unhais da Serra».²²

Também se têm encontrado moedas romanas e restos de cerâmica da mesma origem. Mas de mais concreto pouco ou nada se sabe sobre esses tempos remotos.

Se Unhais já existia nos séculos XV ou XVI seria um pequeno lugar pertencente à freguesia de Santa Maria do Paúl.²³

Embora a Corografia de Portugal do Padre Carvalho, de 1708, que enumera as freguesias do concelho da Covilhã, não contenha qualquer alusão à de Unhais da Serra, o certo é que o primeiro registo de baptismo efectuado nesta paróquia foi “*aos 13 dias do mês de Agosto da era de mil seiscentos e noventa e nove, pelo pe. Baptista Carvalho cura desta Igreja de Santo Aleixo ..*”

A anteceder este assento, existe o seguinte termo de abertura assinado pelo Pe. Baptista Carvalho: “*Aos sete dias do mês de Abril da era de mil sete centos e hum annos eu o pe. Baptista Carvalho cura da dita Igreja comecei a fazer os asentos dos Baptizados & casados & defuntos o que tudo fica assente neste livro os Baptizados no principio os Cazados a folhas outenta sinco e os defuntos a folhas sento e trinta e sinco. Como sou o dito pe. Cura apresentado pelo dito Rev. Prior do paul dós Antunes Thomas administrar os sacramentos nesta Igreja. E comecei a ser curado na era de mil seis Sentos e noventa e nove 1699.*”

²² Guerreiro, M. Viegas, - Abreu, Diogo de, - Ferreira, Francisco Melo - UNHAIS DA SERRA – Notas geográficas, históricas e etnográficas – Colecção PARQUES NATURAIS Nº. 13 – Lisboa 1982.

²³ Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, s. v. «Unhais», in ob. cit. p. 21.

E por ser verdade fis este termo que asinei oje dia mês era ut supra. Pe. Baptista Carvalho”.

O cura padre Manuel Barata, respondendo a 10.04.1758 ao Interrogatório enviado a todas as freguesias do Reino no reinado de D. José, sendo Ministro o Marquês de Pombal, diz que o lugar de Unhais da Serra “é pertencente ao Bispado da Guarda e comarca da mesma cidade da Guarda, termo da Vila da Covilhã, e é freguesia de Santo Aleixo e arciprestado da Vila do Fundão.”

Pelas respostas dadas ao referido Inquérito pelo padre Barata, Unhais da Serra, até àquela data, não passaria de um pequeno povoado ou lugar sem qualquer importância:

«Esta povoação está situada em um vale vizinho à Serra da Estrela, donde se não descobre povoação alguma e dista das povoações mais vizinhas, Arada, Paul e Cortes, freguesia do mesmo Paul, uma légua. Não há nem houve nunca neste lugar nem muro nem torre nem castelo. Não há privilégios e tampouco coisas dignas de memória. Não há convento algum nesta freguesia. Não há nesta ermida alguma. Nem há romagens. Não he couto esta terra e tampouco cabeça de concelho, nem honra, nem Beetria. Não há em dia algum aqui feira alguma. Não há memória que deste lugar saíssem homens insignes em letras ou virtudes.»

Também por estas razões, concluímos que «não era terra de gente privilegiada», pois que nem *couto*, nem *honra*, nem *beetria*, significa que nunca pertenceu a nenhum senhor (*couto*, *honra*), «nem teve a prerrogativa de escolher nobre ou eclesiástico poderosos que a defendessem (*beetria*). Por fim, nunca tinha havido ninguém ilustre, filho de Unhais.

Tinha nesse tempo, 82 vizinhos com 249 indivíduos maiores de 10 anos.

Diz-se que a povoação se desenvolveu em direcção à área junto da Igreja, a partir da casa considerada mais antiga da freguesia, e que, segundo a tradição, foi edificada pelos pastores da paróquia de Paúl. Mais tarde a sua expansão dirigiu-se até às termas, subindo mesmo a encosta, formando-se os núcleos apelidados de *Barreiros e Pedreira* e posteriormente outros se construíram, que tomaram o nome de *Cabeço da Ponte e Terra da Senhora*.

Contudo, no ano de 1700, nos registos de casamento aparece já o lugar do *Castelo* e a partir de 1860, em referência à morada dos nubentes, são nomeadas as ruas de *Assumada*, dos *Barreiros*, da *Ponte*, da *Quelha*, do *Castelo*, do *Pezendo*, do *Couto*, *Nova*, do *Moreira*, da *Levada* e da *Igreja*.

Por informações recentes colhidas na Junta da Freguesia, a designação de lugares desapareceu e a localidade é considerada um todo, sede de freguesia, com bairros ou ruas, existindo para efeitos eleitorais apenas uma única mesa de voto.

Em 1798, o Censo de Pina Manique indicava para Santo Aleixo de Unhais da Serra o quantitativo de 116 fogos. “José Silvestre Ribeiro indica para o ano de 1860 a existência de 210 fogos e 863 habitantes na freguesia.”²⁴

Passados 30 anos, em 1890, a comunidade contava 333 fogos e uma população de 1486 habitantes, devido certamente a uma grande entrada de famílias para a freguesia.²⁵

Unhais da Serra vai testemunhando sucessivas transformações económicas, sociais e culturais, podendo ver-se ainda hoje, além das ruínas de vários engenhos da primitiva indústria de lanifícios, os edifícios do *lagar*, do *forno* da Terra da Senhora, das *termas*, do *antigo hotel* e do *casino*.

No dia 11 de Julho de 1985 foi elevada à categoria de Vila.

²⁴ M. Viegas Guerreiro *et al.* - in ob. Cit., p.27.

²⁵ Idem, *ibidem.* p..24-25.

2. Enquadramento geográfico no concelho da Covilhã.

MAPA 1
FREGUESIAS DO CONCELHO DA COVILHÃ



O concelho da Covilhã faz parte integrante da extensa área que é a Serra da Estrela, o ponto culminante em Portugal da grande ossatura montanhosa da Península Ibérica – a Cordilheira Central – que se desenvolve desde a região de Madrid até Coimbra. Actualmente é constituído pelas seguintes 31 freguesias:

Aldeia do Carvalho, Aldeia de S. Francisco de Assis, Aldeia do Souto, Barco, Boidobra, Casegas, Conceição, Cortes do Meio, Dominguiço, Erada, Ferro, Orjais, Ourondo, Paúl, Peraboa, Peso, Santa Maria, São Jorge da Beira, São Martinho, São Pedro, Sarzedo, Sobral de São Miguel, Teixoso, Tortosendo, Unhais da Serra, Vale Formoso, Verdelhos, Vales do Rio, Coutada, Cantar-Galo e Canhoso.

Com cerca de quarenta e cinco quilómetros de comprimento e vinte e cinco de largura em linha recta, a Serra da Estrela estende a sua influência sobre as planícies que envolve.

A montanha, ao contrário de um rio, comporta-se como um obstáculo que dificilmente se transpõe e as povoações das encostas relacionam-se melhor com a planície do que com a cintura oposta.

A freguesia de Santo Aleixo de Unhais da Serra é uma aldeia situada na base vertente Sudoeste da Serra da Estrela, no Concelho da Covilhã, distrito de Castelo Branco. Dista da sede de concelho cerca de 21 quilómetros.

A área é de 29,94 Km², coincide quase com a bacia hidrográfica das ribeiras da Estrela, Alforfa e de Unhais, o que é uma localização-tipo, própria das povoações da Serra. As duas primeiras ribeiras iniciam-se no cume da Serra, na Torre, e vêm juntar-se antes de atingir o povoado, dando origem, assim, à ribeira de Unhais, dividindo o vale do mesmo nome.

A serra, envolvendo quase a totalidade da aldeia, influi decisivamente em aspectos da vida económica da população e, portanto, da sua vida sócio-cultural, num esquema de relações que pouco a pouco se tem vindo a fortalecer, atingindo grande expressão na década de 1930, quando se completa a estrada de ligação Covilhã/Seia, unindo entre si Tortosendo, Unhais, Alvoco da Serra, Loriga e Valezim.

FOTOGRAFIA 1
VISTA DA FREGUESIA DE UNHAIS DA SERRA



O clima condiciona, como é natural, a vida da terra. Os invernos, não muito chuvosos, são bastante frios. No verão, a posição abrigada de Unhais, aliada à grande frescura provocada pela abundância de água vinda da serra, permite o desenvolvimento de uma vegetação de árvores e arbustos, o que torna o local muito ameno, de há muito conhecido de «Sintra da Covilhã».

3. Actividades económicas

3.1. A agricultura

Em Unhais da Serra destacam-se duas grandes explorações agrícolas.

Em 1940 Orlando Ribeiro dizia que «os proprietários desta freguesia são naturais da mesma, com excepção de dois, sendo um de Tortosendo e outro do Ourondinho – Cortes. Ambos são fidalgos e devem possuir metade das terras. O resto do terreno está dividido em courelas de dimensão muito reduzida, pertencentes a pequenos proprietários que são mais de cem.²⁶

De resto, pelo que nos é dado observar pelos registos de casamento a partir de 1860, cujas profissões começam a ser indicadas de forma sistemática pelos párocos, já a maior parte dos noivos e de seus pais, que casou em Unhais da Serra, tem a profissão de “*proprietário*” e logo a seguir a de *jornaleiro*, o que mostra que a actividade principal desta povoação, nesse tempo, é a agricultura. E essa realidade é notória também para os dois séculos em estudo, quando se observa a sazonalidade ao casamento na paróquia e se constata que os meses menos preferidos para a celebração deste sacramento são Dezembro e Setembro. Se o primeiro sugere motivações de índole religiosa, por estar ligado ao Advento e ao Natal, já o segundo indicia ser um período menos favorável, certamente devido a maiores afazeres agrícolas.

A primeira notícia que nos chega sobre a agricultura desta freguesia, é do reverendo Baratta, em 1758. Diz-nos que «os frutos que estes moradores recolhem com mais cópia são centeio, milho, castanhas, linho e dos mais deles colhem pouco».

Não é ainda mencionada a batata, trazida pelos espanhóis dos planaltos dos Andes para a Europa, no século XVI. Somente no último quartel do século XIX este produto começa a entrar na dieta dos portugueses.

O milho *grosso*, igualmente importado da América do Sul, no século XVI, era também aqui produzido e consumido. O milho *miúdo* ou *alvo*, o tradicional, já era cultivado em Portugal desde épocas que se perdem nos tempos.

Também Pinho Leal (*Portugal Antigo e Moderno*) ao escrever sobre Unhais da Serra, em 1882, informava que a terra era farta na produção de milho, batatas e castanhas.

²⁶ Guerreiro *et al*, in ob. cit., p. 70.

3.2. Pastoreio

A agricultura e a criação de gado sempre andaram associadas desde a mais remota antiguidade. Os rebanhos de cabras e de ovelhas são vulgares em quase todas as terras portuguesas.

“Os terrenos de pasto, quer nas terras altas, quer nas baixas, são em geral fixados de antemão, e entre eles os rebanhos seguem sem se deter e por caminhos certos, conhecidos por *canadas*, entre solos cultivados, olhados com desconfiança pelo camponês receoso da integridade das suas culturas”.²⁷

Nas Serra da Estrela, Montemuro, Caramulo e certamente noutras da Beira Alta, «os rebanhos descem em direcção às planícies onde passam o inverno».²⁸

Durante esta estação, quando os nevões se instalam na serra e permanecem meses a fio, os rebanhos refugiam-se em sítios amenos, no Campo e na Terra Chã, indo fazer a *invernada*,²⁹ significando fugir do inverno da montanha.

Com a chegada da Primavera e dos calores do verão, a erva das terras baixas perde a verdura e deixa de ser apetecível para animais, regressando estes, agora com outros, às pastagens da montanha, onde se mantêm até à chegada dos primeiros frios do Inverno.

²⁷Orlando Ribeiro – Opúsculos Geográficos – Estudos Regionais, Vol. II, p. 330 - Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

²⁸ Ibidem, p.331

²⁹ Ibidem, p. 351.

FOTOGRAFIA 2
UM PALHEIRO DE UNHAIS DA SERRA



Instalação de suporte à actividade do pastoreio.

A esta movimentação estacional de rebanhos e pastores dá-se o nome *de transumância*.³⁰

Relativamente à *invernada* faz-se nos Campos do Mondego, de Coimbra à Figueira da Foz, para os lados do Douro, nas Campanhas da Idanha, ou mais longe, nas planuras do Alentejo.³¹

“Os pastores constroem um caniço, uma choça de ramagens ou acolhem-se a alguma casa amiga. Como costumam ir todos os anos para o mesmo sítio, por lá arranjam uma *patroa* que, a troco do farelo, lhes coza o pão de centeio (...) que compram para a invernada”.³²

³⁰ Ibidem, p. 330.

³¹ Ibidem, p.364.

³² Ibidem, p.368.

Não sabemos se Unhais era terra de muitos pastores, pois que antes de 1860, raramente nos aparece qualquer referência a essa profissão. Mas a partir dessa data até ao final do século, estranhámos que apenas nos tenham aparecido nos registos de casamento três pessoas com a profissão de *pastor*, entre estas uma *pastora*. Talvez porque um desses profissionais, denominado *maioral*, tomasse conta dos gados de toda a povoação.

Quanto mais se avança no conhecimento da história destas populações, novas interrogações e dúvidas se nos deparam, tal como esta: será que o gene mutante se terá infiltrado na Serra da Estrela através das *canadas*, ou de outros carreiros?

3.3. A indústria

Os Inquéritos Industriais Pombalinos referem em todas as povoações da Serra da Estrela, a existência de fábricas de panos e baetas. No começo do século XIX, algumas oficinas passam a fábricas.

Não nos é possível falar de indústria em Unhais da Serra, sem a enquadrarmos numa zona onde se produz o carvão, se cultiva o linho e dos rebanhos se extrai e fia a lã.

É assim que a partir da segunda metade do século XIX nos vão aparecendo nos registos de casamento em Unhais as profissões de fiadeira (12,6% das profissões), costureira (7,9%), carvoeiro (4,5%) e almocreves (3,4%).

A quantidade destes profissionais na comunidade dão-nos uma ideia da organização económica local e sobre o seu relacionamento com o exterior.

Os Inquéritos Industriais de 1881 e 1890, mencionam a existência de duas fábricas em Unhais, uma com 25 e outra com 55 operários.

Os registos paroquiais das duas últimas décadas do século XIX, mostram-nos 9 noivas com a profissão de «operária» e o óbito do *José*, um *operário* de 8 anos de idade, que falece a 20.07.1890.

Apresentamos o Quadro 2 que nos dá uma visão da indústria em Unhais da Serra, nesta época.

QUADRO 2
FÁBRICAS EM UNHAIS DA SERRA

Localidade	1881		1890	
	Nº Fábricas	Nº Operários	Nº Fábricas	Nº Operários
Unhais da Serra	2	25	2	55
Loriga	7	188	7	186
Alvoco da Serra	3	176	3	178

Fonte: Inquéritos Industriais de 1881 e 1890.

Comparando os indicadores de Unhais com os de Loriga e Alvoco da Serra, verifica-se que de 1881 para 1890, todas as localidades mantêm o mesmo número de fábricas, mas enquanto em Unhais aumenta em 30 o número de operários, nas outras localidades o emprego não cresce, visionando-se já uma tendência de crescimento industrial para Unhais e uma estagnação para Loriga e Alvoco.

É nesta altura que Unhais da Serra vai assistir a um grande desenvolvimento, graças à actividade de uma ilustre personalidade da Covilhã, Cândido Augusto de Albuquerque Calheiros, que vem a ser o primeiro Conde da Covilhã e possuidor de três fábricas em Unhais.

Esta povoação conhece, durante a sua vida, uma época de esplendor e animação que lhe dá o antigo Hotel com Casino e as Termas.

Em referência às Termas, julga-se que as suas águas para fins terapêuticos começam a ser utilizadas aquando do povoamento do lugar, porquanto no “Aquilégio Medicinal” do Dr. Fonseca Henriques, publicado em 1726, se podem ler várias doenças tratadas, inclusive “*porque cura gotta arthetica, tolhimentos de braços e pernas, etc.*”

Mas será a partir dos finais do século XIX, numa era em que as termas de todo o País começam a ser intensamente procuradas, que as de Unhais conhecem o seu período áureo.

CAPÍTULO IV

REPRODUÇÃO NAS FAMÍLIAS PORTADORES DE PAF DE UNHAIS DA SERRA

Identificação e descrição

Como tivemos a oportunidade de referir na *metodologia*, encontrámos os três casais antepassados comuns às sete famílias afectadas com PAF, localizados entre os finais do século XVII e princípios do século XVIII. A partir destes continuámos o nosso trabalho identificando e descrevendo os seus descendentes durante os duzentos anos seguintes e dentro deles os transmissores da genopatia em encadeamento genealógico, na forma de árvore de costados, até chegar às famílias afectadas conhecidas e observadas em meados do século XX, no Centro de Estudos de Paramiloidose, no Porto.

Pouco sabemos sobre os dois primeiros casais de que descendem as famílias com PAF de Unhais da Serra, por nós classificadas de **FAMÍLIA 1 a 7**.

Vamos verificar que a cada um dos membros dos casais é atribuído um número.

As genealogias ascendentes iniciam-se sempre pelo número **1**, ou seja, por um doente de cada família, objecto do nosso estudo, que por sua vez dá origem à *geração 1* das sete genealogias, agrupadas numa única grande árvore que anexamos.

Os doentes com PAF estão assinalados a cor escura nas *gerações 1 e 2*.

Aos pais andam sempre associados os números 2 e 3 e aos avós paternos os números 4 e 5 e aos maternos 6 e 7. A partir destes, os números duplicam sucessivamente no sentido ascendente.

Aos números pares correspondem os pais e aos ímpares, as mães.

Para assinalarmos os indivíduos transmissores da patologia, acrescentamos apenas a estes, na relação dos filhos de cada casal, a palavra “**Ver**”, seguida de um número que corresponde à posição que vão ocupar no encadeamento genealógico descendente, e depois,

também somente nestes, já constituídos em casais, se indica a relação numérica dos seus progenitores.

Iniciando a nossa descrição pelos três casais mais antigos, vamos reparar que estes ocupam numericamente as posições mais elevadas, e à medida que as gerações descem estas vão ocupando posições sucessivas iguais aos cocientes da sua divisão por dois, como é lógico.

Passamos a identificá-los e a descrever o que conseguimos apurar sobre as suas biografias:

Geração 9

302: Pascoal Afonso, nascido em Alvoco da Serra, concelho de Seia, e falecido em Unhais da Serra a 20.12.1728, casado com

303: Maria Fernandes, falecida a 11.01.1729, poucos dias após o falecimento do marido.

Deste casal nascem em Unhais 3 filhos:

- a) **Maria Fernandes**, nascida a 10.08.1700 e falecida a 22.12.1750, com 50 anos de idade. **Ver 151**.
- b) Diogo, nascido em Unhais passados quase 9 anos, a 20.01.1709, mas sobre este nada mais se sabe.
- c) Catarina Mendes que nasce a seguir, com um intervalo de 19 meses, a 11.09.1710, casa a 12.08.1732 com Domingos Delgado, natural de Alvoco da Serra e falecido a 05.02.1736.

300: Manuel Pires, casado com

301: Maria Rodrigues, falecida a 18.05.1717.

Tiveram 5 filhos:

- a) **João Rodrigues**, nascido em Unhais a 7.09.1701. **Ver 150**
- b) Maria Rodrigues, nascida em Unhais a 08.10.1704.
- c) Manuel, nascido em Unhais a 13.05.1714.
- d) Isabel Gonçalves, nascida em Unhais da Serra, mas cuja data de nascimento se desconhece, falecida a 18.09.1756. Casada a 19.06.1716 com Manuel Nunes, nascido em Lourosa e falecido a 14.03.1759.
- e) Catarina Rodrigues, nascida em Unhais a 20.08.1708. Casa a 01.09.1729 com Manuel Duarte seu conterrâneo.

Um dia, estes dois casais tornaram-se compadres, porque o João, um filho do segundo casal contraiu matrimónio com a Maria, uma filha do primeiro.

FAMÍLIA 1 a FAMÍLIA 7

Convém frisar que o casal que descrevemos a seguir, é por nós considerado o primeiro portador e transmissor da anomalia genética em Unhais da Serra, mas não sabemos qual dos cônjuges transmite o defeito a todos os seus descendentes.

Só a partir desta família de 9 filhos, é possível identificar os três primeiros portadores e transmissores, duas mulheres e um homem, que casam e deixam descendência, não porque tivessem falecido necessariamente por causa da PAF, mas sim porque a transmitiram a todas as gerações das sete famílias que estamos a estudar.

Porém, para efeitos de avaliação da fecundidade nestas famílias de risco, vamos considerar também os filhos deste casal, perfazendo assim 29 uniões, embora saibamos que apenas nos é possível identificar 28 cônjuges transmissores, 12 homens e 16 mulheres.

Geração 8

150: João Rodrigues, nascido a 07.09.1701, em Unhais da Serra.

Pais: **300** e **301**

casado com

151: Maria Fernandes nascida em Unhais a 10.08.1700, desconhecendo-se a data do casamento, mas depreende-se que a cerimónia se celebrou por volta dos finais de 1721 ou princípios de 1722, em virtude do primeiro filho ter nascido a 03.10.1722.

Pais: **302** e **303**.

Tiveram uma prole de nove filhos:

- a) Manuel Martins, o primogénito, nascido em Unhais, a 03.10.1722.
- b) Lucas nascido em Unhais, a 10.10.1725.

- c) Engrácia Maria nascida a seguir a 01.01.1728, casando com 17 anos, a 14.01.1745, com Fernando Lourenço, natural de Cortes de Baixo, Paúl.
- d) **Maria da Cruz** é a filha que se segue no ciclo reprodutivo desta família, tendo nascido a 25.06.1732, em Unhais e tendo falecido a 31.12.1804, com a idade de 72 anos. **Ver 75**
- e) João, nascido a 20.08.1735, em Unhais.
- f) **José Rodrigues Barata**, nascido em Unhais a 01.12.1737 e casado a 26.04.1760, com **Joana Maria da Silva**, natural de Alvoco da Serra. **Ver 110**
- g) Genoveva Fernandes, nascida em Unhais a 30.12.1739 e casada a 10.08.1756 com Manuel João.
- h) Daria Fernandes, nascida a 23.10.1741, em Unhais da Serra e casada a 14.05.1786 com Miguel Esteves Poeta.
- i) **Isabel Maria Fernandes**, finalmente, cuja data de nascimento se desconhece, mas nascida em Unhais da Serra e casada a 09.07.1758, com Francisco Fernandes Ruivo, nascido a 31.12.1742, em Unhais da Serra, e falecido a 08.08.1778 com a idade de 35 anos. **Ver 235**.

Resumimos os comportamentos demográficos deste casal:

Desconhece-se a idade da mulher ao casamento.

A média dos intervalos intergenésicos é de 31,4 meses.

O terceiro intervalo é de 54 meses, o que pode pressupor o intervalo em que nasce a Isabel Maria, cuja data de nascimento se desconhece.

Não se encontra registado qualquer óbito de crianças.

Também desconhecemos a data de falecimento de qualquer dos cônjuges, pelo que ignoramos a duração da união. Contudo, entre a primeira e a última das datas conhecidas do nascimento dos filhos medeiam 19 anos, pelo que a duração do casamento não é inferior a este período.

Como se disse, é a partir deste casal que começamos a contar os 29 casais portadores transmissores.

Maria da Cruz, José Rodrigues Barata e Isabel Maria Fernandes, três dos nove filhos, duas irmãs e um irmão, fundam as três famílias de que descendem as sete objecto do nosso estudo, assistindo-se ao primeiro desmembramento da árvore genealógica.

Da família constituída por Maria Cruz sai o maior ramo que vai dar origem a 6 famílias com PAF – **FAM 1** a **FAM 6**.

Do ramo dos irmãos Isabel Maria Fernandes e José Rodrigues Barata, descende a **FAMÍLIA 7**.

FAMÍLIAS 1 a 6

Geração 7 - família tipo 1.

74: António Pereira,³³ natural da freguesia de Nogueira, de Vila Nova de Cerveira, Arcebispado de Braga, é a pessoa que entra na comunidade, vinda de mais longe, para unir-se a uma serrana num local tão recôndito. Falece a 16.03.1789. Casa a 19.04.1752, com

75: Maria da Cruz, com a idade de 19 anos, nascida a 25.06.1732, e falecida a 31.12.1804, com a idade de 72 anos. Pais: **150 e 151**.

Desta união houve nove filhos, vingando apenas cinco:

- a) João, nascido a 22.04.1753, em Unhais da Serra. Casado a 16.02.1777, com Maria de Jesus, nascida a 23.07.1760, desta freguesia e falecida a 4.11.1795, com a idade de 35 anos, filha de Manuel Lopes e de Teresa Fernandes.

³³ Observámos o seu registo de nascimento no Arquivo Distrital de Viana do Castelo. 1º.Livro – 1627-1738 – da freguesia de Nogueira, concelho de Vila Nova de Cerveira. Nasceu a 09.04.1726 e é filho de António Pereyra e Genebra Gonçalves, fregueses de Santiago de Nogueira, Vila Nova de Cerveira. Também localizámos o registo de casamento dos pais, celebrado a 24.04.1719. Os seus avós paternos são João Pereyra e Maria Gonçalves, naturais de San Joam da Reboreda, freguesia que confina com o Rio Minho e os maternos são Miguel de Brito e Catharina Gonçalves, naturais de Santiago de Nogueira, freguesia localizada um pouco mais para o interior.

Esta nota não é de todo despropositada, visto pensarmos que o António Pereira vem casar a Unhais com a Maria Cruz não ao acaso, de forma isolada, mas talvez chamado por família sua já instalada nessa área. Trata-se de uma mera hipótese nossa, pois que, já a 02.04.1704, um casal, de nome Manoel Pereira e Ana Rodrigues, morador em Unhais da Serra, tem um filho de nome *Manoel*. Se por um lado o apelido *Pereira* não é assim tão vulgar na comunidade neste princípio de século, por outro, também o de *Rodrigues* se encontra em dois casais ancestrais comuns às sete famílias, seus contemporâneos.

- b) **Ana Maria Santos Pereira Cruz**, nascida a 17.07.1756, nesta paróquia, é o segundo elo da cadeia genealógica da **FAMÍLIA 1**. **Ver 37**.
- c) **Francisco**, nascido a 11.03.1759, em Unhais da Serra. Deste descendem as **FAMÍLIAS 2, 3 e 4**. **Ver 116**,
- d) **Maria Pereira da Cruz**, nascida a 20.02.1762, em Unhais da Serra. Desta senhora descende a **FAMÍLIA 5**.
- e) Isabel, nascida a 17.03.1764, em Unhais, e falecida com a idade de um mês, a 03.05.1764.
- f) Manuel, nascido a 02.11.1765, em Unhais, faleceu com a idade de 5 anos a 05.08.1771.
- g) Francisca, nascida a 24.12.1770, em Unhais, e falecida com a idade de 7 meses, a 05.08.1771.
- h) **Manuel**, nascido a 16.09.1774, em Unhais. Como vemos é o 2º. Manuel, talvez para apagar o desgosto do primeiro Manuel que faleceu criança. Deste descende a **FAMÍLIA 6**.
- i) Finalmente regista-se apenas o falecimento de uma “criança” a 31.10.1777, que aparece na base de dados denominada de Indeterminado.

Resumo dos actos vitais:

A idade da mulher ao casamento é de 19 anos.

O número de filhos é de 9.

A média dos intervalos intergenésicos é de 31,8 meses.

Regista-se um intervalo de 61 meses entre o nascimento do sexto e sétimo filho.

Há 4 crianças falecidas, 3 com a idade de meses, e 1 com 5 anos.

A idade à morte da transmissora é de 72 anos.

O casamento dissolve-se ao fim de cerca de 37 anos de convivência conjugal.

A partir de agora, por razões de ordem esquemática, vamos iniciar a descrição das sete famílias, atribuindo-lhes, de forma individualizada, uma numeração de **1** a **7**.

FAMÍLIA 1

As gerações 9, 8 e 7 já estão descritas anteriormente por serem comuns às outras famílias.

Geração 6 - família tipo 3

36: José Salgado, nascido a 25.03.1745, em Unhais da Serra, casa a 07.08.1777 com

37: Ana Maria Santos Pereira Cruz, de 21 anos de idade, nascida a 17.07.1756, em Unhais da Serra. Pais: **74** e **75**.

Deste enlace nascem 7 filhos:

- a) João, nascido a 14.07.1778, em Unhais da Serra e falecido a 10.01.1800, com a idade de 21 anos.
- b) Angélica Maria Pereira, nascida a 29.05.1781, em Unhais da Serra e casada a 19.03.1807 com José Lopes Ribeiro, nascido a 24.03.1778.
- c) Maria Pereira, nascida a 15.07.1784, em Unhais da Serra e falecida a 21.07.1860, com a idade de 75 anos. Casada a 20.06.1817 com Roque Fernandes nascido a 22.08.1788, em Unhais da Serra.
- d) Bárbara Pereira, nascida a 17.09.1787, em Unhais da Serra e casada a 23.12.1811, com Aleixo Barata, nascido a 02.10.1785, em Unhais da Serra.
- e) António, nascido a 19.04.1790, em Unhais da Serra.
- f) Ana Pereira, nascida a 02.07.1793, casada a 25.01.1821 com Anacleto Luís Brito, nascido a 11.12.1804, em Unhais da Serra e falecido a 30.09.1878, com a idade de 73 anos.
- g) **José Folgado Pereira**, nascido a 17.01.1797, em Unhais da Serra.
Ver 18

Recapitulando:

A idade da mulher ao casamento é de 21 anos.

O número de filhos é de 7.

A média dos intervalos intergenésicos é de 37 meses.

Não há mortalidade infantil.

Desconhecemos a idade à morte de qualquer dos cônjuges, pelo que não sabemos quanto tempo durou esta união, mas sendo a mãe a transmissora verificamos que a sua idade à data do nascimento do último filho é de 40 anos.

Geração 5

18: José Folgado Pereira, nascido a 17.01.1797, em Unhais da Serra – Pais: **36 e 37**, casado a 07.05.1824 com

19: Rosa Maria Duarte, de 13 anos de idade, nascida a 07.09.1810, em Unhais da Serra, e falecida a 03.06.1892, com a idade de 81 anos.

Tiveram nove filhos:

- a) Severiano, falecido a 02.04.1898. Casa a 06.02.1861 com Delfina Pereira, nascida a 15.09.1832, em Unhais da Serra e falecida a 26.12.1898, com a idade de 66 anos.
- b) **Maria Duarte Santos**, nascida a 12.01.1828, em Unhais da Serra. **Ver 31**
- c) António, nascido a 21.10.1830, em Unhais da Serra.
- d) Bárbara Duarte, nascida a 01.08.1835, em Unhais da Serra, casada a 04.07.1876 com Firmino Luís Carriço, nascido a 23.02.1846, de Unhais da Serra.
- e) Joaquim Duarte Brito, nascido a 21.09.1837, Unhais da Serra, casado a 03.07.1866, com Delfina Carvalho, nascida a 08.08.1844, em Unhais da Serra.
- f) Francisco, nascido 25.02.1841, em Unhais da Serra.
- g) Firmino Pereira Folgado Duarte Brito, nascido a 28.05.1848, em Unhais da Serra, casado a 01.11.1879, com Rosália Pereira, nascida a 19.05.1857, em Unhais da Serra.
- h) **Maria Piedade**, nascida a 24.06.1853, em Unhais da Serra. **Ver 9.**
- i) António Duarte Brito, nascido a 15.03.1856, em Unhais da Serra, casado a 21.06.1881, com Maria Gouveia, nascida a 09.09.1860 em Unhais da Serra e falecida a 11.012.1887, com 27 anos de idade.

Resumindo:

A idade da mulher ao casamento é de 13 anos.

O número de filhos é de 9.

A média dos intervalos intergenésicos é de 48,7 meses.

Não há registo de falecimento de crianças.

A idade da mãe à data do nascimento do último filho é de 45 anos.

De notar que dois intervalos muito extensos, um entre o terceiro e o quarto filhos, de 58 meses, e o outro, muito maior, de 87 meses (mais de sete anos) entre o sexto e o sétimo nascimentos, concorreram para uma média tão elevada, sendo de presumir que num desses intervalos terá nascido o Severiano, indicado na alínea a).

Contudo fica um intervalo por explicar, que poderá ser devido a qualquer ocorrência anómala, eventualmente, a um aborto.³⁴

Como desconhecemos a idade à morte do José Folgado Pereira, apurámos a idade de 59 anos à data do nascimento do último filho, o que significa não ter desenvolvido a doença nas décadas clássicas, isto é, nos finais da 2^a. e inícios da 3^a. A mulher deu à luz este filho com a idade de 46 anos.

A duração da convivência matrimonial ultrapassou, por isso, os 32 anos.

família tipo 3

30: António Alexandre Neves, nascido na freguesia de Erada, concelho da Covilhã, casado a 04.06.1846 com

31: Maria Duarte Santos, de 18 anos de idade, nascida a 12.01.1828 em Unhais da Serra. Pais: **62: e 63**

Deste casamento nasceram 8 filhos:

- a) **Delfina Duarte. Ver 15**
- b) Maria, nascida a 23.05.1847, em Unhais da Serra.
- c) José, nascido a 18.12.1848, em Unhais da Serra.

³⁴ Quando se verifica um intervalo intergenésico igual ou superior a 4 anos, poderá significar a ocorrência de um aborto. (Comunicação pessoal da Prof. Doutora Norberta Amorim).

- d) João, nascido a 18.12.1851, em Unhais da Serra.
- e) Águeda Maria Duarte, nascida a 25.04.1853, em Unhais da Serra e casada a 16.01.1873, com António Salvado nascido no Fundão.
- f) José, nascido a 26.12.1854, em Unhais da Serra.
- g) António, nascido a 05.01.1857, em Unhais da Serra.
- h) Bárbara Duarte, nascida a 05.01.1858, em Unhais da Serra e casada a 28.11.1878 com José-Gabriel.

Em resumo:

A idade ao casamento da mulher é de 18 anos.

O casal teve 8 filhos.

A média dos intervalos intergenésicos é de 21,2 meses.

Não há registo do falecimento de crianças.

Sobre a idade à morte deste casal nada sabemos, apenas é do nosso conhecimento que Maria Duarte tinha 30 anos à data do nascimento do último filho, pelo que a duração do casamento foi superior a 12 anos.

Geração 4 - família tipo 4

14: Joaquim Afonso, nascido a 11.06.1820, em Unhais da Serra, casado a 23.05.1873, quando ia fazer 53 anos de idade, com

15: Delfina Duarte.

Pais: **30** e **31**.

Este casal teve 9 filhos:

- a) Paulino, nascido a 30.01.1874, em Unhais da Serra, falecido a 08.07.1874, com a idade de 5 meses.
- b) Maria Delfina, nascida a 17.01.1875, em Unhais da Serra, falecida com 82 anos.
- c) José, nascido a 13.07.1876, em Unhais da Serra e falecido com 17 meses.
- d) José, nascido a 28.07.1878, em Unhais da Serra.
- e) **Brízida Duarte Neves**, nascida a 18.12.1880, em Unhais da Serra.

Ver **7**

- f) Antónia Neves, nascida a 15.03.1883, em Unhais da Serra, falecida com 74 anos. Casada com José Luís Duarte, nascido a 01.11.1891, em Unhais da Serra e falecido com 44 anos de idade.
- g) Carolina, nascida a 19.06.1886, em Unhais da Serra e falecida a 11.11.1899 com a idade de 13 anos.
- h) Maria, nascida a 09.08.1890, em Unhais da Serra, falecida com a idade de 4 meses.
- i) Alexandrina, nascida a 17.03.1894, em Unhais da Serra.

Recapitulando:

Desconhecemos a idade da mulher ao casamento.

O casal teve 9 filhos.

A média dos intervalos intergenésicos é de 29,9 meses.

Há o registo do falecimento de 3 crianças com a idade de meses e de uma com 13 anos.

O pai, como vimos, casou com a idade de 53 anos e à data do nascimento do último filho, tinha a idade de 73 anos.

Desconhecemos a data do falecimento de qualquer dos cônjuges, mas o intervalo entre o nascimento do primeiro e do último filho é de 20 anos, pelo que a duração da união foi, no mínimo, aproximada a este tempo.

Atendendo também a este facto, é provável que a progenitora portadora do gene anormal tivesse casado à volta dos 28 anos, visto que normalmente o período reprodutivo da mulher não vai além dos 48 anos.

Repare-se na existência de um intervalo de 49 meses entre o penúltimo e último filhos.

Geração 3

6: Aleixo David Barata, nascido a 06.07.1871, em Unhais da Serra e falecido com a idade de 77 anos, casado em primeiras núpcias com Maria Delfina a 03.02.1894, nascida a 19.05.1874, e em segundas com

7: Brízida Duarte Neves, nascida a 18.12.1880. Pais: 14 e 15.

Tiveram a filha nº. 3, falecida com 71 anos de idade e casada com o nº. 2., que como se vê, são parentes.

Geração 2

2: nascido em Unhais da Serra em 1916 e falecido com 70 anos de idade.
Pais: **4** e **5**. Casado com
3: nascida em Unhais da Serra em 1915 e falecida com PAF, com 71 anos de idade.

Tiveram um filho com PAF: Ver **1**

Geração 1

1: Nascido em Unhais da Serra em 1950 e falecido com a idade de 47 anos.

FAMÍLIA 2

Geração 7 - *família tipo 3*

116: Francisco Pereira, nascido a 11.03.1759, em Unhais da Serra.

Pais: 232: António Pereira e 233: Maria Cruz.

Casado a 29.05.1787 com

117: Isabel Rodrigues, de 22 anos de idade, nascida a 18.08.1764, em Unhais da Serra.

Tiveram 8 filhos:

- a) José, nascido a 08.03.1788, em Unhais da Serra e falecido a 29.11.1788, com a idade de 8 meses.
- b) José Rodrigues, nascido a 27.09.1790, em Unhais da Serra. Casado a 23.03.1813, com Maria Teresa, nascida a 01.09.1794, em Unhais da Serra.
- c) **João**, nascido a 27.01.1793, em Unhais da Serra. Ver **58**.

- d) Maria, nascida a 18.10.1795, em Unhais da Serra e falecida a 08.11.1795, com 1 mês.
- e) Manuel, nascido a 14.12.1797, em Unhais da Serra e casado a 18.05.1834 com Maria Oliveira, nascida a 16.11.1816, em Unhais da Serra e falecida a 16.11.1868, com a idade de 51 anos.
- f) Rosália Rodrigues, nascida a 03.02.1801, em Unhais da Serra e casada a 31.12.1821 com José Bernardo natural da freguesia da Erada, concelho da Covilhã e falecido a 16.05.1876.
- g) Maria, nascida a 09.02.1804, em Unhais da Serra e falecida a 29.07.1870, com a idade de 66 anos. Casa a 26.05.1827 com Paulo Francisco Luís Martins, nascido em Unhais da Serra e falecido a 24.08.1855.
- h) Bárbara, nascida em Unhais da Serra e casada a 20.04.1830 com Bernardo Ferreira, nascido a 23.12.1807, em Unhais da Serra e falecido a 16.10.1885, com a idade de 77 anos.

Resumimos os indicadores apurados:

A idade da mulher ao casamento é de 22 anos.

O número de filhos é de 8.

Ignora-se a idade ao nascimento da Bárbara.

A média dos 7 intervalos intergenésicos é de 31,7 meses.

Há a registar o falecimento de 2 crianças com a idade de meses.

Desconhece-se a data do falecimento de qualquer dos cônjuges.

A idade do progenitor transmissor do alelo anormal à data do nascimento do penúltimo filho ou seja, a última data de nascimento conhecida, é de 45 anos.

A duração do casamento não é inferior a 17 anos.

Geração 6 - família tipo 4

58: João Pereira, nascido a 27.01.1793, em Unhais da Serra - Pais: **116** e **117** - casado a 24.02.1831, tendo a idade de 38 anos, com

59: Ana Maria Martins, natural da freguesia de Casegas, concelho da Covilhã.

Tiveram 6 filhos:

- a) José, nascido a 08.03.1834, em Unhais da Serra.
- b) **Maria Jesus**, nascida a 07.01.1836, em Unhais da Serra. Ver **29**.
- c) Joaquim, nascido a 13.11.1838, em Unhais da Serra.
- d) Paulo, nascido a 01.01.1840, em Unhais da Serra e falecido a 23.02.1868, com 28 anos de idade.
- e) Bárbara Maria, nascida a 04.01.1843, em Unhais da Serra, casada a 13.02.1872 com José Carvalho Bizarro, nascido a 24.04.1832 em Unhais da Serra.
- f) Joaquim, nascido a 06.03.1845, em Unhais da Serra.

Resumimos os indicadores apurados:

Desconhecemos a idade da mulher ao casamento.

O número de filhos é de 6.

A média dos intervalos intergenésicos é de 26,2 meses.

Não há registo de mortalidade infantil.

Desconhecemos a idade à morte de qualquer um dos cônjuges, pelo que calculámos a idade do progenitor à data do nascimento do último filho – 52 anos.

A duração da convivência conjugal foi, no mínimo, de 14 anos.

Geração 5 - família tipo 3

28: Luís Carvalho, nascido a 5.12.1837, em Unhais da Serra, casado a 06.06.1860 com

29: Maria Jesus Pereira, de 24 anos de idade, nascida a 07.01.1836, em Unhais da Serra. Pais: **58** e **59**.

Tiveram 8 filhos, sendo dois gémeos.

- a) Maria, nascida a 18.10.1860, em Unhais da Serra e falecida a 18.10.1862 com a idade de 2 anos.
- b) **José Carvalho Júnior**, nascido a 07.07.1863, em Unhais da Serra. Ver **14**.
- c) António, nascido a 28.08.1865, em Unhais da Serra, casado a 21.05.1885 com Maria Rosa, nascida a 26.11.1865.

- d) Joaquim, nascido a 26.04.1867, em Unhais da Serra, casado a 11.06.1892 com Maria Cândida Bárbara.
- e) Alexandrina, nascida a 04.08.1869, em Unhais da Serra e falecida a 22.07.1874, com 4 anos de idade.
- f) Luís, nascido a 29.12.1871, em Unhais da Serra e falecido a 25.11.1873, com a idade de 22 meses.
- g) Maria, nascida a 29.12.1871, em Unhais da Serra.
- h) Delfina Jesus Pereira, nascida a 04.02.1874, em Unhais da Serra e falecida com 84 anos de idade. Casada a 22.02.1892 com José Barata Almeida, nascido a 15.04.1867 em Unhais da Serra.

Resumimos os indicadores:

A idade ao casamento da mulher é de 24 anos.

O número de filhos do casal é de 8, sendo 2 gémeos.

A média dos intervalos intergenésicos é de 26,2 meses.

Há o registo do falecimento de 3 crianças.

Desconhecemos a idade à morte de qualquer dos cônjuges. A idade da transmissora à data do nascimento do último filho é de 38 anos.

A duração do matrimónio foi, no mínimo, de 14 anos.

Geração 4 - família tipo 3

14: José Carvalho Júnior, vendeiro, nascido a 07.07.1863, em Unhais da Serra – Pais: **28** e **29**, casado a 16.02.1885 com

15: Maria Delfina, de 25 anos de idade, costureira, nascida a 03.11.1859, em Unhais da Serra.

Tiveram 7 filhos, sendo dois gémeos:

- a) **Maria do Céu**, nascida a 17.11.1886, em Unhais da Serra e falecida com 74 anos. Ver **7**
- b) José, nascido a 12.01.1889, em Unhais da Serra.
- c) Ana, nascida a 14.08.1892, em Unhais da Serra.
- d) Felisbela, nascida a 14.08.1892, em Unhais da Serra, falecida a 23.11.1893, com a idade de 15 meses.
- e) Manuel, nascido a 12.05.1895, em Unhais da Serra.
- f) Felícia, nascida a 28.01.1897 e falecida com 66 anos.
- g) Maria da Graça, nascida a 29.04.1899, em Unhais da Serra.

Resumimos os actos vitais:

A idade da mulher ao casamento é de 25 anos.

O número de filhos é de 7 filhos, sendo 2 gémeos.

A média dos intervalos intergenésicos é de 29,8 meses.

Há o registo do falecimento de uma criança de 15 meses.

A idade do transmissor à data do nascimento do último filho é de 36 anos.

A duração do casamento foi, no mínimo, de 14 anos.

Geração 3

6: Francisco Santos Rodrigues, nascido a 18.10.1884, em Unhais da Serra e falecido com 62 anos de idade, casado com

7: Maria do Céu, nascida a 17.11.1886, em Unhais da Serra e falecida com 74 anos de idade. Pais: **14** e **15**.

Tiveram os filhos.

- a) falecida com PAF, aos 68 anos de idade. Ver **3**
- b) falecida com PAF, aos 44 anos de idade.

Geração 2

2: casado com

3: falecida com PAF, aos 68 anos de idade – Pais: **6** e **7**

Geração 1

1: doente com PAF, falecida aos 45 anos de idade. - Pais: **2** e **3**

FAMÍLIA 3

Geração 7

As gerações e os elos da cadeia genealógica são os mesmos que os da **Família 2**, até à *Geração 3*, inclusive.

Geração 2

2: casado com

3: falecida com PAF, aos 44 anos de idade.

Geração 1

1: falecido com PAF, aos 47 anos de idade. Pais: **2** e **3**

FAMÍLIA 4

As gerações anteriores das famílias 1, 2 e 3, são comuns a esta família.

Geração 6 - família tipo 3

46: José Rodrigues Pereira, nascido a 27.09.1790, em Unhais da Serra - Pais: 92 e 93.

casado a 23.03.1813, com

47: Maria Teresa, de 18 anos de idade, nascida a 01.09.1794, em Unhais da Serra.

Tiveram 9 filhos:

- a) Gaudêncio, nascido a 23.12.1813, em Unhais da Serra e falecido a 25.08.1885, com 71 anos de idade. Casado a 21.08.1839, com Ana Maria da Silva, nascida em Unhais da Serra.
- b) Gregório, nascido a 13.02.1816 em Unhais da Serra.
- c) Maria, nascida a 28.08.1818, em Unhais da Serra e falecida a 04.10.1869, com 51 anos de idade. Casada a 24.03.1851 com Anacleto Rodrigues, falecido a 20.05.1890.
- d) Rosália, nascida a 04.01.1821, em Unhais da Serra.
- e) Bárbara, nascida a 03.09.1823, em Unhais da Serra, casada a 06.10.1849, com João Barata, nascido a 02.11.1824, em Unhais da Serra.
- f) **Rosália Rodrigues**, nascida a 09.03.1826, em Unhais da Serra. Ver 23.
- g) João, nascido a 22.11.1830, em Unhais da Serra.
- h) João, nascido a 03.05.1832, em Unhais da Serra.
- i) Genésio, casado a 12.05.1851 com Rosária Mendes.

Apresentamos o resumo dos actos vitais:

A idade da mulher à data do casamento é de 18 anos.

O número de filhos é de 9.

A média dos 7 intervalos intergenésicos é de 31,1 meses, mas atendendo a que são 9 filhos, consideramos 8 intervalos e a média de 27,3 meses.

Apesar de não haver registo do falecimento de crianças, presumimos que o primeiro João nascido a 22.11.1830, terá falecido com meses, pelo facto de ter sido dado o mesmo nome a outro filho, nascido a uma “distância” de 17 meses.

Repare-se que ignoramos a data em que veio ao mundo o Genésio, que muito bem poderá ter acontecido no intervalo do nascimento da Rosália Rodrigues e do primeiro João (nascido em 1830), uma vez que entre estes há uma diferença de idades de 56 meses.

A idade à morte de qualquer dos cônjuges não a conhecemos, porém sabemos que a idade do progenitor transmissor à última data de nascimento, é de 41 anos.

A duração matrimonial não é inferior a 19 anos.

Geração 5 – família tipo 1

22: José Afonso Oliveira, nascido a 13.01.1825, em Unhais da Serra e falecido a 15.08.1860, com a idade de 35 anos, casado a 05.11.1849, com

23: Rosália Rodrigues Pereira, de 23 anos de idade, nascida a 09.03.1826, em Unhais da Serra. Pais: **46** e **47**. Casada em 2^{as}. núpcias a 18.06.1872, com João Afonso, nascido em Dornelas, Guarda.

Tiveram 6 filhos:

- a) **Maria Afonso Fonseca**, nascida a 15.05.1850, em Unhais da Serra. Ver **11**.
- b) João, nascido a 15.10.1851, em Unhais da Serra.
- c) Bárbara Pereira, nascida a 02.12.1853, em Unhais da Serra. Casada a 24.05.1873 com José Maria Vó.
- d) Carolina Afonso, nascida a 20.02.1856, em Unhais da Serra, falecida a 27.09.1882, com a idade de 26 anos. Casada a 15.01.1876 com João Francisco Júnior, nascido a 25.01.1853, em Unhais da Serra.
- e) Francisco, nascido a 08.06.1858, em Unhais da Serra.
- f) Maria, nascida a 28.11.1859, em Unhais da Serra, e falecida a 29.04.1862, com 2 anos de idade.

Resumimos as variáveis que nos interessam:

A idade da mulher, neste caso transmissora, à data do casamento é de 23 anos.

O número de filhos nascidos desta união é de 6.

A média dos intervalos intergenésicos é de 22,4 meses.

Há o registo do falecimento de uma criança com a idade de 2 anos.

A idade da mãe ao nascimento do último filho deste casamento é de 33 anos.

O número de 6 filhos neste espaço temporal, justifica-se pela existência do intervalo protogenésico de 6 meses

A duração do período conjugal é de 10 anos, por falecimento do marido com a idade de 35 anos.

Não sabemos se a Rosália teve filhos do 2º. casamento.

Geração 4 - família tipo 3

10: Joaquim Silva, nascido em Alvoco da Várzea, concelho de Oliveira do Hospital, casado a 31.01.1884, com

11: Maria Afonso Fonseca, de 33 anos de idade, nascida a 15.05.1850, em Unhais da Serra – Pais: **22** e **23** - Casou em 1ªs. núpcias a 19.10.1872 com Narciso Pereira Gomes, falecido a 01.05.1876.

Tiveram 5 filhos:

- a) Carolina, nascida a 20.12.1884, em Unhais da Serra e falecida a 08.02.1887, com 2 anos de idade.
- b) José, nascido a 12.06.1886, em Unhais da Serra e falecido a 05.08.1886, com 1 mês de idade.
- c) Maria, nascida a 08.11.1887, em Unhais da Serra e falecida com 82 anos de idade.
- d) **Carolina Afonso Jesus**, nascida a 12.01.1889, em Unhais da Serra e falecida com 50 anos de idade. Ver **5**.
- e) José, nascida a 09.10.1892, em Unhais da Serra e falecido com 80 anos de idade.

Resumimos os actos vitais que nos interessam do 2º. casamento:

A idade da Maria Afonso à data do casamento é de 33 anos.

O número de filhos é de 5.

A média dos intervalos intergenésidos é de 23 meses.

Há o registo do falecimento de duas crianças, uma de 2 anos e outra de um mês.

Desconhecemos a duração deste casamento, por ignorarmos a data do óbito do primeiro cônjuge falecido. Contudo a idade da mãe transmissora à data de nascimento do último filho é de 42 anos, pelo que a duração da convivência conjugal é, no mínimo, de 8 anos.

Geração 3

4: José Vilela, nascido a 19.04.1883, em Unhais da Serra, e falecido com 73 anos de idade. Casado com

5: Carolina Afonso Jesus, nascida a 12.01.1889, em Unhais da Serra e falecida com 50 anos de idade. - Pais: **10** e **11**.

Tiveram 1 filho. Ver **2**.

Geração 2

2: nascido em Unhais da Serra e falecido aos 44 anos de idade com PAF. Pais: **4** e **5**.

Casado com

3: nascida em Unhais da Serra e tiveram 2 filhos:

a) nascido em Unhais da Serra.

b) nascido em Unhais da Serra. Ver **1**.

Geração 1

1: nascido e falecido em Unhais da Serra, com PAF, aos 38 anos de idade.

FAMÍLIA 5

Geração 7 – família tipo 1

84: João Gonçalves Garrão, nascido em Unhais da Serra e falecido a 02.10.1802. Casado em 1^ªs. núpcias com Isabel Fernandes, nascida em Unhais da Serra e falecida a 26.11.1787.

Casado pela 2^a. vez a 04.02.1788 com

85: Maria Pereira da Cruz, de 26 anos de idade, nascida a 20.02.1762, em Unhais da Serra. Pais: **170** e **171**.

Tiveram 7 filhos, sendo 2 gémeos:

- a) Maria, nascida em Unhais da Serra, a 01.09.1790 e falecida a 06.06.1791, com 9 meses de idade.
- b) Indeterminado, nascido a 12.10.1762 e falecido no dia seguinte ao nascimento. É gémeo da seguinte.
- c) Maria Joaquina Pereira, nascida a 12.10.1792, em Unhais da Serra e falecida a 07.09.1861, com 68 anos de idade. Casada a 02.11.1807, com José Fernandes Lobo, nascido a 06.11.1781.
- d) João, nascido a 19.03.1795, em Unhais da Serra.
- e) José Gonçalves Pereira Garrão Cruz, nascido a 12.11.1797, em Unhais da Serra e falecido a 13.07.1871 com a idade de 73 anos. Casado a 01.03.1813 com Maria Jesus Joaquina, nascida a 04.09.1792, em Unhais da Serra e falecida a 21.08.1861, com a idade de 68 anos de idade.
- f) **António Pereira**, nascido a 24.02.1800, falecido a 23.01.1870, com a idade de 69 anos. Ver **42**.
- g) Josefa Maria Pereira, nascida a 15.02.1803, em Unhais da Serra e casada a 31.12.1821 com Diogo José Nunes Ferreira, natural de S. Paio de Codeço.

Apresentamos o resumo dos actos vitais

A idade da mulher à data do casamento é de 26 anos.

O número de filhos é de 7.

A média dos intervalos intergenésicos é de 29,6 meses, sendo de notar a existência de 2 gémeos.

Regista-se o falecimento de duas crianças, uma com de 9 meses e outra que morre ao nascer.

A união foi interrompida após 14 anos, com o falecimento do marido, estando a mulher grávida da última filha, com 41 anos de idade.

Geração 6 – família tipo 1

42: António Pereira, nascido a 24.02.1800, em Unhais da Serra, falecido a 23.01.1870, com a idade de 69 anos. Pais: **84** e **85**.

Casado a 09.05.1823 com

43: Bernarda Antunes Fonseca, de 14 anos de idade, nascida a 24.11.1808, em Unhais da Serra, e falecida aos 73 anos.

Desta união nasceram 8 filhos:

- a) Rosália, nascida a 12.12.1823, em Unhais da Serra.
- b) Maria Bernarda, nascida a 07.11.1825, em Unhais da Serra. Casada a 05.06.1854 com José Gouveia, nascido a 05.10.1825, em Unhais da Serra e falecido a 01.03.1872, com 46 anos de idade.
- c) João, nascido a 19.11.1827, em Unhais da Serra.
- d) **Cândida Pereira Fonseca**, nascida a 17.09.1830, em Unhais da Serra. Ver **21**.
- e) João Pereira Fonseca Gonçalves, nascido a 03.02.1833, em Unhais da Serra, e falecido a 24.10.1881, com a idade de 48 anos. Casado a 30.11.1861, com Maria Pereira Brito, nascida a 25.02.1833, em Unhais da Serra.
- f) Bernardino Pereira Fonseca, nascido a 25.06.1835, em Unhais da Serra. Casado a 22.02.1859 com Bárbara Afonsa Oliveira Rodrigues, nascida a 08.12.1833, em Unhais da Serra.
- g) Ana, nascida a 12.10.1837, em Unhais da Serra.
- h) Aleixo Pereira Fonseca, nascido a 17.07.1841, em Unhais da Serra, e falecido a 26.07.1886, com a idade de 45 anos.

Resumo dos actos vitais:

A idade da mulher ao casamento é de 14 anos.

O número de filhos é de 8.

A média dos intervalos intergenésicos é de 29,9 meses.

Não há registo de mortalidade infantil.

A idade à morte do transmissor é de 69 anos.

Este casal teve um período de convivência conjugal relativamente longo. Se o marido tivesse durado mais 3 anos teria celebrado as bodas de ouro, pelo que a duração da união é de 47 anos.

Tendo sido o António Pereira o portador e transmissor do alelo letal, verificamos que, à data do nascimento do seu último filho, tinha apenas 41 anos e a mulher 33.

Geração 5 – família tipo 1

20: José Luís Duarte, nascido a 10.11.1827, em Unhais da Serra, e falecido a 29.10.1876, com a idade de 48 anos.

Casado a 13.11.1857 com

21: Cândida Pereira Fonseca, de 27 anos de idade, nascida a 17.09.1830, em Unhais da Serra. Pais: **42** e **43**.

Tiveram 8 filhos:

- a) **José Luís Barata Pereira**, nascido a 17.10.1858, em Unhais da Serra. Ver **10**.
- b) Maria, nascida a 29.01.1861, em Unhais de Serra e falecida a 02.04.1866, com a idade de 5 anos.
- c) João, nascido a 01.01.1863, em Unhais da Serra. Casado a 18.10.1893 com Delfina Máxima, nascida a 17.07.1871, em Unhais da Serra.
- d) Ana Pereira, nascida a 29.10.1864, em Unhais da Serra. Casada a 10.10.1888 com José Casegas Ruivo Júnior, nascido a 14.03.1866, em Unhais da Serra.
- e) Maria, nascida a 20.12.1866, em Unhais da Serra.
- f) António, nascido a 20.11.1868, em Unhais da Serra, e falecido a 06.08.1870, com a idade de 20 meses.
- g) António Pereira, nascido a 29.12.1870, em Unhais da Serra. Casado a 25.08.1891 com Maria da Piedade, nascida a 13.01.1875, em Unhais da Serra.
- h) Luís Pereira, nascido a 24.10.1875, em Unhais da Serra, falecido a 20.02.1898 com 22 anos de idade.

Resumo dos comportamentos:

A idade da mulher à data do casamento é de 27 anos.

O número de filhos é de 8.

A média dos intervalos intergenésicos é de 29 meses.

Há o registo do falecimento de duas crianças, uma de 5 anos e outra de 20 meses de idade.

Acontece que entre o penúltimo e o último filhos verifica-se um intervalo de 58 meses, praticamente no fim do seu ciclo reprodutivo, quando tinha 45 anos.

Desconhecemos com que idade faleceu. A convivência matrimonial durou cerca de 19 anos, com o falecimento do marido.

Geração 4 - família tipo 3

10: José Luís Barata Pereira Duarte, proprietário, nascido a 17.10.1858, em Unhais da Serra. Pais: **20** e **21**. Casado a 17.09.1883 com

11: Bárbara Máxima Luís, carvoeira, de 20 anos de idade, nascida a 18.07.1863, em Unhais da Serra.

Deste matrimónio nasceram 11 filhos:

- a) António, nascido a 16.07.1884, em Unhais da Serra.
- b) João, nascido a 17.10.1885, em Unhais da Serra.
- c) Maria, nascida a 01.01.1887, em Unhais da Serra, falecida com 85 anos de idade.
- d) José, nascido a 05.01.1889, em Unhais da Serra, falecido a 10.04.1889, com 3 meses de idade.
- e) Isidoro, nascido a 28.04.1890, em Unhais da Serra, falecido com 87 anos de idade.
- f) **José Luís**, nascido a 01.11.1891, em Unhais da Serra, falecido com 44 anos de idade. Ver **6**.
- g) Maria, nascida a 06.08.1893, em Unhais da Serra, falecida a 08.04.1895, com 20 meses.
- h) Idalina, nascida a 14.09.1895, em Unhais da Serra, falecida com 10 meses.
- i) Adelaide, nascida a 05.01.1897, em Unhais da Serra, falecida com 21 anos.
- j) Maria, nascida a 30.06.1898, em Unhais da Serra.

k) **Alexandrina Duarte Máxima**, nascida a 18.02.1900. Ver **5**.

Resumo dos comportamentos:

A idade da mulher à data do casamento é de 20 anos.

O número de filhos é de 11.

A média dos intervalos intergenésicos é de 18,6 meses.

Há o registo do falecimento de três crianças de meses.

Desconhecemos a duração do período de convivência conjugal em virtude de não possuímos informação sobre a data da dissolução do casamento com a morte do primeiro cônjuge.

Geração 3

6: José Luís Duarte, nascido a 01.11.1891, em Unhais da Serra, falecido com 44 anos de idade – Pais: **10** e **11**

casado com

7: Antónia das Neves, nascida a 15.03.1883, em Unhais da Serra, falecida com 74 anos de idade.

Apenas temos conhecimento de 1 filha:

a) nascida em Unhais e falecida com PAF aos 48 de idade. Ver **3**

4: Joaquim Miguel, nascido a 08.06.1897, em Unhais da Serra, falecido com 52 anos de idade. Casado com

5: Alexandrina Duarte Máxima, nascida a 18.02.1900, em Unhais da Serra. Pais: **10** e **11**. Como poderemos observar esta é irmã do **6: José Luís Duarte**.

Deste casal conhecemos 1 filho:

a) nascido em 1927, em Unhais da Serra, falecido com 64 anos de idade. Ver **2**.

Geração 2

2: casado com a prima em 1º. grau, nascida em Unhais da Serra.

3: nascida em 1926, em Unhais da Serra, falecida com PAF, aos 48 anos de idade.

Identificamos 1 filho:

a) nascido em Unhais da Serra, em 1957 - Ver 1

Geração 1

1: nascido em 1957 e falecido com 33 anos de idade com PAF.

FAMÍLIA 6

Geração 6 - família tipo 3

54: Manuel Pereira, nascido a 16.09.1774, em Unhais da Serra, filho de António Pereira: 108, natural de freguesia de Nogueira, Vila Nova de Cerveira e de Maria Cruz : 109, de Unhais da Serra, casado a 26.12.1796, com

55: Bárbara Rodrigues, de 24 anos de idade, nascida a 14.05.1772, em Unhais da Serra.

Tiveram 4 filhos:

- a) Maria Rodrigues, nascida a 16.08.1798, em Unhais da Serra. Ver 27.
- b) José, nascido a 23.10.1801, em Unhais da Serra.
- c) Indeterminado, nascido a 15.05.1808 e falecido no mesmo dia.
- d) Indeterminado, nascido a 15.05.1808 e falecido no mesmo dia.

Resumo dos comportamentos:

A idade da mulher à data do casamento é de 24 anos.

O número de filhos é de 4, sendo dois gémeos.

A média dos intervalos intergenésicos é de 58 meses.

Há o registo do falecimento das duas crianças gémeas no dia do nascimento.

De notar que entre o nascimento destes gémeos e a anterior decorreram quase sete anos, tendo a mãe 36 anos.

Não sabemos a data do falecimento da mulher. Sabemos que o Manuel Pereira, transmissor da doença, voltou a casar, com a idade de 55 anos, a 15.04.1829, com Isabel Cruz, natural de Unhais da Serra, 12 mais nova. Deste casamento não lhes conhecemos filhos.

Geração 5 - família tipo 3

26: José Duarte, nascido a 19.03.1800, em Unhais da Serra, casado a 11.08.1823 com

27: Maria Rodrigues Pereira, de 25 anos de idade, nascida a 16.08.1798. Pais: **54** e **55**.

Tiveram 7 filhos:

- a) Maria Pereira, nascida a 09.07.1824, em Unhais da Serra, casada a 21.04.1858 com Joaquim Carvalho Bizarro, nascido a 18.06.1827, em Unhais da Serra e falecido a 21.04.1892 com a idade de 64 anos.
- b) **Ana Pereira**, nascida a 02.07.1826, em Unhais da Serra, falecida a 10.10.1884, com a idade de 58 anos. Ver **13**.
- c) Bárbara Duarte Pereira, nascida em Unhais da Serra e casada a 23.02.1852, com Joaquim Luís Carriço, nascido a 26.09.1824, em Unhais da Serra.
- d) João, nascido a 25.10.1830, em Unhais da Serra.
- e) Rosália Duarte Pereira, nascida a 12.04.1835, em Unhais da Serra. Casada a 02.11.1857 com João Carvalho Ferreira, nascido a 07.05.1830, em Unhais da Serra, falecido a 13.11.1884, com a idade de 54 anos.
- f) Paulino Pereira, nascido a 25.03.1837, em Unhais da Serra, casado a 25.08.1864, com Maria do Carmo.
- g) José, casado a 09.02.1864, com Bárbara Rosário, nascida a 23.06.1825, em Unhais da Serra, falecida a 20.11.1878, com a idade de 53 anos.

Resumo dos comportamentos:

A idade da mulher à data do casamento é 25 anos.

O número de filhos é de 7.

Assinalamos 2 grandes intervalos entre estes nascimentos, e o desconhecimento da data de nascimento de 2 filhos.

A média dos 4 intervalos intergenésicos é de 37,75 meses, mas consideramos 6 intervalos e a média de 25,20 meses. Dois destes intervalos são de 51 e 53 meses, sendo de presumir que os filhos cujas datas de nascimento se ignoram tenham nascido nesses longos espaços.

Não há registo de mortalidade infantil.

Por desconhecimento da data de falecimento dos cônjuges, também não sabemos a duração da convivência conjugal, mas a idade da transmissora à data do presumível filho mais novo, é de 39 anos.

Geração 4 - família tipo 1

12: Firmino Carvalho, nascido a 31.12.1824, em Unhais da Serra, falecido a 16.03.1899, com 74 anos de idade. Casado a 16.11.1857, com

13: Ana Pereira, de 31 anos, nascida a 02.07.1826, em Unhais da Serra, falecida a 10.10.1884, com 58 anos de idade. Pais: **26** e **27**.

Tiveram 4 filhos:

- a) Maria Jesus, nascida a 05.11.1858, em Unhais da Serra, falecida a 04.12.1891, com 33 anos de idade. Casada a 06.07.1880 com José André, nascido a 23.04.1854, em Unhais da Serra.
- b) **José Carvalho Pereira Júnior**, nascido a 30.03.1861, em Unhais da Serra. Ver **6**.
- c) Joaquim, nascido a 29.01.1863, em Unhais da Serra.
- d) Alfredo, nascido a 26.01.1866, em Unhais da Serra. Casado com Rufina Duarte.

Resumo dos comportamentos:

A idade da mulher à data do casamento é de 31 anos.

O número de filhos é de 4.

A média dos intervalos intergenésicos é de 28,7 meses.

Não há registo de mortalidade infantil.

A idade à morte da transmissora é de 58 anos.

A união conjugal durou 27 anos e a idade da mãe ao nascimento do último filho é de 39 anos.

Geração 3 - família tipo 4

6: José Carvalho Pereira Júnior, jornaleiro, nascido a 30.03.1861, em Unhais da Serra. Pais: **12** e **13**.

Casado a 15.01.1890, com

7: Maria Delfina Mendes, tendeira, nascida na freguesia de Paúl, concelho da Covilhã.

Deste casamento nasceram no século XIX 6 filhos e 1 no séc. XX:

- a) Joaquim, nascido a 09.12.1890, em Unhais da Serra, falecido com 46 anos de idade.
- b) Carolina, nascida a 01.04.1892, em Unhais da Serra, falecida com a idade de 91 anos.
- c) Maria, nascida a 09.04.1894, em Unhais da Serra, falecido com 66 anos de idade.
- d) Paulino, nascido a 09.04.1894, em Unhais da Serra, falecido com 81 anos de idade.
- e) Rosália, nascida a 15.05.1896, em Unhais da Serra, falecida com 76 anos de idade.
- f) António, nascido a 13.04.1898, em Unhais da Serra, falecido com 5 meses.
- g) **nascida em 1908**, em Unhais da Serra e falecida com PAF aos 33 anos de idade. **Ver 3**.

Resumo dos comportamentos:

Desconhecemos a idade da mulher à data do casamento.

O número de filhos é de 7.

A média dos intervalos intergenésicos dos 6 filhos nascidos no séc.XIX é de 21,75 meses. Acontece que 2 filhos são gémeos.

A filha transmissora nasceu já em pleno séc.XX, em 1908, pelo que não a contamos para o apuramento da média dos intervalos.

Há o registo do falecimento de uma criança de 5 meses de idade.

Desconhecemos a idade do falecimento dos progenitores e por consequência, a duração deste casamento, porém, a idade do marido transmissor à data do nascimento da filha, em 1908, é de 47 anos.

Geração 2

2: nascido em 1905, na freguesia de Paúl, concelho da Covilhã, falecido com 84 anos de idade, casado com

3: nascida em 1908, em Unhais da Serra e falecida com PAF aos 33 anos de idade. Pais: **6** e **7**.

Tiveram o filho:

a) nascido em 1940, em Unhais da Serra e falecido aos 45 anos de idade, com PAF. Ver **1**.

Geração 1

1: nascido em 1940, em Unhais da Serra e falecido aos 45 anos de idade com PAF.

FAMÍLIA 7

Esta família descende de dois ramos, de um irmão, **José Rodrigues Barata**, nascido em 1737, e de uma irmã, cuja data de nascimento se desconhece, **Isabel Maria Fernandes**.

De cada um destes irmãos parte um ramo para se encontrarem no casal nascido em 1887 e 1894, como se pode ver na árvore genealógica.

Vamos descrevê-los, visto ser possível que o alelo mutante os tenha percorrido ambos ou apenas um, transmitindo-se à filha doente nascida em 1921 e falecida aos 53 anos e esta por sua vez à **FAM.7**, nascida em 1941 e falecida com 51 anos.

Geração 8

234: Francisco Fernandes Ruivo, nascido a 31.12.1742, em Unhais da Serra, falecido a 08.08.1778, com a idade de 35 anos.

Casado com

235: Isabel Maria Fernandes, nascida em Unhais da Serra. Pais: **470** e **471**

Tiveram 7 filhos:

- a) **Maria Jesus**, nascida a 25.07.1759, em Unhais da Serra. Ver **117**.
- b) João, nascido a 24.06.1764, em Unhais da Serra.
- c) Micaela Jesus, nascida a 08.10.1767, em Unhais da Serra, casada a 18.12.1801 com José Poeta, nascido em Unhais.
- d) Jacinto, nascido a 01.11.1770, em Unhais da Serra e falecido com a idade de 9 meses.
- e) Jacinto Fernandes, nascido a 24.08.1773, em Unhais da Serra e casado a 10.12.1805 com Antónia Maria Mendes, nascida em Unhais.
- f) Micaela nascida a 26.05.1777, em Unhais da Serra.
- g) Indeterminado, falecido a 20.08.1771.

Resumo dos comportamentos:

Desconhece-se a idade da mulher ao casamento. Como esta é irmã do José Rodrigues Barata, qualquer deles ou ambos podem ser os transmissores, motivo pelo que estamos a analisar as duas descendências.

O número de filhos é de 7.

A média dos intervalos intergenésicos é de 42,4 meses.

Entre o nascimento da Maria Jesus e o João verifica-se um intervalo de 59 meses, sendo de presumir que nesse intervalo terá nascido a criança “Indeterminado”, que falece em 1771.

Há o registo do falecimento de mais uma criança com 9 meses.

A idade do pai à data do nascimento do primeiro filho é de 16 anos, pelo que deverá ter casado com a idade de 15 anos. Tendo falecido aos 35 anos, a duração do casamento deverá andar à volta dos 20 anos.

Geração 7 - família tipo 3

116: Sebastião Gouveia, nascido na freguesia de Loriga, concelho de Seia, e

casado a 13.12.1781, com

117: Maria Jesus, de 22 anos de idade, nascida a 25.07.1759, em Unhais da Serra. Pais: **234** e **235**.

Tiveram 10 filhos:

- a) José, nascido a 07.06.1782, em Unhais da Serra e falecido com 2 anos de idade.
- b) José, nascido a 14.12.1784, em Unhais da Serra.
- c) Sebastião, nascido a 25.04.1787, em Unhais da Serra.
- d) Miguel, a 04.11.1789, em Unhais da Serra e falecido com 11 meses.
- e) Maria Jesus Joaquina, nascida a 04.09.1792, em Unhais da Serra e falecida com 68 anos de idade. Casada a 01.03.1813 com José Gonçalves Pereira Garrão Cruz.
- f) Angélica Maria, nascida a 08.10.1795, em Unhais da Serra e falecida com 83 anos de idade. Casada a 08.11.1827 com José Duarte.
- g) Paulo, nascido a 20.01.1800 e falecido com uma semana.
- h) Bárbara, nascida a 22.08.1801, em Unhais da Serra e falecida com a idade de 6 meses.
- i) Claudina Maria, nascida a 30.01.1803, em Unhais da Serra e falecida com a idade de 73 anos. Casada a 23.01.1832 com José Lopes Ribeiro Casegas Ruivo.
- j) **João**, nascido em Unhais da Serra. **Ver 58.**

Resumimos os comportamentos:

A idade da mulher à data do casamento é de 22 anos.

O número de filhos é de 10.

A média dos 7 intervalos intergenésicos é de 30,9 meses, mas atendendo à existência de um intervalo de 51 meses, é possível que neste espaço de tempo tivesse nascido o João, pelo que consideramos 8 intervalos e a média de 28,6 meses.

Há o registo do falecimento de 4 crianças na idade infantil.

Desconhecemos a duração da união matrimonial, em virtude de não termos informação sobre a data da morte de qualquer dos cônjuges.

A idade da mãe, a transmissora, à data do nascimento da Claudina Maria é de 43 anos e a duração conjugal, nessa data, é de 21 anos.

família tipo 4

110: José Rodrigues Barata, nascido a 01.12.1737, em Unhais da Serra, casado a 26.04.1760 com

111: Joana Maria Silva, natural de Alvoco da Serra, concelho de Seia.

A Joana Maria deveria ter casado muito nova, pois que o seu período reprodutivo foi muito fértil, com 13 filhos:

- a) Manuel, nascido a 22.02.1761, em Unhais da Serra.
- b) Maria, nascida a 05.11.1764, em Unhais da Serra e falecida com a idade de 6 meses.
- c) Genoveva, nascida a 17.03.1766, em Unhais da Serra e falecido com a idade de 13 meses.
- d) João, nascido a 10.02.1769, em Unhais da Serra e falecido a 25.07.1771, com a idade de 2 anos.
- e) Isabel, nascida a 01.03.1770, em Unhais da Serra, falecida a 01.06.1771, com a idade de 15 meses.
- f) Indeterminado, falecido a 27.07.1771.
- g) Maria, nascida a 27.01.1772, em Unhais da Serra, falecida a 19.07.1780, com a idade de 8 anos.
- h) Bárbara Silva Rodrigues, nascida a 27.01.1774, em Unhais da Serra, casada a 04.12.1794, com Domingos Duarte, nascido na freguesia de Ourondo, concelho da Covilhã, falecido a 01.11.1805. Casou a 2ª vez a 13.12.1807 com José Mendes Lages, natural de Alvoco da Serra, concelho de Seia.
- i) Sara, nascida a 13.08.1775, em Unhais da Serra.
- j) Joaquina, nascida a 26.04.1778, em Unhais da Serra, falecida a 26.06.1779, com a idade de 14 meses.
- k) **Catarina Maria Rodrigues Vaz Silva**, nascida a 18.11.1779, em Unhais da Serra. Ver **55**.
- l) José, nascido a 06.02.1782, em Unhais da Serra.
- m) Josefa Rodrigues Silva, nascida a 27.12.1783, em Unhais da Serra. Casada a 21.06.1803 com João Luís Poeta, nascido em Tortosendo, concelho da Covilhã.

Resumo dos comportamentos:

Desconhece-se a idade da mulher à data do casamento.

O número de filhos é de 13.

A média dos intervalos intergenésicos é de 23,6 meses.

O filho Indeterminado não conta para o cálculo da média, por se desconhecer a data do seu nascimento.

Há o registo de 7 crianças falecidas na idade infantil.

Por falta de informação da data de falecimento dos cônjuges, não foi possível apurar a duração da convivência conjugal. Contudo, tomando como ponto de referência a data do nascimento da Josefa, a última conhecida, o casamento manteve-se pelo menos durante 23 anos.

Sendo o pai o transmissor do gene da PAF, a idade deste à data do nascimento da Josefa é de 46 anos.

Geração 6 - família tipo 1

58: João Gouveia, nascido em Unhais da Serra e falecido a 04.08.1871 – Pais: **116 e 117**, casado a 08.05.1821 com

59: Rosa Maria Oliveira, de 20 anos de idade, nascida a 13.11.1800, em Unhais da Serra.

Tiveram 12 filhos:

- a) José Gouveia Oliveira, nascido a 30.01.1822, em Unhais da Serra e falecido com 70 anos de idade. Casado com Brízida Gouveia.
- b) Maria Rosa Oliveira, nascida a 29.12.1823, em Unhais da Serra e falecida com 59 anos de idade. Casada com José Hipólito Matos Ferreira.
- c) **Bárbara Gouveia Oliveira**, nascida a 12.04.1827, em Unhais da Serra e falecida com 63 anos de idade. **Ver 29.**
- d) Claudina Rosa Oliveira, nascida a 15.03.1830, em Unhais da Serra. Casada com José Pereira.
- e) Teresa, nascida a 21.12.1831, em Unhais da Serra.
- f) Brízida Oliveira, nascida a 28.02.1834, em Unhais da Serra e falecida com 39 anos de idade. Casada com José Barata.
- g) Indeterminado, nascido e falecido a 12.08.1835.

- h) João Gouveia Júnior, nascido a 11.09.1836, em Unhais da Serra e falecido com a idade de 55 anos. Casado Joana Rosa Duarte, natural da Vila de Crato.
- i) Joaquim, nascido a 17.03.1838, em Unhais da Serra. Casado com Norberta Afonso Rodrigues Oliveira.
- j) António, nascido a 16.07.1839, em Unhais da Serra.
- k) Rosália, nascida a 24.03.1841, em Unhais da Serra.
- l) Francisco, nascido a 17.06.1843, em Unhais da Serra. Casado com Delfina Carvalho.

Resumimos os comportamentos:

A idade da mulher à data do casamento é de 20 anos.

O número de filhos é de 12.

A média dos intervalos intergenésicos é de 23,1 meses, mas a dos primeiros 8 é de 24 meses.

Não há registo de mortalidade infantil.

A idade da mãe à data do nascimento do último filho é de 43 anos.

Se o João Gouveia foi o primeiro cônjuge a falecer, o casal celebrou as bodas de ouro, com 50 anos de casamento.

família tipo 3

54: Manuel Correia Almeida, natural da freguesia de Casegas, concelho da Covilhã, casado a 13.06.1811, com

55: Catarina Maria Rodrigues Vaz Silva, de 31 anos de idade, nascida a 18.11.1779, em Unhais da Serra. Pais: **110** e **111**. Casada pela 1ª. vez a 30.08.1798, tendo então 18 anos de idade, com João Marques, nascendo deste casamento 3 filhos.

Tiveram deste 2º. casamento 6 filhos:

- a) Albano, nascido a 18.03.1813, em Unhais da Serra.
- b) **Maria Catarina Correia**, nascida a 28.09.1815, em Unhais da Serra, falecida a 08.08.1870, com a idade de 54 anos. Ver **27**.
- c) Aleixo, nascido a 30.03.1818, em Unhais da Serra.
- d) Domingos Correia, nascido a 04.08.1819, em Unhais da Serra, falecido a 29.08.1898, com a idade de 79 anos. Casado a 07.04.1853

com Brízida Carvalho, nascida a 15.04.1832, em Unhais da Serra, falecida a 09.04.1883, com 50 anos de idade.

- e) Indeterminado, nascido a 26.08.1821, em Unhais da Serra, falecido no mesmo dia.
- f) Indeterminada, nascida a 18.05.1822, em Unhais da Serra.

Resumo dos comportamentos:

A idade da mulher a este casamento é de 31 anos.

O número de filhos é de 6.

A média dos intervalos intergenésicos é de 22,2 meses.

Há a registar o falecimento de duas crianças certamente no dia em que nascem, por terem a designação de Indeterminado.

Desconhece-se a idade à morte de ambos os cônjuges.

A duração do casamento à data do nascimento do último filho fixa-se em 11 anos.

Sendo a mãe a transmissora da doença, a sua idade à data do nascimento do último filho, é de 42 anos.

Geração 5

28: José Canas, casado com

29: Bárbara Gouveia Oliveira, nascida a 12.04.1827, em Unhais da Serra e falecida com 63 anos de idade. **Pais: 58 e 59.**

Tiveram 11 filhos:

- a) Maria Aleixa, nascida a 06.08.1851, em Unhais da Serra e casada com Francisco Nunes Serra.
- b) José, nascido a 13.10.1853, em Unhais da Serra e falecido com 7 anos de idade.
- c) Rosália Oliveira, nascida a 18.02.1855, em Unhais da Serra. Casada com Luís Pereira Gaudêncio.
- d) Firmina, nascida a 19.10.1856, em Unhais da Serra.
- e) **João**, nascido a 11.01.1859, em Unhais da Serra. **Ver 14**
- f) Joaquim, nascido a 18.04.1863, em Unhais da Serra.
- g) Maria Rosa, nascida a 26.11.1865, em Unhais da Serra. Casada com António Carvalho.

- h) Maria Bárbara Oliveira, nascida a 11.10.1867, em Unhais da Serra. Casada com Fernando Brito Barrocas.
- i) José, nascido a 27.04.1871 e falecido com 20 meses.
- j) Maria Teresa, casada a 30.07.1878 com João Aleixo nascido a 30.07.1838, em Unhais da Serra.
- k) Rosa, falecida a 31.08.1861.

Resumimos os comportamentos:

Desconhecemos a idade da mulher à data do casamento.

O número de filhos é de 11.

A média dos intervalos intergenésicos dos 9 nascimentos cujas datas se conhecem é de 29,25 meses.

Há o registo do falecimento de duas crianças, uma com a idade de 7 anos e outra com a idade de 20 meses.

Apurou-se um intervalo de 51 meses entre os nascimentos do João e do Joaquim, em cujo espaço poderá ter nascido um dos 2 filhos cujas datas de nascimento se ignoram.

A idade à morte da transmissora é de 63 anos.

Como desconhecemos a data do casamento do casal, tomámos como referência a primeira e a última datas conhecidas de nascimento dos filhos, e obtivemos um período de convivência conjugal aproximado, não inferior a 20 anos.

família tipo 1

26: Luís Casegas Ruivo, nascido a 27.07.1811, em Unhais da Serra, falecido a 07.10.1884, com a idade de 73 anos. Casado a 22.11.1849 com

27: Maria Catarina Correia, de 34 anos de idade, nascida a 28.09.1815, em Unhais da Serra, falecida a 08.08.1870, com 54 anos de idade. **Pais: 54 e 55**

Tiveram 5 filhos:

- a) João, nascido a 21.07.1850, em Unhais da Serra.
- b) **Maria Catarina Correia**, nascida a 23.10.1851, em Unhais da Serra. Ver **13**
- c) Maria, nascida a 10.02.1854, em Unhais da Serra.

- d) José Catarino, nascido a 26.10.1856, em Unhais da Serra, falecido a 20.11.1882, com a idade de 26 anos.
- e) Carolina Maria, nascida a 26.10.1858, em Unhais da Serra. Casada a 08.03.1886 com António Serra, nascido a 26.12.1856, em Unhais da Serra, falecido a 08.12.1888 com a idade de 31 anos, filho de Joaquim Nunes Serra e de Brites Antunes.

Resumo dos comportamentos:

A idade da mulher à data do casamento é de 34 anos.

O número de filhos é de 5.

A média dos intervalos intergenésicos é de 24,5 meses.

Não há registo de mortalidade infantil.

A idade à morte da transmissora Maria Catarina é de 54 anos.

A idade da mãe à data do nascimento do último filho é de 43 anos.

A duração do período conjugal é de 20 anos.

Geração 4 - família tipo 3

14: João Canas, proprietário, nascido a 11.01.1859 em Unhais da Serra – Pais: **28** e **29**. Casado a 18.06.1891, com

15: Maria Cândida Barrocas, de 20 anos de idade, nascida a 14.06.1871, em Unhais da Serra.

Tiveram 5 filhos no século XIX:

- a) Maria, nascida a 05.04.1892, em Unhais da Serra e falecida com 5 meses.
- b) **Maria Bárbara**, nascida a 14.01.1894, em Unhais da Serra e falecida com 76 anos de idade. **Ver 7**
- c) José, nascido a 09.12.1895, em Unhais da Serra e falecido com 7 meses.
- d) José, nascido a 08.09.1897, em Unhais da Serra.
- e) Rosa, nascida a 30.11.1899, em Unhais da Serra.

Resumo dos comportamentos:

A idade da mulher à data do casamento é de 20 anos.

Como apenas possuímos informações dos filhos nascidos no séc. XIX, registamos o número de 5, mas é provável que tenham tido mais, uma vez que o casal à data do nascimento do último filho conhecido é bastante jovem – 40 anos para o homem e 28 para a mulher.

A média dos intervalos intergenésicos é de 22,5 meses.

Há o registo do falecimento de duas crianças na idade infantil.

Como desconhecemos a data do falecimento de ambos os cônjuges, também não temos possibilidades de calcular a duração da convivência matrimonial.

A **Maria Bárbara** que se remete para « **Ver 7** » casa com **Aleixo Serra**, cujo casal se encontra descrito na *geração 3*.

família tipo 1

12: José Nunes Serra, nascido a 11.12.1841, em Unhais da Serra, proprietário, falecido a 28.02.1898, com a idade de 56 anos. Casado a 05.11.1874 com

13: Maria Catarina Correia, de 23 anos de idade, costureira, nascida a 23.10.1851, em Unhais da Serra. Pais: **26 e 27**.

Tiveram 10 filhos:

- a) Maria Catarina, nascida a 10.07.1875, em Unhais da Serra, falecida com 76 anos de idade. Casada a 01.03.1897 com Fernando Correia Pinto, nascido a 31.12.1870, em Unhais da Serra.
- b) Francisco, nascido a 04.03.1877, em Unhais da Serra.
- c) Cândida, nascida a 23.04.1879, em Unhais da Serra.
- d) Carolina, nascida a 20.01.1883, em Unhais da Serra e falecida a 20.12.1883, com idade de 11 meses, morte provocada pela varíola (bexigas). Assento de óbito nº.63.
- e) Joaquim, nascido a 29.09.1884, em Unhais da Serra, falecido com a idade de 52 anos,
- f) **Aleixo**, nascido a 10.01.1887, em Unhais da Serra, falecido com 59 anos de idade. **Ver 6**.
- g) António, nascido a 25.01.1889, em Unhais da Serra, falecido com 72 anos de idade.
- h) José, nascido a 20.01.1892, em Unhais da Serra, falecido com 8 meses.

- i) Carolina, nascida a 25.02.1894, em Unhais da Serra, falecida com 90 anos de idade.
- j) José, nascido a 16.07.1898, em Unhais da Serra, falecido com 90 anos de idade.

Resumo dos comportamentos:

A idade da mulher à data do casamento é de 23 anos.

O número de filhos é de 10.

A média dos intervalos intergenésicos é de 30,4 meses, mas a dos primeiros 8 é de 27,8.

Existe um intervalo de 52 meses, entre o nascimento do último e do penúltimo filhos.

Há o registo do falecimento de duas crianças na idade infantil.

A duração do convívio matrimonial é de 33 anos à data de falecimento do marido.

A idade da mãe à data do nascimento do último filho é de 47 anos.

Geração 3

6: Aleixo Serra, nascido a 10.01.1887, em Unhais da Serra, falecido com 59 anos de idade, Pais: **12 e 13**. Casado com

7: Maria Bárbara, nascida a 14.01.1894, em Unhais da Serra e falecida com 76 anos de idade. Pais: **14 e 15**.

Como se disse inicialmente, o Aleixo Serra e a Maria Bárbara, descendem de um irmão e de uma irmã, antepassados localizados na Geração 7, de nome José Rodrigues Barata e Isabel Maria Fernandes.

Tiveram a filha:

- a) nascida em 1921, em Unhais da Serra, e falecida com PAF, aos 53 anos de idade. Ver **3**

Se esta tiver herdado o alelo mutante dos dois ramos, trata-se de um caso de homozigotia, conforme podemos observar na árvore genealógica.

Geração 2

2: nascido na Covilhã, casado com

3: nascida em 1921, em Unhais da Serra. Pais: 6 e 7

Tiveram a filha

a) nascida em 1941, em Unhais da Serra, Ver 1

Geração 1

1: nascida em 1941, e falecida com PAF aos 51 anos de idade.

Comentário:

Terminada a micro-análise demográfica das diversas gerações afectadas, deixamos para as “Conclusões”, a síntese possível deste capítulo e do seguinte.

Porém, achamos que deveríamos fechá-lo com uma alusão à quantidade de indivíduos que provavelmente mantiveram o gene letal na comunidade durante os dois séculos e que, inclusive, o difundiram noutras localidades, principalmente em Lisboa.

Durante oito gerações, no seio destas 29 famílias nasceram 224 filhos, atingindo a idade adulta possivelmente 175, com a morte na idade infanto-juvenil, de 49 crianças.

Como esta patologia atinge cerca de 50% da descendência, é muito provável que tenham sido à volta de 87 os portadores e certamente um número mais reduzido, os transmissores, uma vez que a estes teremos de deduzir os que não se reproduziram.

Oriundos do Concelho da Covilhã, encontram-se hoje registados no Centro de Estudos de Paramiloidose/Unidade Clínica de Paramiloidose, Porto, 61 doentes, distribuídos por 28 famílias.

Fica-nos, assim, a descoberto este panorama para reflectir.

FIGURA 1
ÁRVORE GENEALÓGICA

CAPÍTULO V

COMPORTAMENTOS DEMOGRÁFICOS DA COMUNIDADE E DOS GRUPOS DE RISCO

1. Nupcialidade

Há pouco mais de meio século a mortalidade era considerada a principal variável demográfica que regulava o crescimento das populações. Após os estudos de John Hajnal, começa a dar-se mais atenção ao papel da nupcialidade, como agente desse crescimento. Por outro lado este investigador mostra que na Europa coexistiam diversos regimes de casamento. A Europa Ocidental caracterizava-se por uma idade média da mulher ao casamento relativamente elevada (acima dos 24 anos), e por um importante celibato definitivo, enquanto na Europa Oriental a idade média da mulher ao casamento era baixa e quase todas as mulheres casavam.

Fazendo estudos comparativos entre três países da Europa Ocidental, para o período de 1750 e 1850, Robert Rowland demonstrou recentemente que a evolução das populações é regulada por comportamentos próprios. Enquanto na Inglaterra prepondera a influência da nupcialidade e da fecundidade, na Suécia o maior peso incide sobre a mortalidade, e na França é uma combinação de algumas variáveis que concorre para a dinâmica populacional (Rowland:1995). Ficava assim demonstrado que cada população possui as suas próprias características na reposição das gerações.

Na Península Ibérica, Robert Rowland nota que existe muita diversidade de comportamentos, consoante os períodos e as localidades e destaca diferenças observadas entre uma Península Norte, coincidente com a Europa Ocidental e outra Mediterrânica ou Sul, mais semelhante com a Europa Central, onde a idade da mulher ao casamento é mais precoce.

Unhais da Serra, localizando-se na Região Centro do País, com uma estrutura fundiária onde coabitam a grande e pequena propriedades,

será que os comportamentos demográficos da sua população tem mais afinidades com o Norte ou com Sul mediterrânico?

No âmbito desta variável, vamos focar o nosso estudo na idade média ao casamento e no movimento marital.

1.1. Idade média ao casamento

Em épocas em que a natalidade não é controlada por métodos contraceptivos, esta regula-se essencialmente pela idade da mulher ao casamento e pelos intervalos sucessivos dos nascimentos ou intergenésicos.

Quanto mais precoce é o casamento da mulher, tanto maior é o seu período reprodutivo, pelo que se espera uma família mais numerosa. Por isso vamos analisar estas variáveis na comunidade e nas famílias de risco e a sua repercussão no crescimento da população e na renovação das gerações.

1.1.1. Nos grupos de risco

Conforme dissemos no capítulo IV, vamos continuar o nosso estudo sobre as famílias de risco, dando atenção às variáveis que interferem com a epidemiologia da PAF, em Unhais da Serra.

Tal como na comunidade, dividimos o espaço temporal em dois séculos, sendo o primeiro de 1700 a 1799 e o segundo de 1800 a 1899, precisamente até ao fim do século XIX.

Como vimos, na cadeia genealógica das 7 famílias – FAM1 a FAM7 - apenas se descrevem os casais que se constituem nos séculos XVIII e XIX.

Conforme o Quadro 3, somente foi possível apurar a idade ao casamento de 24 mulheres, 7 no primeiro século e 17 no segundo.

Em relação aos homens pudemos conhecer a idade ao casamento de 21, cinco no século XVIII e 16 no século seguinte.

QUADRO 3
IDADE MÉDIA AO 1º CASAMENTO

	Homens		Mulheres	
	Nº Casamentos	Idade Média	Nº Casamentos	Idade Média
1700-1799	5	26	7	22,7
1800-1899	16	29,3	17	23,6

A idade média ao casamento das 7 mulheres é de 22,7 anos, e a das 17 fixa-se nos 23,6 anos. As mulheres do século XIX casam em média 9 décimas do ano mais tarde do que as do século XVIII.

Os homens das famílias de risco do século XVIII casam a uma idade média de 26 anos e os do século XIX, aos 29,6 anos, 3,6 anos mais tarde.

A idade do homem ao casamento não é tão determinante como a da mulher para a fecundidade, por causa do seu ciclo reprodutivo limitado que acaba normalmente por volta dos 49 anos.

Para servir de ilustração do que acabamos de afirmar, lembramos o caso do indivíduo que, no século XIX, casa com 53 anos e aos 73 é pai do seu nono e último filho (Cap. IV). Verifica-se assim que este contribui, em simultâneo, para o crescimento da média da idade do homem ao casamento ou seja, 29,6 anos, e da média do número de filhos, isto é, 7,7, apurada nos grupos de risco.

Como também podemos observar, durante as duas centúrias, estas mulheres casam bastante mais cedo do que os homens.

Cotejando estes comportamentos com os da comunidade, conforme podemos observar no Quadro 4, as mulheres da comunidade casam, no primeiro período, em média, 2,3 anos mais tarde do que as de risco. Também no segundo período as da comunidade casam mais tarde, mas agora, apenas 5 décimas do ano.

Quanto à idade média do casamento dos homens, também podemos observar através do mesmo quadro que os homens da comunidade casam no primeiro século, 1,5 anos mais tarde do que os de risco.

Já no segundo período a situação inverte-se, casando os homens da comunidade em média, 2,8 anos mais cedo do que os de risco, facto devido, como evidenciámos atrás, ao citado casamento tardio, com 53 anos.

1.1.2. Na comunidade

Em Unhais da Serra, durante o período de 1750-1799, para um número de 117 noivas, verificamos uma idade média ao casamento de 25 anos e durante o de 1800-1899, para 457 mulheres, uma idade média ao casamento, de 24,1 anos.

QUADRO 4
IDADE MÉDIA AO 1º CASAMENTO
OBSERVAÇÃO TRANSVERSAL

	Homens		Mulheres	
	Nº Cas.	Idade Média	Nº Cas.	Idade Média
1750-1799	71	27,5	117	25
1800-1899	374	26,8	457	24,1

Em relação ao homem, durante o século XVIII, para 71 casos, visionamos que este casa em média aos 27,5 anos, e no século XIX, num universo de 374 noivos, a idade média é de 26,8 anos, casando mais tarde do que a mulher em ambos os séculos, 0,5 e 2,7 anos, respectivamente.

De um século para o outro assistimos a um ligeiro decréscimo da idade média ao casamento de ambos os sexos, de 7 décimas do ano para os homens e de 9 décimas do ano para as mulheres.

QUADRO 5
IDADE MÉDIA AO 1º CASAMENTO – COMPARAÇÃO ENTRE
PARÓQUIAS

Paróquias	Períodos	Homens – Idade Média	Mulheres – Idade Média
Unhais da Serra	Séc. XVIII	27,5	25
Poiares ³⁵		28,5	25,3
Pico de Regalados ³⁶		28,8	28,7

Para compararmos esta variável seleccionámos duas freguesias, durante o século XVIII, uma de Trás-os-Montes, Poiares, concelho de Freixo de Espada à Cinta, Bragança, e outra do Minho, Pico de Regalados, concelho de Vila Verde, Braga, onde o sistema de herança e posse da terra seria a principal causa do acesso tardio ao casamento, de um elevado índice de celibato e conseqüentemente de uma grande percentagem de nascimentos ilegítimos.

Em Unhais da Serra, situada em plena Beira Alta, constata-se que a idade ao casamento para ambos os sexos se aproxima mais de Poiares, com médias de idade ao casamento inferiores a esta paróquia em 1 ano para o homem e 3 décimas do ano para a mulher, o que poderá levar a induzir que a maior facilidade em casar observada em Unhais, se deve ao peso que os assalariados e os jornaleiros têm num regime de predomínio da grande propriedade, e que não dependem tanto da herança da terra para constituírem matrimónio, como acontece no Minho.

Mas é em Pico de Regalados que, durante o século XVIII, se visiona uma maior dificuldade para ambos os sexos no acesso ao matrimónio, ultrapassando mesmo Poiares, casando os homens e as

³⁵ Amorim, Maria Norberta, in S. Pedro de Poiares, p. 545, in *Estudo Demográfico de uma Paróquia do Planalto Mirandês - Palaçoulo (1656-1910)*, p.69 – Fábria Maria Raposo.

³⁶ Araújo, Maria Marta Lobo de, in “O Pico de Regalados e a sua População - 1554 – 1979”, p. 44.

mulheres mais tarde, respectivamente, 1,3 e 3,7 anos do que em Unhais da Serra.

1.2. Naturalidade dos cônjuges dos grupos de risco

Neste trabalho concreto, assim como noutros similares, a análise da exogamia pode mostrar-nos os movimentos com importância genética, ou seja, os indivíduos de uma população que levam os seus genes para outra população.³⁷ O estudo do movimento marital é essencial para a compreensão de como se faz a dispersão ou a contenção dos genes. Mas não só. Também através da observação dos registos de nascimento podemos acompanhar a movimentação de famílias para o interior de outras comunidades, onde lá fixam a residência e têm filhos. E vão mais longe na informação para o estudo da difusão dos genes. No caso particular de Unhais da Serra, a partir dos três últimos meses de 1713, *o cura Manoel Duarte* inicia a indicação do nome e a proveniência geográfica dos avós. Também há registos de óbito que nos fornecem o local de nascimento de quem lá falece.

Ao observarmos a árvore genealógica, visualizamos nas gerações mais antigas, afectas ao século XVIII, a presença de seis indivíduos “de fora”.

Dois são naturais de Alvoco da Serra, concelho de Seia, (o mais velho é um homem que falece em Unhais, em 1728), o terceiro é oriundo do concelho de Vila Nova de Cerveira, Arcebispado de Braga, o quarto e o quinto são originários da freguesia de Casegas, concelho da Covilhã, e o sexto nasce na freguesia de Loriga, concelho de Seia.

No século XIX entram três homens e uma mulher nestas famílias através do casamento, dois naturais da freguesia de Erada, concelho da Covilhã e o terceiro natural da freguesia de Alvoco das Várzeas, concelho de Oliveira do Hospital, Bispado de Coimbra. A mulher é natural da freguesia de Paúl, concelho da Covilhã.

Os restantes cônjuges são todos naturais da paróquia de Unhais.

³⁷ *In* Lima, Maria Manuela de Medeiros - Doença de Machado-Joseph nos Açores – Estudo Epidemiológico, Biodemográfico e Genético, p.132.

Monsenhor Bigotte, na sua “Monografia da Vila e Concelho de Seia”, fala-nos dos percursos que os comerciantes de Alvoco da Serra e de Loriga faziam pelo país fora chegando os primeiros a atravessar a Espanha e a própria França.

Dos negociantes de Loriga, assinala a sua passagem por Vila do Conde nos finais do século XIX, na venda de peças de lã. Segundo informação pessoal de Monsenhor A. Amorim, autor da Póvoa Antiga, o intercâmbio comercial desse género de vestuário entre a serra e o litoral sempre existiu.

1.3. Naturalidade dos cônjuges na comunidade

Os quadros que construímos respeitam à naturalidade de todos os residentes da paróquia. O habitual é proceder-se à observação dos elementos que entram pela via do casamento, mas dada a natureza deste trabalho que pretende isolar alguém proveniente das regiões mais afectadas pela PAF, com vista a identificar o/a/s eventuais fundadores da patologia, não destrinchámos os noivos dos cônjuges, e agregámo-los num só número.

QUADRO 6
ORIGEM DOS RESIDENTES (ME PERCENTAGEM)

Origem dos Residentes	1700-1799		1800-1899	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Da Paróquia	54,4	75	68,7	78
De «fora»	45,6	25	31,3	22
Totais	100	100	100	100

Numa primeira abordagem, verificamos no primeiro século uma entrada substancial de elementos masculinos para a povoação, quer através do casamento, quer para lá viver. As mulheres chegam em menor percentagem.

No século XIX visiona-se uma menor mobilidade percentual de indivíduos para o interior da comunidade, decrescendo, em relação ao

período anterior, o elemento masculino em 14,3% e apenas em 3%, o feminino, obrigando a uma maior endogamia. Talvez por esta razão, também se começa a casar em Unhais mais cedo.

Analisando o fenómeno de forma global, constatamos que ao longo dos dois séculos se observa uma maior entrada de homens na comunidade do que de mulheres, registando-se, em contrapartida, uma maior permanência e estabilidade feminina no seio dos naturais residentes.

De 1700 a 1899, verificamos que a povoação de Unhais da Serra se alarga com gente de freguesias limítrofes e de algumas mais distantes.

O maior contingente masculino é natural das freguesias de Erada (13,7%), de Paúl (11,1%) e de Alvoco da Serra (10,5%), as duas primeiras do concelho da Covilhã e a segunda do de Seia. A pequena distância seguem naturais de Tortosendo, do concelho da Covilhã e depois Loriga, do concelho de Seia. As freguesias de Covilhã e de Casegas, deste concelho, também contribuem para o crescimento da população de Unhais da Serra.

QUADRO 7
NATURALIDADE DOS RESIDENTES EM UNHAIS DA SERRA
(SEXO MASCULINO)

Homens					
Distrito	Concelhos	Freguesias	1700-1799	1800-1899	Totais
Castelo Branco	Covilhã	Unhais da Serra	184	495	679
		Erada	21	31	52
		Paúl	18	24	42
		Tortosendo	27	8	35
		Covilhã		18	18
		Casegas	6	2	8
Coimbra	Seia	Alvoco da Serra	20	20	40
		Loriga	4	15	19
		Valezim	4	1	5
		Vide		5	5
	Oliveira do Hospital	Aldeia das Dez	6	7	13
Braga	Santo Tirso	St. André	1		1
Viana do Castelo	V. N. Cerveira	Nogueira	1		1
Outros		Várias	46	95	141
Totais de Fora			154	226	380

QUADRO 8
NATURALIDADE DOS RESIDENTES EM UNHAIS DA SERRA
(SEXO FEMININO)

Mulheres					
Distrito	Concelhos	Freguesias	1700-1799	1800-1899	Totais
Castelo Branco	Covilhã	Unhais da Serra	280	615	895
		Erada	10	18	28
		Paúl	12	9	21
		Tortosendo	7	13	20
		Covilhã		12	12
		Casegas	12	5	17
Coimbra	Seia	Alvoco da Serra	17	13	30
		Loriga	1	20	21
	Oliveira do Hospital	Aldeia das Dez	6	3	9
Outros		Várias	26	80	106
Totais de Fora			91	173	264

Relativamente às noivas que desposam em Unhais, igualmente a proximidade geográfica é o factor determinante. É de Erada (10,6%) e de Paúl (8%) que entra, nos dois séculos, a maior percentagem.

De um pouco mais distante, da freguesia de Aldeia das Dez, do concelho de Oliveira do Hospital, também chegam indivíduos de ambos os sexos, assim como de Valezim e Vide do concelho de Seia, mas em menor número. E de “Outros” concelhos da Beira interior, como Pampilhosa da Serra, Tábua, Arganil, Nelas e de “Várias” freguesias, entra muita gente em Unhais da Serra, principalmente durante o século XIX.

De mais longe, como já vimos nos casais de risco, chega-nos um indivíduo da freguesia de Nogueira, Vila Nova de Cerveira.

Aproveitamos a oportunidade para evidenciar o tipo de estudo microanalítico que um trabalho destes requer, pois que assinalámos um casamento celebrado em 1762, em que o noivo de nome *Pedro Francisco* nasce em Unhais da Serra, mas o pai, *Domingos Francisco*, é originário da freguesia de “Santo André do Sobrado de entre Ambas as Aves”, Arcebispado de Braga, Província de Entre Douro e Minho (hoje é uma povoação da freguesia de S. Miguel das Aves - Santo Tirso) e a mãe, *Maria Luís Guerra*, é natural da Aldeia das Dez, concelho de Oliveira do Hospital.

Dos antepassados das famílias com PAF não consta o *Pedro Francisco*, pelo que a hipótese de o gene ser também proveniente de Santo Tirso, não a colocamos.

Assinalamos Santo Tirso pelo facto de neste concelho também existir essa enfermidade.

2. Fecundidade

A fecundidade legítima consiste na quantidade de filhos que uma mulher pode ter dentro do casamento. Observar a sua evolução é vital para compreendermos como as sociedades se equilibram e renovam, levando Dupâquier³⁸ a afirmar que dessa necessidade surgiu a criação por Fleury-Henry do método de reconstituição de famílias.

Nos séculos que estamos a estudar, numa situação de fecundidade natural, nem todas as populações regulam a capacidade reprodutiva da mesma forma.

Segundo Roland Pressat, para as diferenças encontradas, vários factores condicionam a dimensão das famílias, como a idade ao casamento, a duração da vida conjugal, a variação do tempo de amamentação que interfere no intervalo dos nascimentos. Também a saúde de uma população, o clima, as carências alimentares, a frequência e gravidade das afecções venéreas³⁹, contribuem para as referidas desigualdades.

³⁸ Cf. «Los orígenes de la demografía histórica: su situación en Francia», in V.P. Moreda e D.S-Reher, (eds), *Demografía Histórica en España*, ob. Cit. P. 38.

³⁹ Pressat, Roland, *Intruducción a la Demografía*, Barcelona, Ariel, 1985, p. 93.

2.1. Taxas de fecundidade

2.1.1. Nos grupos de risco

A fecundidade nestas famílias apenas será medida tendo em conta a duração do período reprodutivo, com o apuramento da idade média da mulher ao nascimento do último filho, os intervalos intergenésicos e o número de filhos por casal.

Consideramos que estes indicadores são suficientes para compreendermos a forma como a PAF se reproduz dentro da comunidade.

Iniciando a nossa observação pela primeira variável durante os duzentos anos, concluímos por uma idade média de 39,6 anos, com uma amplitude entre os 30 e 47 anos, incidia sobre 20 mães, resultado que surpreende pela sobreposição com o da comunidade, com uma décima a menos, 39,5 anos, como veremos no Quadro 10. Sendo na verdade uma diferença muito pequena, porém, não deixa de estar de conformidade com os parâmetros que iremos apresentando, explicativos da persistência e da expressão da PAF na comunidade.

Em relação à *média da idade da mãe ao nascimento do primeiro filho*, nas 22 mulheres pertencentes às famílias tipo 1 e 3 dos grupos de risco, encontramos uma média de 24,8 anos, contra 25,2 anos registados na comunidade (Quadro 11). Por consequência, registámos um intervalo médio fértil de 14,8 anos nas famílias afectadas, ligeiramente superior ao da comunidade, que se fixa nos 14,75 anos.

Por outro lado, tal como hoje, também no passado, parece confirmar-se o que se sabe, por estudos actuais, que a patologia não afecta a capacidade reprodutiva das mulheres atingidas pelo defeito genético.⁴⁰

⁴⁰ Sousa, Alda in ob. cit. p. 228.

2.1.2. Na comunidade

Com vista à história demográfica da população de Unhais, torna-se necessário que a observação seja mais abrangente, com o recurso a outros parâmetros.

Continuamos a manter os dois períodos, não obstante detectarmos entre eles uma grande disparidade de números de casos. As medidas que vamos utilizar são as taxas de fecundidade legítima por grupos de idade, que é o número médio de filhos por cada ano de comunhão conjugal (por mil mulheres), calculado como o habitual, por 5 anos de vida da mulher, a descendência teórica (ou seja, no presente caso, o número médio de filhos por mulher, durante uma convivência conjugal dos 20 aos 49 anos) e idade média da mãe ao nascimento do último filho em famílias do **tipo 1**⁴¹, isto é, sobre as quais conhecemos as datas de nascimento e de casamento da mãe, as do nascimento dos filhos e a da dissolução do casamento, por falecimento de um dos cônjuges.

QUADRO 9
TAXAS DE FECUNDIDADE POR GRUPOS DE IDADE E DESCENDÊNCIA TEÓRICA

Períodos	Obs	Grupos de Idades							D.T. (20-49)
		-20	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	
1700-1799	62	314	425	378	326	353	137	11	8,15
1800-1899	175	400	435	344	353	282	149	22	7,93

Analisando os indicadores, verificamos nos dois períodos que a taxa de fertilidade cresce até aos 24 anos, grupo em que atinge o seu maior pico, para descer nos grupos etários seguintes. Em referência às mães com menos de 20 anos, observa-se no primeiro século uma taxa de fecundidade de 314, valor que apenas excede o dos dois grupos mais

⁴¹ Cf. Amorim, Norberta, *Evolução demográfica de três paróquias do Sul do Pico, 1680-1980*, ob. cit., p.117.

idosos. Em contrapartida, no século XIX, a fertilidade do grupo mais jovem sobe para 400, valor compatível com uma descida da idade da mulher ao casamento ocorrida no mesmo período. Constata-se também que a partir dos 24 anos, à medida que a idade da mulher avança, nem sempre da mesma forma decrescente, pois surgem algumas oscilações, a sua capacidade reprodutiva diminui.

Há um ligeiro declínio da descendência teórica do primeiro para o segundo período, de 8,15 para 7,93 filhos.

QUADRO 10
IDADE MÉDIA DA MÃE AO NASCIMENTO DO ÚLTIMO FILHO

Períodos	Nº Obs.	Idade Média
1700-1799	11	39,95
1800-1899	76	39,95

Curiosamente nos dois períodos, a média de idade das mães ao nascimento do último filho é a mesma de 39,95 anos, não obstante as mulheres de Unhais do século XIX terem casado nove décimas do ano mais cedo do que as do século anterior.

QUADRO 11
IDADE MÉDIA DA MÃE AO NASCIMENTO DO PRIMEIRO FILHO

Períodos	Nº Obs.	Idade Média
1750-1799	66	25,8
1800-1899	367	25,1
Total	433	25,2

Relativamente à média de idade da mãe ao nascimento do primeiro filho, verifica-se para os períodos referidos, os indicadores de 25,8 e 25,1 anos, evidenciando serem compatíveis com os da idade média ao casamento, isto é, de 25 e 24,1 anos.

A média do período fértil apurado para as mães de Unhais da Serra centra-se nos 14,75 anos, ou seja a diferença entre a idade média da mulher ao nascimento do último filho, 39,95 anos, e a idade média ao nascimento do primeiro filho, 25,2 anos.

QUADRO 12
COMPARAÇÃO DA TAXA DE FECUNDIDADE LEGÍTIMA ENTRE
DIFERENTES PARÓQUIAS

Paróquias	Grupos de Idades							D.T.
	-20	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	
Unhais Serra (1700-1799)	314	425	378	326	353	137	11	8,15
Pico de Regalados ⁴² (1700-1799)	190	336	275	270	273	142	37	6,48
Calvão (1670-1799) ⁴³	167	284	399	345	331	198	6	7,82

O critério adoptado na selecção das paróquias cujo indicador se compara com o de Unhais da Serra, foi a situação geográfica de uma no Baixo Minho e a de outra em Trás-os-Montes, o mesmo nível de informação das famílias, tipo 1, e as periodizações aproximadas. Somente assim se nos afigurou poder retirar desta comparação, as ilações mais correctas.

Reparamos que no século XVIII a taxa de fecundidade em Unhais da Serra é superior em quase todos os grupos de idade à do Pico de Regalados, com excepção dos 40 aos 49 anos, onde se nota uma ligeira superioridade do número de filhos, o que não surpreende pelo facto de na paróquia minhota se casar mais tarde, 28,7 anos para o sexo feminino, como vimos. Também a descendência teórica das mulheres de Unhais dos 20 aos 49 anos, é superior em 1,67 anos, à da freguesia do Baixo Minho.

⁴² Araújo, Maria Marta Lobo de – O Pico de Regalados e a sua População (1554-1979), p. 98 (Policopiada).

⁴³ Faustino, José Alfredo Paulo – Calvão - Uma paróquia rural do Alto Tâmega, p. 118

Em relação às mulheres de Calvão, paróquia rural do Alto Tâmega, as serranas de Unhais da Serra do século XVIII, apresentam uma taxa de fecundidade superior até aos 24 anos, mas nos grupos etários entre os 25 e 34 anos a situação inverte-se com uma taxa de fecundidade superior a favor da mulher da paróquia transmontana, oscilando nas idades seguintes ora a favor de Unhais, ora a favor de Calvão, mas com uma fertilidade global ligeiramente mais elevada em Unhais, traduzida igualmente numa maior descendência teórica - 8,15 para 7,82.

2.2. Influência da Idade ao casamento nas taxas de fecundidade

legítima

Dada a exiguidade do número de idades ao casamento de famílias tipo 1, no primeiro período (1700 a 1799), apenas analisamos o século XIX cujos dados visionamos no Quadro 12.

QUADRO 13
TAXAS DE FECUNDIDADE LEGÍTIMA E IDADE AO CASAMENTO
1800-1899

Grupos Idades Casa.	Nº Obs	Grupos de Idades						
		-20	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49
-20	10	333	400	360	400	260	100	0
20-24	32		440	362	331	312	169	25
25-29	15			280	387	213	147	14
30-34	13				370	338	138	46

Deste segundo período, apenas calculámos a fecundidade para quatro faixas etárias, em virtude das restantes não apresentarem efectivos significativos e poderem conduzir a resultados não fiáveis.

Da análise do quadro constatamos que a maior taxa de fecundidade se observa no grupo etário em que se celebra o casamento e no seguinte, para abrandar com a idade no caso das mulheres que casam jovens. A partir dos 35 anos regista-se uma queda notória de fecundidade em todos os grupos.

As mulheres que casam antes dos 20 anos são as que apresentam um maior índice de fecundidade, seguindo-se de perto as do grupo seguinte. Assim parece que estas mulheres da Serra da Estrela são mais precoces em atingir uma «*maturidade reprodutiva*», do que as de certas paróquias do norte do País. Contudo, apenas as mulheres que casam entre os 20 e os 34 anos conseguem manter-se férteis até ao grupo de idade de 45-49 anos.

Por outro lado, observando os indicadores que o Quadro 12 nos mostra, relativos à idade média da mãe ao nascimento do último filho, verificamos quanto mais cedo a mulher casa e tem filhos em Unhais, no século XIX, também mais cedo deixa de os ter, embora com uma leve diferença de 2 décimas entre os grupos de 20-24 e 25-29 anos. E essa ocorrência é talvez devida a razões de ordem biológica, a uma certa astenia natural motivada por uma maior fecundidade.

QUADRO 14
IDADE MÉDIA DA MÃE AO NASCIMENTO DO ÚLTIMO FILHO
SEGUNDO A IDADE AO CASAMENTO
1800 – 1899

Idade ao Casamento	Número de Observações	Id. Média da Mãe
-20	10	37,8
20-24	32	39,44
25-29	15	39,64
30-34	13	42,33

Todavia, nem sempre assim acontece. Norberta Amorim considerou, no estudo de Poiães e Guimarães (zona rural), que a idade média ao nascimento do último filho não dependia «de forma significativa» da idade ao casamento.⁴⁴

⁴⁴ Amorim, Maria Norberta, *Evolução Demográfica de Três Paróquias do Sul do Pico* (...), ob.cit.p.134.

2.3. Espaçamento dos nascimentos

Uma das variáveis fulcrais para o estudo dos níveis de fecundidade numa dada população, é o distanciamento temporal a que os nascimentos ocorrem dentro dos casais. Para a observação do evoluir deste comportamento reprodutivo, temos em conta as famílias com data de casamento conhecida (tipos 1 a 4)⁴⁵ e com uma duração de convivência conjugal consistente.⁴⁶

Contudo, sempre que fazemos intervir os grupos de idades na nossa análise, limitamos o campo às famílias fecundas tipo **1** e **3**, ou seja, das quais conhecemos a data de nascimento da mulher.

Dada a natureza e os objectivos deste trabalho, não tecemos as exaustivas e habituais considerações sobre o *espaçamento dos nascimentos* referentes à comunidade, mas apenas as que julgamos suficientes para um confronto com as famílias com PAF, de sorte que nos permita retirar ilações pertinentes sobre comportamentos diferenciais.

2.3.1. Intervalo protogenésico nos grupos de risco

O intervalo protogenésico é o espaço temporal que decorre entre a data do casamento de um casal e a data do nascimento do primeiro filho.

Ao longo dos dois séculos, de 1700-1899, contámos 26 mulheres sobre as quais conhecemos a data de casamento e a do nascimento do primogénito (tipo **1** a tipo **4**).

Não excluimos os intervalos inferiores a 8 meses relativos a 4 concepções pré-nupciais, isto é 15,4% do total, por as considerarmos terem contribuído da mesma forma para a propagação do alelo mutante na comunidade.

Apurámos um intervalo protogenésico médio de 12,2 meses.

⁴⁵ Veja-se o Capítulo II, sobre a metodologia de reconstituição de paróquias e a definição destes tipos, segundo Norberta Amorim.

⁴⁶ Amorim, Norberta, *Evolução demográfica de três paróquias....*, ob.cit. p. 135.

Dos 26 filhos contabilizados, 18 (69,2%) nascem até aos 11 meses, inclusive, após o casamento, mas dentro destes é ao nono mês que se verifica a maior frequência.

O máximo intervalo encontrado é de 36 meses.

2.3.2. Intervalo protogenésico na comunidade

Já na comunidade, durante os dois períodos balizados, num universo 445 primogénitos de todas as mulheres com datas de nascimento e de casamento conhecidas, 51 resultam de concepções pré-nupciais, pelo que a percentagem dos intervalos protogenésicos inferiores a 8 meses é de 11,5%, enquanto nos grupos de risco, como vimos, se fixa nos 15,4%.

Dentro dos 394 primeiros filhos concebidos dentro do casamento, o maior contingente nasce depois dos 11 meses após o enlace matrimonial, numa percentagem de 60,7, enquanto 39,3% se concentra entre os 8 e 11 meses, verificando-se da mesma forma que é aos 9 nove meses que a maioria das mães *dá à luz* o primeiro filho.

Vistas as coisas por outro ângulo, para um número de 83 primeiros nascimentos no século XVIII, 7 foram concebidos antes da celebração do matrimónio e para os 362 primogénitos no século XIX, 44 foram de igual forma concebidos antes de os nubentes terem recebido o sacramento matrimonial. Isto significa que as concepções pré-nupciais atingem em ambos os períodos, relativamente à totalidade dos primeiros nascimentos, as percentagens de 8,4 e 12,2, respectivamente.

Da leitura destes indicadores podemos concluir de um século para outro, por um certo abrandamento dos costumes no que diz respeito à preservação da castidade, ou então admitir alguma lentidão por parte da Igreja «*nos processos de licenciamento, no caso de consanguinidade entre os noivos.*»⁴⁷

O intervalo médio apurado é de 17,8 meses, superior ao observado nos grupos de risco, que é de 12,2 meses.

⁴⁷ Amorim, Norberta, *Evolução Demográfica de Três Paróquias do Sul do Pico (...)*, ob.cit. p. 159.

Porém, é conveniente notar que, enquanto nos grupos de risco encontramos apenas um intervalo máximo de 36 meses, como vimos, na comunidade, superiores aos 36 meses contabilizamos 52 intervalos, o que poderá justificar o comportamento diferencial visionado.

Analisando muito sinteticamente os quadros dos intervalos protogenésicos por grupos de idades, que não transcrevemos, por serem extensos, concluímos pelos seguintes comportamentos:

- o maior volume de primeiros nascimentos ocorre entre os 8 e 11 meses;

- no primeiro período nascem mais primogénitos ao décimo mês, mas no segundo, a preferência vai para o nono.

Porém notámos que o número de primeiros nascimentos, referentes a todas as mulheres com data de casamento conhecida, de 1700 a 1899, totaliza 601, significando que 156 mulheres vieram «de fora» casar na comunidade e lá ter o primeiro filho, levando a que este intervalo se elevasse dos 17,8, para os 19,1 meses.

2.3.3. Intervalos intergenésicos médios nos grupos de risco.

Como é natural, os nascimentos seguintes ao primeiro ocorrem com intervalos superiores ao protogenésico, por razões já expostas, de ordem fisiológica, a conhecida amenorreia «*post-partum*», que se estende aproximadamente a um ou dois meses na ausência de aleitamento ou ainda a dez ou mais meses, no caso de amamentação.⁴⁸ Também a estes se juntam outros, de natureza cultural, social e económica que regem a expansão demográfica.

Segundo Dupâquier, a chave para uma melhor compreensão do ritmo da reprodução dos casais numa época de *fecundidade natural*, não controlada através de processos contraceptivos, reside nos intervalos entre os nascimentos e que, por isso, é urgente aprofundar esse estudo.⁴⁹

Para avaliarmos o potencial da fecundidade nas famílias de risco, socorremo-nos ainda do «*Intervalo intergenésico médio*», abrangendo 8 intervalos médios sucessivos, que reduzimos a um único

⁴⁸ Cf. Amorim, Norberta, *Guimarães 1580-1819. Estudo Demográfico (...)*, ob. cit. pp. 192-193.

⁴⁹ Cf. Dupâquier, Jaques, *Pour la Démographie Historique*, Ob. cit. pp. 166-168.,

período, de 1700 a 1899, pelo facto do número de famílias ser pouco expressivo. Servimo-nos das famílias *tipol* e *3*, cujos parâmetros se encontram registados no Quadro 15.

QUADRO 15
INTERVALOS INTERGENÉSICOS MÉDIOS

Intervalos	1700-1899	
	Nº Obs.	Meses
Inter. 1	22	25,3
Inter. 2	22	30,1
Inter. 3	21	28,4
Inter. 4	20	26,1
Inter. 5	17	26,4
Inter. 6	13	26,2
Inter. 7	9	32,3
Inter. 8	6	23,5
Total	130	27,4

Da leitura deste quadro, registamos uma média geral de 27,4 meses num universo de 130 intervalos, e no primeiro, em 22 observações, a média de 25,3 meses. Cotejando este primeiro intervalo médio de 25,3 meses, com o de 27,7 meses registado na comunidade durante os mesmos duzentos anos, conforme se vê no Quadro 16, conclui-se por uma maior fecundidade nos grupos de risco, igualmente patenteada noutros parâmetros.

2.3.4. Intervalos intergenésicos na comunidade

O primeiro intervalo intergenésico para todas as idades, durante o primeiro século, um valor de 24,7 meses, contra 28,4 meses no segundo, mostrando-nos que as mulheres de Unhais esperam, em média, mais 3,7 meses no século XIX do que no XVIII, para darem à luz o segundo filho.

QUADRO 16
PRIMEIRO INTERVALO INTERGENÉSICO MÉDIO
(EM MESES)

Períodos	Nº Obs.	Grupos de Idades				Todas as Idades
		< 20	20-24	25-29	30 e mais	
1700-1799	67	23,4 (13)	23,3 (21)	27,2 (22)	26,9 (11)	24,7
1800-1899	311	26,4 (64)	27,8 (140)	29 (70)	29 (37)	28,4
1700-1899	378	25,9 (77)	27,2 (161)	28,6 (92)	28,5 (48)	27,7

Porém, em termos globais e comparativamente com outras paróquias, o indicador de 27,7 meses desta freguesia serrana da Beira Interior, aproxima-se mais do da paróquia transmontana de Calvão, de 27,5 meses, do que o de Guimarães (zona rural), de 25,9 meses, apurado por Norberta Amorim, conforme visionamos no Quadro 17.⁵⁰

QUADRO 17
PRIMEIRO INTERVALO INTERGENÉSICO MÉDIO
(COMPARAÇÃO ENTRE PARÓQUIAS – ANTIGO REGIME)

Paróquias	Grupos de Idades				Todas as Idades
	< 20	20-24	25-29	30 ou mais	
Calvão	34,9	25,9	23,7	31,8	27,5
Guimarães (rural)	25,1	24,6	26,0	30,3	25,9
Unhais da Serra	25,9	27,2	28,6	28,5	27,7

Para o estudo do «*Intervalo intergenésico médio*» consideramos as famílias tipo **1** e **3**, para uma periodização que temos vindo a utilizar, conforme o Quadro 18.

⁵⁰ Faustino, José Alfredo Paulo, Calvão – Uma paróquia rural do Alto Tâmega (1670-1870), p. 135.

Tendo em atenção as médias finais de cada período, de 29,4 e 29,5 meses, torna-se possível observar um ritmo procriador praticamente sobreponível nos dois séculos.

QUADRO 18
INTERVALOS INTERGENÉSICOS MÉDIOS

Intervalos	Períodos			
	1700-1799		1800-1899	
	Nº Obs	Meses	Nº Obs	Meses
Interg. 1	67	24,7	311	28,4
Interg. 2	63	30,9	260	29,1
Interg. 3	51	30,2	217	29,8
Interg. 4	37	30,9	181	29,2
Interg. 5	31	30	146	32,1
Interg. 6	19	34,4	106	28,7
Interg. 7	13	30	82	31,1
Interg. 8	5	31,8	48	29,7
Total	286	29,4	1351	29,5

Já em relação à média, de igual número de intervalos, apurada nos grupos de risco, nas famílias com a mesma tipificação **1** e **3**, constata-se mais uma vez um indicador que aponta para uma maior fertilidade na população afectada. Assim, enquanto a média final da paróquia ultrapassa os 29,4 meses no período em observação, nos grupos de risco o mesmo indicador fixa-se nos 27,4 meses, como podemos ver no Quadro 15.

Falta averiguar se essa discrepância se deve a uma maior mortalidade infantil nas famílias com “paramiloidose”.

2.4. Número de filhos por casamento e duração das uniões nos grupos de risco

Tanto o número de filhos por família como a duração das uniões são indicadores importantes na avaliação da fecundidade. Para fins comparativos vamos utilizar as famílias tipo **1** e **2**, com as datas de casamento e do falecimento do primeiro cônjuge conhecidas e cujas mulheres tenham casado até aos 44 anos de idade.

QUADRO 19
NÚMERO DE FILHOS POR FAMÍLIAS NOS GRUPOS DE RISCO

Número de Filhos	Famílias Fecundas
4	2
5	3
6	4
7	6
8	4
9	4
10	2
11	2
12	1
13	1
Total: 224	Total: 29

Dos 29 casais observados, casais evidentemente fecundos, nos elos genealógicos das sete famílias com PAF, contamos 224 filhos, durante o período de dois séculos. Estes casais, como é óbvio, são os transmissores do gene anormal, de forma sucessiva às gerações seguintes.

O número médio de filhos apurado é de 7,7. Cotejando este resultado com o de 4,21 filhos, das famílias fecundas da paróquia em geral, conforme se divisa no Quadro 20, constatamos que os portadores de «paramiloidose» apresentam uma média de filhos bastante mais elevada, o que poderá justificar a persistência da PAF na comunidade e

ainda a sua progressão para pólos de desenvolvimento como a grande área de Lisboa.

Este quadro oferece-nos um panorama da distribuição do número de filhos pelas respectivas famílias. A maior frequência de famílias situa-se naquelas que têm 7 filhos. Depois, observa-se três grupos de 4 famílias, cada um com 6, 8 e 9 filhos. A seguir vêm 3 famílias com 5 filhos e depois duas com 10 e outras tantas com 11. Há ainda e apenas 2 famílias com 4 filhos cada uma. Finalmente as restantes duas famílias têm 12 e 13 filhos cada uma.

Sobressai do exposto que 24 das 29 famílias têm mais de 6 filhos, por conseguinte 82,8 %, são consideradas famílias numerosas.

2.4.1. Duração das uniões

Durante os duzentos anos que estão a ser objecto do nosso estudo, não nos foi possível apurar, com segurança, a duração de mais do que 9 uniões dentro dos 29 casais existentes na cadeia genealógica, situando-se 2 no século XVIII e os 7 no século XIX.

A média de duração destas uniões fecundas aponta para um número de 25 anos contra os 17,5 observados na comunidade, mas a exiguidade dos casos, associada à existência de uma lacuna de 51 anos nos registos de óbitos, de 1809 a 1859, que nos veda a possibilidade de observar qual dos cônjuges falece primeiro, suscita-nos as maiores reservas.

Da leitura destes dados não podemos concluir que os doentes afectados usufruem de maior longevidade que os da comunidade. Verificamos apenas que, enquanto uma grande percentagem das uniões acaba prematuramente no século XIX por falecimento das mães na altura do segundo e terceiro partos, aos casais portadoras nada disso lhes acontece, porque na generalidade são casais com muitos filhos.

Por outro lado é possível que a maioria dos portadores de Unhais da Serra, se desenvolveram a doença, teria acontecido tardiamente. E isso não é de estranhar, porquanto o maior número de “casos tardios”, cujos primeiros sintomas aparecem depois dos 50 anos, descritos por «Antunes *e.al.*» em Lisboa, é oriundo de Unhais da Serra, contrariamente aos originários da Póvoa de Varzim e concelhos

vizinhos e contíguos, cujas primeiras queixas surgem, de uma maneira geral, entre os 20 e 30 anos.⁵¹

Sobre a Póvoa de Varzim apenas dispomos de um indicador que de alguma maneira nos pode servir de referência para o nosso estudo: trata-se de uma duração média das uniões, de 22 anos, apurada por Isabel Maria Paulos num intervalo entre 1540 e 1750, uma baixa duração comparada com os valores médios encontrados no Minho.⁵² Como termo de comparação, refere na página 95, um valor superior a 29,2 anos, observado em Ronfe⁵³, anteriormente a 1750.

Interessante seria concluir-se o estudo das variáveis já iniciadas, nupcialidade e mortalidade, pelo menos até finais do século XIX, e iniciar-se a análise da fertilidade nas freguesias mais afectadas da Póvoa de Varzim e especialmente das Caxinas, em Vila do Conde.

2.5. Número de filhos por casamento e duração das uniões na comunidade

Atentando a evolução da média do número de filhos por união, verificamos um crescimento deste indicador, de 3,37 para 3,53 filhos do primeiro para o segundo período, enquanto se observa um movimento em sentido inverso nas famílias fecundas, indicador que passa de 4,36 para 4,15 filhos e uma taxa de infecundidade que igualmente decresce de 22,7% para 15%, durante os mesmos séculos.

⁵¹ Sousa, Alda, *in ob.cit.* p.14.

⁵² Paulos, Isabel Maria Magalhães – *Um Estudo de Nupcialidade – Póvoa de Varzim 1540-1750*, p.151.

⁵³ Amorim, Norberta. 1999^a. 9.29.

QUADRO 20
NÚMERO DE FILHOS POR UNIÃO

Número de Filhos	Período		Total Geral
	1700-1799	1800-1899	
0	94	131	225
1	74	188	262
2	31	103	134
3	49	89	138
4	36	66	102
5	25	66	91
6	23	56	79
7	23	51	74
8	25	52	77
9	15	42	57
10	13	16	29
11	3	8	11
12	2	4	6
13	2	1	3
14		2	2
15		1	1
Total Geral	415	876	1291
Média de filhos por união	3,37	3,53	3,48
Média de filhos – famílias fecundas	4,36	4,15	4,21
% famílias infecundas	22,7%	15%	17,4%

O movimento destes indicadores encontram explicação no aumento percentual de famílias com 1 e 2 filhos, que passa de 25% para 33,3% do século XVIII para o século XIX. Como interpretar este fenómeno? Um controlo de natalidade nesta época não é crível pelo que

as razões terão que ser encontradas numa menor duração conjugal nas famílias fecundas.

QUADRO 21
DURAÇÃO DAS UNIÕES EM FAMÍLIAS FECUNDAS

	1700-1799	1800-1899	Total
0-4	15	82	97
5-9	30	94	124
10-14	31	79	110
15-19	33	84	117
20-24	30	48	78
25-29	10	33	43
30 +	45	83	128
Total	194	519	713
Duração Média	19,8	16,7	17,5

Analisando os indicadores que o Quadro 21 nos mostra, visionamos realmente uma descida da duração média das famílias fecundas de 19,8 para 16,7 anos, do primeiro para o segundo período, o que nos sugere, com certeza, uma interrupção prematura de grande número de casamentos devido ao falecimento de mulheres principalmente na ocasião do segundo e terceiro partos.

QUADRO 22
COMPARAÇÃO ENTRE O NÚMERO DE FILHOS POR FAMÍLIAS
COMPLETAS
(PARA TODAS AS IDADES)
ANTIGO REGIME

Paróquias	Todas as Idades
Guimarães (zona rural)	6,0
Calvão	5,0
Unhais da Serra	4,6

Os indicadores das primeiras duas paróquias do Quadro 22, foram extraídas de «Calvão- Uma paróquia rural do Alto Tâmega», de José Faustino, página 142, e utilizámo-los para os compararmos com o de Unhais da Serra, por mostrarem a vantagem de uma relativa aproximação ao mesmo espaço temporal e às mesmas épocas.

Unhais da Serra exhibe um indicador de 4,6 filhos por família completa, um pouco abaixo da paróquia transmontana de Calvão, de 5 filhos, e notoriamente inferior à zona rural de Guimarães que mostra a maior fecundidade das três freguesias, isto é, uma média de 6 filhos.

3. Mortalidade

A mortalidade e os movimentos migratórios são vistos por um significativo núcleo de historiadores demógrafos, como os importantes condicionadores da evolução e do ritmo de crescimento das sociedades do Antigo Regime.

A cadência «normal» da mortalidade é interrompida ciclicamente por oscilações mais ou menos contundentes, apelidadas por crises de mortalidade ou por crises demográficas.

Mas a partir dos anos sessenta do século passado, J. Hajnal põe em causa o papel determinante da mortalidade, atribuindo maior relevo à nupcialidade como fenómeno regulador das populações.⁵⁴

Reagindo a esta posição, autores, como Vicente Pérez Moreda, Lourenzo Del Planta e Livi-Baci, entre outros, consideram a mortalidade como factor preponderante e «o elemento regulador por excelência» da evolução demográfica do Antigo Regime, quando se impõe de forma destruidora e de crise.⁵⁵

⁵⁴ HAJNAL, J. European marriage patterns in perspective, in *Population in History*, Londres, 1965, pp. 101-143.

⁵⁵ Cf. V. Pérez de Moreda, *Las crises de mortalidade en la España interior Siglos XVI-XIX*, Madrid, Siglo Veintiuno, 1980, pp.60-61.

Livi-Baci realça ainda que as crises de mortalidade, ao longo de vários séculos, são as grandes neutralizadoras do saldo natural humano que se acumula em períodos normais.⁵⁶

Não iremos fazer um estudo completo e abrangente desta variável, especialmente da natureza das crises ocorridas em Unhais da Serra, pela insuficiência de fontes, à qual já nos referimos. Mesmo assim, usando os poucos dados disponíveis, conseguimos esclarecer o que foi possível relativamente a este parâmetro, tanto na comunidade como nos grupos de risco.

3.1. Mortalidade infantil nos grupos de risco (1860-1899)

Também neste intervalo foi possível contabilizar o nascimento de 76 crianças, 37 do sexo masculino e 39 do feminino e o falecimento de 19, nove do sexo masculino e dez do sexo feminino. Com menos de 1 ano, falecem 6 do sexo masculino e 5 do feminino. Antes dos 5 anos, morrem 3 crianças do sexo masculino e 5 do feminino.

Regista-se ainda e apenas a morte de 2 jovens com menos de 15 anos.

O número de casos é exíguo, mas mesmo assim avançamos para ambos os sexos com o quociente de mortalidade até aos 5 anos, de 250 por mil crianças.

Aceitando os resultados com relativa cautela, dá-nos a impressão que, no seu conjunto, as crianças destes grupos, até aos 5 anos, estão mais protegidas do que as da comunidade, que falecem mais 43 em cada mil.

3.2. Mortalidade infantil na comunidade (1860-1899)

Para confrontarmos a mortalidade até aos 5 anos, com a evidenciada nos grupos de risco, apurámos um quociente de 293 por mil, uma situação mais gravosa do que nos grupos de risco, como vimos.

⁵⁶ «Crises de Mortalidade: definição, métodos de Cálculo, Análise das Consequências», in Luíza Marcílio, *População e Sociedade – Evolução das Sociedades Pré-Industriais*, ob. cit., p. 71.

QUADRO 23
MORTALIDADE DOS MENORES DE 1 ANO

	Nascimentos		Óbitos <1		Permilagem	
	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem
1860-69	175	175	29	22	165,7	125,7
1870-79	228	241	39	27	171,1	112
1880-89	249	219	31	17	124,5	77,6
1890-99	312	290	52	28	166,7	96,6

Enquanto se verifica o nascimento de um maior número de rapazes, por outro lado também são eles que morrem mais em todos os decênios, mormente no último.

QUADRO 24
MORTALIDADE DOS MENORES DE 5 ANOS

	Nascimentos		Óbitos <5		Permilagem	
	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem
1860-69	175	175	61	55	348,6	314,3
1870-79	228	241	79	70	346,5	290,5
1880-89	249	219	63	48	253	219,2
1890-94	160	145	49	42	306,3	289,7

Até aos 5 anos continuam a morrer mais crianças do sexo masculino do que do feminino, seguindo a tendência que se registra até à idade de 1 ano, mas com uma diferença, que se atenua.

QUADRO 25
MORTALIDADE DOS MENORES DE 15 ANOS

	Nascimentos		Óbitos <15		Permilagem	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
1860-1884	509	515	191	174	341,8	337,9

Já neste espaço de tempo de 24 anos, o nascimento masculino é inferior em 6 unidades em relação ao feminino, mas nem por isso deixa de continuar a verificar-se uma maior mortalidade, embora ligeira, muito próxima dos 4 por mil, no sexo masculino.

Durante estas quatro décadas ocorrem algumas crises de mortalidade infantil, coincidindo com crises de mortalidade adulta.

Assinalámos quatro grandes picos: o primeiro em 1867 e 1868; o segundo, o mais grave, em 1874, que quase quadruplica a média anual da década, atribuído pelo pároco a uma epidemia de varíola que ele próprio designa por «bexigas». Em 1884 novo surto de varíola flagela as crianças de Unhais da Serra, mas menos mortífera. Em 1992 nova crise assola Unhais da Serra vitimando muitas crianças.

3.2.1. Esperança de vida nas famílias de risco (1860-1899)

Na verdade, possuímos poucas informações sobre a idade à morte dos indivíduos portadores e transmissores da PAF que se encontram na cadeia genealógica das sete famílias, descritas no capítulo IV.

E como a «paramiloidose» é uma doença que atinge os adultos, com uma maior frequência nos inícios da terceira década de vida, decidimos apurar a esperança de vida da população afectada aos 25 anos de idade, casada ou solteira, com vista a avaliarmos o impacto que a afecção terá provocado na sua duração de vida.

Dos transmissores, apenas conseguimos saber a idade à morte de 7, durante os dois séculos em análise, isto é, de 4 mulheres que falecem com as idades de 72, 58, 54, e 63 anos e de 3 homens que são surpreendidos pela morte aos 69, 59 e 76 anos de idade.

Mas em relação aos descendentes dos 29 casais da árvore genealógica, com todas as limitações já explicitadas, conseguimos saber com que idade falecem 57 indivíduos maiores de 25 anos, entre os anos 1860 e 1899.

Estes indivíduos identificados, falecem com idades situadas nas seguintes décadas:

- 3 indivíduos entre os 26 e 30 anos; 6 na terceira década; 6 na quarta década; 9 na quinta década; 9 na sexta década; 13 na sétima década; 8 na oitava década e apenas 3 atingem os 90 anos.

Efectuados os cálculos, registámos nestes grupos de risco, para o período referido, uma esperança média de vida aos 25 anos, de 36,8 anos.

Infelizmente, em virtude da lacuna já apontada nos registos de óbito, não é possível para o mesmo período de 1860 a 1899, apurar a esperança média de vida dos indivíduos aos 25 anos, na comunidade, uma vez que se estabelece como meta provável de longevidade os 90 anos, e um indivíduo que em 1860 tenha 25 anos, em 1899 apenas teria 64 anos, pelo que o apuramento da esperança de vida com este limite não é possível calcular.

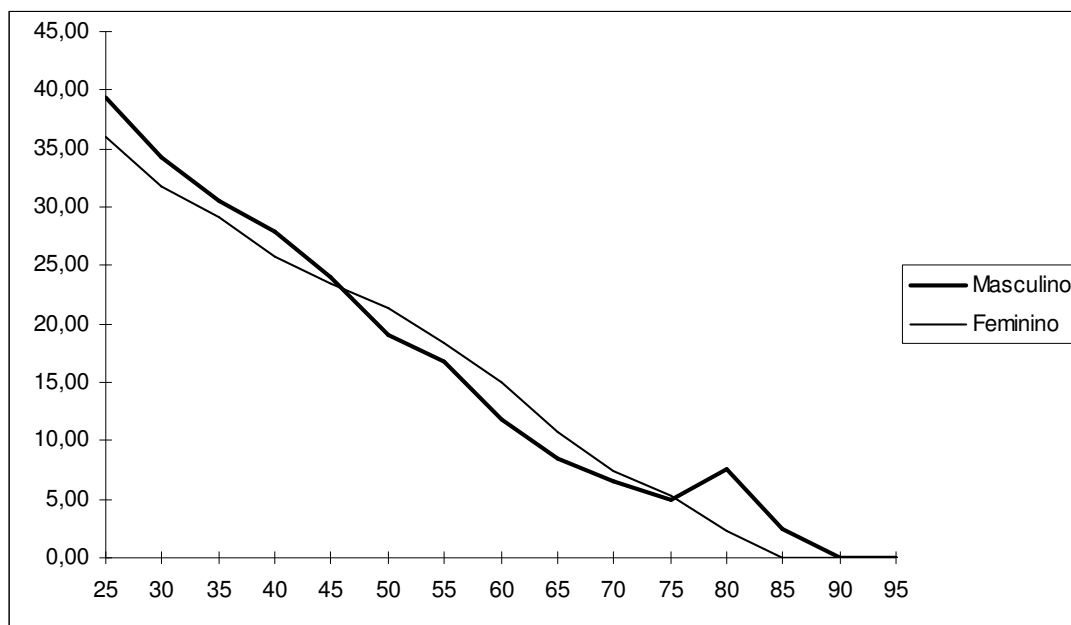
Ficamos assim impossibilitados de estabelecer comparações como temos vindo a fazer. Apenas dispomos de um dado similar verificado na comunidade, mas nos primeiros trinta anos do século XVIII, de 1700 a 1730, que nos mostra uma esperança média de vida dos casados aos 25 anos, de 37,46 anos, para o total dos sexos, conforme o Quadro 26.

3.2.2. Esperança de vida dos casados aos 25 anos na comunidade (1700-1730)

QUADRO 26
ESPERANÇA DE VIDA DOS INDÍVIDUOS CASADOS NA COMUNIDADE
(1700-1730)

Homens	28		
Mulheres	53		
Idade	Masculino	Feminino	Total
25	39,30	36,03	37,46
30	34,30	31,79	32,94
35	30,52	29,17	29,85
40	27,88	25,83	26,81
45	24,08	23,48	23,84
50	19,08	21,41	20,31
55	16,76	18,29	17,63
60	11,76	15,03	13,43
65	8,41	10,81	9,75
70	6,47	7,43	7,14
75	5,00	5,38	5,41
80	7,50	2,21	3,56
85	2,50	0,00	2,50
90	0,00	0,00	0,00
95	0,00	0,00	0,00

GRÁFICO 1
ESPERANÇA DE VIDA DOS INDIVÍDUOS CASADOS



Observando o gráfico que espelha a esperança de vida dos indivíduos casados a partir dos 25 anos nascidos, em Unhais da Serra, no intervalo temporal referido, verificamos que o sexo masculino tem uma esperança de vida maior do que o feminino, igualando-se por volta dos 45 anos. A partir dessa idade até aos 75 anos é o sexo feminino que vive mais tempo. Depois a situação inverte-se a favor dos homens a durarem próximo dos 90 anos.

Assim é nítido que a causa de uma menor esperança de vida para as mulheres, precisamente durante o seu período fértil, terá sido, como comentámos na duração das uniões em famílias fecundas – Quadro 21, os frequentes acidentes de parto.

Finalmente para termos uma visão do que acontecia com a esperança de vida dos casados maiores de 25 anos, até finais do século XVIII, em mais duas paróquias, uma transmontana, Calvão, concelho de Chaves, e outra minhota, Ronfe, concelho de Guimarães, os valores

calculados foram de 37,26 para a primeira freguesia⁵⁷ e 39,28 para a segunda.⁵⁸

Comparando os indicadores em análise, detectamos nesta comunidade serrana da Beira Alta, para a mesma geração dos casados aos 25 anos, um valor de 37,46, anos, um pouco superior à transmontana, mas inferior à minhota, em cerca de dois anos.

3.3. Uma abordagem à emigração através dos registos paroquiais.

Através dos averbamentos de óbito, efectuados nos registos de nascimento de Unhais da Serra, principalmente entre 1870 e 1899, pudemos assinalar 264 indivíduos, de ambos os sexos, falecidos no século XX, maioritariamente na Capital e nos concelhos vizinhos que hoje compõem a Área Metropolitana de Lisboa.

Este assinalável fluxo migratório que parte de Unhais da Serra, segue a rota dos beirões oriundos dos concelhos que constituem o Regionalismo Serrano, na procura de uma vida melhor.⁵⁹

Apresentamos um quadro que nos dá uma visão dos destinos mais procurados pelos naturais de Unhais, nos finais do século XIX e primórdios do século XX.

⁵⁷ Faustino, José Alfredo – Calvão – Uma Paróquia Rural do Alto Tâmega (1670-1870), p. 218.

⁵⁸ Amorim, Norberta, 1993, «As diferenças de comportamento demográfico no Antigo Regime – o caso de Ronfe (Guimarães) e Poiães(Freixo)», in *Revista de Guimarães*, Publicação da Sociedade Martins Sarmiento, Vol. 103, pp. 45-63. In nota de rodapé 213 de ob. cit. Faustino, José Alfredo – Calvão, p. 218.

⁵⁹ Pacheco, Aníbal – Regionalismo Serrano.

QUADRO 27
DESTINOS MIGRATÓRIOS EXTRAÍDOS DOS AVERBAMENTOS DOS
ÓBITOS
(1870-1899)

Concelhos	Nº de Indivíduos	Percentagem
Covilhã	56	21,2
Lisboa	155	58,7
Área Metropolitana de Lisboa	34	12,9
Outros	19	7,2
Total	264	100

Em «Outros» estão incluídos 4 falecimentos em Coimbra, 3 em Seia, 3 em Viseu, 1 em Pampilhosa da Serra, 1 em Tondela, 1 em Setúbal. Apenas indicamos estes em virtude de nestas localidades encontrarmos hoje famílias com PAF.

A mesma rubrica engloba 2 falecimentos ocorridos no estrangeiro, nomeadamente na Argentina.

Num registo de casamento, identificámos também um indivíduo nascido nesta paróquia, nas últimas décadas do século XIX, cujos pais tinham a profissão de forneiros, e que em 1920 foi casar a Cartaxo, concelho do Distrito de Santarém, povoação onde foram encontrados não há muito tempo pessoas com esta enfermidade.

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

DISCUSSÃO

Segundo nos parece, desde o início da identificação da «Polineuropatia Amiloidótica Familiar» TTR Met 30 – tipo 1, por Corino de Andrade, questões como a *mutação única*, o *local* e a *data* provável da ocorrência, e a forma como a doença se tem expandido pelo País ao longo dos tempos, nunca deixaram de estimular a curiosidade dos investigadores, cujas respostas continuam a ser procuradas como uma necessidade científica.

Nascem assim hipóteses arquitectadas por “Klein” e “Becker”, a respeito da data e do local da mutação em Portugal e seus percursos, e que elegem a Póvoa de Varzim, pelo grau de prevalência e incidência da enfermidade nessa zona, como o berço da mutação.

Enquanto prosseguem os estudos de genética molecular sobre os haplótipos associados à PAF na população portuguesa, os relativos à história genética da doença não passam das meras suposições avançadas pelos referidos geneticistas, há mais de quarenta anos, levando Alda Sousa, autora da “Variabilidade Fenotípica da Polineuropatia Amiloidótica Familiar: Um Estudo de Genética Quantitativa em Portugal e na Suécia”, a referir que para se tratar destas questões, *«têm feito falta outras abordagens do tipo genealógico/histórico, mas também na área da epidemiologia geográfica ou da epidemiologia genética*, fazendo o diagnóstico das necessidades extremamente preciso.

Este nosso trabalho vai nessa linha e tem por base a hipótese de Klein com vista a levantarmos um pouco o véu sobre a sua consistência. Para isso deitámos mão aos mais variados documentos históricos e monográficos, com especial relevo, a registos paroquiais da Póvoa de Varzim e de Buarcos, freguesia do concelho da Figueira da Foz e finalmente a todos os registos paroquiais de Unhais da Serra existentes entre 1699 e 1899.

Tendo por referência a época hipotética, cerca de 500 anos atrás, para o acontecimento da mutação na Póvoa de Varzim, consultámos os seus registos de casamento entre 1543 e 1610, assistindo, por essa via, à entrada de uma corrente de noivos na povoação, das freguesias

limítrofes do interior e do litoral, de localidades mais distantes, da Galiza, de Vila Nova de Cerveira, de Viana do Castelo, de Esposende, de Matosinhos, do Porto, de Aveiro, de Buarcos, de Lisboa e ainda de Setúbal.

Também demos “uma vista de olhos” pelos séculos XVII e XVIII na freguesia de Buarcos, concelho da Figueira da Foz, consultando os respectivos registos paroquiais de casamento, e da mesma forma «presenciámos» a chegada de muitos consortes à localidade, vindos das freguesias vizinhas, e mais longínquas, incluindo de Viseu, de Leiria, e do Norte, de Guimarães, de Famalicão, de Ponte de Lima e dos *arrabaldes* de Braga.

Verificámos como se processava o intercâmbio comercial através do Mondego, como o gene mutante poderia ter seguido a rota das mercadorias, especialmente do sal e até mesmo através das *canadas*, na actividade da transumância.

Todos estes passos tiveram um grande suporte documental de índole monográfica e histórica.

Por fim, como o nosso destino é Unhais da Serra e um dos principais objectivos é averiguar como o gene lá entra e a forma como se expande, construámos uma base de dados onde consta toda a população que lá nasce, casa e em parte falece, (existe uma lacuna nos registos de óbito de 1809 a 1859), durante duzentos anos. Da base de dados foi possível extrair todos os antepassados das sete famílias propostas, de que fazem parte os onze doentes nascidos no século passado, registados na paróquia nas duas centúrias. Através das genealogias ascendentes e descendentes dessas famílias afectadas, verificámos que todas descendiam de três casais ancestrais comuns, que viveram entre os finais do século XVII e princípios do XVIII.

Do estudo demográfico e histórico da comunidade e dos grupos de risco identificados, passamos às **Conclusões**.

CONCLUSÕES

Não encontramos nos registos paroquiais de Unhais da Serra, de 1699 a 1899, qualquer indivíduo natural da Póvoa de Varzim e de Vila do Conde, nem do litoral das Beiras, nomeadamente da Figueira da Foz.

Em primeiro lugar, referindo-nos à origem geográfica do gene mutante, que é um dos principais objectivos por nós traçado neste trabalho, concluímos que, no período em observação, não foi encontrado nos registos paroquiais de Unhais da Serra, qualquer indivíduo proveniente da Póvoa de Varzim e de Vila do Conde, nem tão pouco do litoral das Beiras, nomeadamente do concelho da Figueira da Foz, a entrar na comunidade.

As pessoas que se deslocam para lá são, na sua maioria, naturais das freguesias e concelhos limítrofes e próximos.

De maior distância apenas entram em Unhais da Serra dois consortes, em meados do século XVIII, um natural de *Vila Nova de Cerveira*, outro cujo pai é natural de *St.º André do Sobrado de entre ambas as Aves*, Arcebispado de Braga, hoje uma freguesia do concelho de Santo Tirso.

Enquanto o *António Pereira*, originário de *Vila Nova de Cerveira*, se encontra na cadeia genealógica dos grupos de risco e dele descendem seis famílias, o *Pedro Francisco*, de *St.º André do Sobrado*, não aparece sequer entre os antepassados dos doentes.

Identificámos três casais ancestrais comuns às sete famílias com PAF, nos princípios do século XVIII.

Como podemos observar na árvore genealógica das famílias afectadas, os casais antepassados comuns que falecem em Unhais da Serra nos primórdios do século XVIII, um cônjuge é natural de Alvoco da Serra (Seia) e os outros são naturais de Unhais da Serra, paróquia anteriormente associada à de Paúl, do mesmo concelho da Covilhã.

Na cadeia genealógica surgem-nos poucos cônjuges «de fora» da comunidade, estes naturais de freguesias dos concelhos da Covilhã, de Seia e de Oliveira do Hospital, os dois primeiros com fronteiras contíguas a Unhais da Serra, curiosamente freguesias que muito contribuem para o crescimento da população de Unhais da Serra, nos dois períodos em apreciação.

Mas como se caracteriza a comunidade de Unhais da Serra, no campo demográfico, comparativamente com outras paróquias já estudadas no nosso País?

Não obstante as barreiras físicas e geográficas que ladeiam a povoação, observámos através da variável da nupcialidade que Unhais da Serra regista uma menor endogamia do que a freguesia transmontana de Calvão⁶⁰ e, nessa vertente, iguala praticamente a paróquia do Planalto Mirandês de Palaçoulo,⁶¹ do concelho de Miranda do Douro, em períodos homólogos.

Sobre a forma como o gene deletério se mantém e dispersa pela população, apurámos os indicadores que estão directamente relacionados com a fecundidade, a idade média da mulher ao casamento, o número médio de filhos, a duração das uniões e os intervalos intergenésicos que as famílias transmissoras apresentam.

As mulheres dos grupos de risco casam, em média, mais cedo que as da comunidade.

A idade média ao 1º casamento, nos séculos XVIII e XIX, observada nas famílias de risco, é respectivamente de 22,7 e 23,6 anos, conforme Quadro 3, valores inferiores aos apurados nos casais da comunidade, isto é, 25 e 24,1 anos, Quadro 4), o que pressupõe um maior período reprodutivo nas mulheres dos grupos de risco.

⁶⁰ Faustino, José, Calvão, *in ob. cit.* p. 99.

⁶¹ Raposo, Fábica Maria, *in ob. cit.* 85.

As mulheres dos grupos de risco têm, em média, mais filhos do que as da comunidade.

Também o número médio de filhos observado nas famílias portadoras do alelo letal é superior, cifrando-se em 7,7, filhos, Quadro 19, contra 4,21 filhos nas uniões fecundas da comunidade, de harmonia com o Quadro 20.

Estes grupos reproduzem-se numa comunidade em que as taxas de fecundidade são globalmente superiores, no século XVIII, às do Pico de Regalados e às de Calvão e em que a respectiva descendência teórica de 8,15 filhos, é mais elevada do que a acusada nas freguesias nortenhas, com 6,48 para a primeira e 7,82 filhos para a segunda, conforme vimos no Quadro 12.

Os filhos das mulheres dos grupos de risco nascem, em média, com intervalos mais curtos.

O intervalo intergenésico médio total apurado nos grupos de risco, para os dois séculos, fixa-se nos 27,4 meses, conforme Quadro 15, enquanto na comunidade este mesmo indicador é aproximadamente de 29,5 meses (Quadro 18), confirmando uma maior fecundidade na população afectada, já demonstrada por outros parâmetros.

Para vermos, por outro ângulo, como se comporta Unhais da Serra, no campo da fecundidade, em relação a outras comunidades, escolhemos para épocas similares, o primeiro intervalo intergenésico médio das paróquias de Calvão e Guimarães, zona rural, Quadro 17, sendo visível que as mulheres de Unhais *dão à luz* o segundo filho com um intervalo de 27,7 meses, quase igual às de Calvão, com 27,5 meses, mas são as de Guimarães rural que o concebem mais cedo, com um intervalo de 25,9 meses, conforme tem sido observado por Norberta Amorim, evidenciando níveis de maior fecundidade.

A média da duração das uniões nos grupos de risco, durante os dois séculos, não nos foi possível apreciá-la com segurança, devido à

escassez de casos, apenas 9 encontrados na cadeia genealógica, num conjunto de 29 casais, e por isso o número encontrado de 25 anos contra os 17,5 na comunidade merece-nos todas as reservas.

As crianças até aos 5 anos dos grupos de risco morrem menos, em cada mil, do que as da comunidade.

Finalmente o fenómeno da mortalidade, segundo Vicente Pérez Moreda, Lourenzo Del Planta de Livi-Baci é «*o elemento regulador por excelência*» da evolução demográfica do Antigo Regime, isto é, até 1850, quando toma a configuração de crise, como vimos.

Em relação à mortalidade das crianças nos grupos de crise, apurámos para ambos os sexos até aos 5 anos, um quociente de 250, por mil crianças. Já na comunidade as crianças dentro desta faixa etária são mais vulneráveis, falecendo mais 43 em cada mil. Igualmente devido à exiguidade de casos devemos aceitar estes resultados com a devida cautela.

Devido ao grande hiato observado no século XIX, em virtude da perda dos registos de óbito de 1809 a 1859, não nos é possível estabelecer comparações da mortalidade adulta entre os grupos de risco e a comunidade, como temos vindo a fazer.

Contudo, nas três primeiras décadas do século XVIII, apurámos uma esperança de vida, para os casados na comunidade, aos 25 anos, para ambos os sexos, de 37,46 anos, observando-se uma desvantagem para a mulher que vive menos 3,27 anos do que o homem, (Quadro 26), provavelmente devido a acidentes de parto, para os valores coincidirem aos 45, conforme visualizamos no gráfico nº. 1.

No período de 1860 a 1899, a esperança de vida nos grupos de risco, de casados e solteiros de ambos os sexos aos 25 anos, para os 57 indivíduos que falecem com idade conhecida, visionámos uma esperança média de vida de 36,8 anos.

Em síntese, perante a maioria dos resultados, julgamos poder concluir que as famílias afectadas com PAF, durante estes séculos em observação, foram melhor sucedidas na renovação das suas gerações do que as da comunidade, o que pode explicar a disseminação e a permanência da patologia nesta população.

O método de “reconstituição de paróquias”, um método com enormes potencialidades, neste tipo de investigação.

Reservamos uma palavra muito especial para o método utilizado da autoria de Norberta Amorim. Na verdade este método possui todas as potencialidades para lidar com estudos desta natureza. É que recriar um cenário passado, colocando-o perante os nossos olhos, é algo de fascinante. Ficamos a conhecer a biografia das pessoas, donde vieram, como nasceram, viveram e faleceram.

Pelos meios informáticos conseguimos obter as mais variadas respostas, descritivas e quantitativas, sobre os comportamentos demográficos das populações e neste caso concreto, sobre um segmento populacional acometido de uma doença genética que acompanhamos.

Creemos que esta tese de mestrado ao estudar a forma como a «paramiloidose», uma doença genética, de carácter dominante, se desenvolve e dispersa na comunidade de Unhais da Serra, é um trabalho sério, pioneiro e inovador, ao ensaiar, pela primeira vez, com excelentes resultados, uma metodologia tão promissora e com tantas potencialidades como esta.

Por isso mesmo, estamos convencidos de que, para o futuro, não será possível ignorá-lo, porque, igualmente pela primeira vez, se assiste, através deste método, a um estudo genético sobre humanos que de outra maneira seria impossível observar.

Julgamos que abre espaço a novas interrogações que somente poderão ser encontradas à medida que alargarmos a base de dados a outras localidades, com o fim de seguir a movimentação e o percurso de vida das pessoas.

Seria interessante prosseguir com o alargamento da base de dados de Unhais da Serra a outras populações, especialmente onde a

prevalência desta doença é preocupante, como Póvoa de Varzim, Vila do Conde (Caxinas), Esposende, Barcelos, Braga, Porto, Figueira da Foz, Lisboa e outras.

Dada a existência de um importante acervo documental no campo das genealogias dos doentes, especialmente no Centro de Estudos de Paramiloidose, no Porto, iniciado por Corino de Andrade e continuado por outros médicos especialistas, no Hospital dos Covões, cremos, em Coimbra, e no Hospital Curry Cabral, em Lisboa, pensamos que seria de todo o interesse centralizar toda essa informação para mais facilmente ser utilizada.

Assim, unindo sinergias interdisciplinares e de várias instituições, estaria aberto o caminho para se encontrarem respostas para muitas interrogações que esta patologia continua, a partir agora, cada vez mais a colocar.

BIBLIOGRAFIA

- AMORIM, Manuel, A Póvoa Antiga.
- AMORIM, M^a. Norberta (1991), *Uma Metodologia de reconstituição de paróquias*, Braga, Universidade do Minho.
- AMORIM, M^a. Norberta (1992), *Evolução Demográfica de três paróquias do Sul do Pico, de 1680 a 1980*, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho.
- AMORIM, M^a. Norberta (1993), “*Reconstituição de paróquias e estudo das migrações internas. O caso de uma paróquia minhota no Antigo Regime*”. Comunicação apresentada na I Conferência Europeia da Comissão Internacional de Demografia Histórica, Santiago de Compostela.
- AMORIM, M^a. Norberta, *Instabilidade da Família Urbana de Antigo Regime – Um ensaio sobre Guimarães*. *Ler História*, 29 (1995) 27-43.
- AMORIM, M^a. Norberta (1995), *Demografia Histórica – Um programa de docência*, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho.
- AMORIM, M^a. Norberta *et al.* (1999), *Francisca Catarina (1846-1940) Vida e Raízes em S. João do Pico* (Biografia, Genealogia e Estudo de Comunidade
- BANDEIRA, Mário Leston (1996), *Demografia e Modernidade. Família e Transição Demográfica em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- BIGOTTE, J. Quelhas - *Monografia da Vila e Concelho de Seia*.
- DUPÂQUIER, Jacques, (1984) *Pour la Démographie Historique*, Paris PUF.
- GRIFFITHS, Anthony J.F. (2000) *et al. Introdução à Genética – Editora Guanabara Koogan S. A - Rio de Janeiro – Sétima Edição*.
- GUERREIRO, M. Viegas *et al.* - *Unhais da Serra – Notas Geográficas*.
- JANEIRA, Armando Martins - *O Impacte sobre a civilização japonesa*.

- LIMA, Maria Manuela (1996), *Doença de Machado-Joseph – Estudo Epidemiológico, Biodemográfico e Genético*. Tese de doutoramento, Universidade de Ponta Delgada, Açores.
- LIVI BACCI, Maximo (1984), *Crises de mortalidade: definição, métodos de cálculo, análise das consequências*, in M^a. Marcílio (org.), *População e Sociedade. Evolução das Sociedades pré-industriais*, Petrópolis, Vozes.
- MARCÍLIO, Maria Luiza (org.), *População e Sociedade. Evolução das sociedades pré-industriais*, Petrópolis, Vozes, 1984.
- MARCÍLIO, Maria Luiza, s.d. (org.) *Orientações Técnicas e Metodológicas* - São Paulo, Livraria Pioneira Editora.
- MORENO, Humberto Baquero – *A Acção dos Almocreves*
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de - *Palheiros*.
- PÉREZ MOREDA, V., *Las crisis de mortalidad en la Espâna interior (Siglos XVI-XIX)*.
- PINA, Isabel Castro – *A Encosta Ocidental da Serra da Estrela – Um Espaço Rural na Idade Média*.
- PRÉSSAT, Roland (1985), *Introducción à la Demografía*, Barcelona, Ariel.
- RAU, Virginia., *Estudos de História Económica*, Lisboa, Ática, 1961.
- REHER, D.-S., *La investigación en demografía histórica e história de la población*.
- RIBEIRO, Orlando - *Geografia de Portugal – 4 Vol.*
- ROWLAND, Robert (1988), *Mortalidade, movimientos migratorios y edad de aceso al matrimonio en la Península Ibérica*, in boletín de la ADEH, vol. V.
- ROWLAND, Robert (1988), *Sistemas matrimoniais en la Península Ibérica (siglos XVI-XIX). Una perspectiva regional*, in Vicente Pérez Moreda e David Sven Reher (eds), *Demografía histórica en España*, Ediciones el Arquero, Madrid.
- SAMPAIO, Alberto - *Póvoas Marítimas*.
- SCOTT, Ana Sílvia (1999), *Famílias, Formas de União e Reprodução Social no Noroeste Português (Séculos XVIII e XIX)*
- SIMÕES, Viriato – *A Serra da Estrela e as suas beiras*.

SOUSA, Alda (1995) *A Variabilidade Fenotípica da Polineuropatia Amiloidótica Familiar: Um Estudo de Genética Quantitativa em Portugal e na Suécia*. Tese de doutoramento, Especialidade de Genética, Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar, Universidade do Porto.

Índice

Agradecimentos	9
Apresentação	11
Prefácio	13
INTRODUÇÃO	17
1. Motivações do trabalho	17
2. Razões de uma escolha	19
3. Objectivos	20
CAPÍTULO I	23
1. A Polineuropatia Amiloidótica Familiar	25
1.1. História da sua identificação	25
1.2. Caracterização genética	26
1.2.1. A mutação e o erro bioquímico	26
1.2.2. Como se transmite	26
1.3. Caracterização epidemiológica	27
1.3.1. A PAF em Portugal	27
1.3.2. A PAF noutros países	31
2. Origem e difusão da mutação genética - Hipóteses e dificuldades	31
CAPÍTULO II	41
METODOLOGIA E FONTES	43
1. Genealogias	45
1.1. Genealogias ascendentes	46
1.2. Genealogias descendentes	47
CAPÍTULO III	49
ENQUADRAMENTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO, ECONÓMICO E SOCIAL	51
1. Nota histórica	51

2. Enquadramento geográfico no concelho da Covilhã.	54
3. Actividades económicas	56
3.1. A agricultura	56
3.2. Pastoreio	58
3.3. A indústria	60
CAPÍTULO IV	63
REPRODUÇÃO NAS FAMÍLIAS PORTADORES DE PAF DE UNHAIS DA SERRA	65
CAPÍTULO V	109
COMPORTAMENTOS DEMOGRÁFICOS DA COMUNIDADE E DOS GRUPOS DE RISCO	111
1. Nupcialidade	111
1.1. Idade média ao casamento	112
1.1.1. Nos grupos de risco	112
1.1.2. Na comunidade	114
1.2. Naturalidade dos cônjuges dos grupos de risco	116
1.3. Naturalidade dos cônjuges na comunidade	117
2. Fecundidade	121
2.1. Taxas de fecundidade	122
2.1.1. Nos grupos de risco	122
2.1.2. Na comunidade	123
2.2. Influência da Idade ao casamento nas taxas de fecundidade legítima	126
2.3. Espaçamento dos nascimentos	128
2.3.1. Intervalo protogenésico nos grupos de risco	128
2.3.2. Intervalo protogenésico na comunidade	129
2.3.3. Intervalos intergenésicos médios nos grupos de risco.	130
2.3.4. Intervalos intergenésicos na comunidade	131
2.4. Número de filhos por casamento e duração das uniões nos grupos de risco	134
2.4.1. Duração das uniões	135

2.5. Número de filhos por casamento e duração das uniões na comunidade	136
3. Mortalidade	139
3.1. Mortalidade infantil nos grupos de risco (1860-1899)	140
3.2. Mortalidade infantil na comunidade (1860-1899)	140
3.2.1. Esperança de vida nas famílias de risco (1860-1899)	142
3.2.2. Esperança de vida dos casados aos 25 anos na comunidade (1700-1730)	144
3.3. Uma abordagem à emigração através dos registos paroquiais.	146
DISCUSSÃO E CONCLUSÕES	149
DISCUSSÃO	151
CONCLUSÕES	153
BIBLIOGRAFIA	159

Índice de Quadros

QUADRO 1 Distribuição geográfica dos doentes com PAF _____	28
QUADRO 2 Fábricas em Unhais da Serra _____	61
QUADRO 3 Idade Média ao 1º Casamento _____	113
QUADRO 4 Idade média ao 1º casamento Observação transversal _____	114
QUADRO 5 Idade média ao 1º casamento – comparação entre paróquias _____	115
QUADRO 6 Origem dos residentes (me percentagem) _____	117
QUADRO 7 Naturalidade dos residentes em Unhais da Serra (sexo masculino) _	119
QUADRO 8 Naturalidade dos residentes em Unhais da Serra (sexo feminino) __	120
QUADRO 9 Taxas de fecundidade por grupos de idade e descendência teórica _	123
QUADRO 10 Idade média da mãe ao nascimento do último filho _____	124
QUADRO 11 Idade média da mãe ao nascimento do primeiro filho _____	124
QUADRO 12 Comparação da taxa de fecundidadelegítima entre diferentes paróquias _____	125
QUADRO 13 Taxas de fecundidade legítima e idade ao casamento 1800-1899 _	126
QUADRO 14 Idade média da mãe ao nascimento do último filho segundo a idade ao casamento 1800 – 1899 _____	127
QUADRO 15 Intervalos intergenésicos médios _____	131
QUADRO 16 Primeiro intervalo intergenésico médio (em meses) _____	132
QUADRO 17 Primeiro intervalo intergenésico médio (Comparação entre paróquias – Antigo Regime) _____	132
QUADRO 18 Intervalos intergenésicos médios _____	133
QUADRO 19 Número de filhos por famílias nos grupos de risco _____	134
QUADRO 20 Número de filhos por união _____	137
QUADRO 21 Duração das uniões em famílias fecundas _____	138
QUADRO 22 Comparação entre o número de filhos por famílias completas (<i>para todas as idades</i>) Antigo Regime _____	138
QUADRO 23 Mortalidade dos menores de 1 ano _____	141
QUADRO 24 Mortalidade dos menores de 5 anos _____	141
QUADRO 25 Mortalidade dos menores de 15 anos _____	142
QUADRO 26 Esperança de vida dos indivíduos casados na comunidade (1700-1730) _____	144
QUADRO 27 Destinos migratórios extraídos dos averbamentos dos óbitos (1870- 1899) _____	147

Índice de Gráficos

GRÁFICO 1 Esperança de vida dos indivíduos casados	145
--	-----

Índice de Mapas

MAPA 1 Freguesias do Concelho da Covilhã	54
--	----

Índice de Figuras

FIGURA 1 Árvore genealógica	107
-----------------------------	-----

Índice de Fotografia

FOTOGRAFIA 1 Vista da Freguesia de Unhais da Serra	56
FOTOGRAFIA 2 um Palheiro de unhais da serra	59